



**Instituto Universitário de Lisboa**

**Escola de Tecnologias e Arquitetura  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo**

**Mestrado Integrado em Arquitetura**

Frederico Rita Pacheco

Projecto Final de Arquitectura

**VERTENTE PROJETUAL**

REQUALIFICAÇÃO DA ZONA DA CALHETA E PORTO DE PESCA DE SINES

Orientador: Arq. Professor Pedro Viana Botelho

**VERTENTE TEÓRICA**

BAIRRO DE CASAS ECONÓMICAS DE FARO / BAIRRO DO BOM JOÃO, FARO, ALGARVE

Orientadora: Arq.<sup>a</sup> Professora Doutora Teresa Madeira da Silva

2015/2016

## **Agradecimentos**

Não é fácil expressar a minha gratidão a todos os que me ajudaram nesta etapa da minha vida. Foram tantas as pessoas que me ‘marcaram’ e tão variadas as formas de o fazerem...

... aos Professores, Doutora Teresa Madeira, minha Orientadora de tese e Arquiteto Pedro Viana Botelho meu Orientador de projeto, pelo incentivo, orientação na pesquisa e realização do trabalho;

... aos Professores Doutores Vasco Moreira Rato, Susana Carvalhosa e José Luís Saldanha, que me ‘aceitaram’ e tornaram possível a implementação das estratégias pedagógicas adequadas à minha necessidade educativa especial e me apoiaram em todos os momentos;

... ao Luís Oriola, ‘os meus ouvidos e a minha voz’, sem o qual não teria sido possível ter acesso aos conhecimentos das aulas e a todo o percurso que, nestes 5 anos, me conduziu até aqui. Ao longo deste tempo, mais do que um Intérprete de LGP, ganhei um amigo que me incentivou nos momentos ‘menos bons’ e me motivou a continuar e não desanimar;

... ao NAU, na pessoa do Luís Martins, pela receção e contactos que tornaram possível a minha integração no ISCTE;

... a todas as pessoas do ISCTE, especialmente à Alice Espada, que sempre se disponibilizaram a ajudar-me;

... à Professora Doutora Paula André, pela sua simpatia e

disponibilidade amiga em me aconselhar;

... à Cátia, por me ter 'salvo' com as normas APA e pelo seu apoio amigo, fundamental na ultimação deste trabalho;

... aos meus Pais, pela grande ajuda ao longo da minha vida, por não terem "cuzados os braços" pelo facto de eu ser surdo e sempre me terem incentivado a lutar por aquilo que realmente quero, sem "pena de mim próprio";

... aos meus Avós, por todas as histórias que me contaram sobre o Bairro do Bom João, a sua visão desde os primórdios e o interesse que me despertaram pela análise arquitetónica do Bairro;

... ao meu primo Luís, que tem sido sempre um 'meu irmão', me 'aturou' nestes 5 anos e com quem partilhei muitos 'bons momentos';

... a todos os Professores que, ao longo destes anos, não tiveram 'medo' de me ensinar;

... a todas as pessoas que me forneceram registos fotográficos antigos do Bairro;

... a todos, o meu MUITO OBRIGADO por me terem ajudado a tornar possível o meu sonho de estudar Arquitetura!

# Índice Geral

11 Requalificação da Zona da Calheta e Porto de Pesca de Sines

VERTENTE PROJETUAL



79 Bairro de Casas Económicas de Faro / Bairro do Bom João

VERTENTE TÓRICA





# Requalificação da Zona da Calheta e Porto de Pesca de Sines

Orientador:  
Professor Arq. Pedro Viana Botelho  
2016

# Índice

21	<b>1. Sines</b>
23	<b>1.1.</b> A escolha do tema
24	<b>1.2.</b> Contextualização histórico-geográfica da cidade de Sines
28	<b>1.3.</b> Localização da Intervenção
33	<b>2. Projeto</b>
35	<b>2.1.</b> Análise da zona a intervir
42	<b>2.2.</b> Proposta de Intervenção
45	<b>2.3.</b> Estratégia de Intervenção: Dar uma nova vida à Calheta e ao Porto de Pesca
59	<b>2.4.</b> Memória Descritiva
77	<b>Referências</b>



**Figura 0** - Entrada Porto de Pesca da Calheta, Anos 60. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)

## Índice de Figuras

- 14 **Figura 0** - Entrada Porto de Pesca da Calheta, Anos 60. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 22 **Figura 1** - Ortofotomapa de Sines ([www.bing.com/mapspreview](http://www.bing.com/mapspreview))
- 24 **Figura 2** - Carta da Costa do Governo de Sines, 1790. (<http://www.igeo.pt>)
- 25 **Figura 3** - Visita de Marcelo Caetano quando do lançamento das obras do porto de Sines, 1971. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 26 **Figura 4** - Construção, 1975. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 27 **Figura 5** - Vista geral no Porto de Sines, anos80. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 28 **Figura 6** - Localização da Intervenção de Sines. ([www.bing.com/mapspreview](http://www.bing.com/mapspreview))
- 29 **Figura 7** - Antigo Porto de Pesca da Calheta. (fotografia do autor F.P.)
- 30 **Figura 8** - Porto de Pesca, Sines. (fotografia do autor F.P.)
- 31 **Figura 9** - Porto de Pesca, Sines. (fotografia do autor F.P.)

- 31 **Figura 10** - Antiga entrada Porto de Pesca da Calheta. (fotografia do autor F.P.)
- 34 **Figura 11** - Zona da Calheta (Ribeira), Sines, décadas de 60/70. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 35 **Figura 12** - Zona da Calheta (Ribeira), Sines, décadas de 60/70. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 36 **Figura 13** - Calheta, Sines, 1909. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 37 **Figura 14** - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **Séc. XVIII**. (desenho do autor Frederico Pacheco)
- 37 **Figura 15** - Planta e projeto da Ribeira de Sines, João Gabriel de Chermont, 1790. (<http://www.igeo.pt>)
- 38 **Figura 16** - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **1940**. (desenho do autor F. P.)
- 38 **Figura 17** - Calheta e Porto de Pesca, Sines, anos 60. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 39 **Figura 18** - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **Anos 70**. (desenho do autor F. P.)
- 39 **Figura 19** - Construção, 1973. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 40 **Figura 20** - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **Anos 80**. (desenho do autor F. P.)
- 40 **Figura 21** - Vista sobre o Porto de Pesca, Sines, anos 80. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 41 **Figura 22** - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **Anos 90 e Atual**. (desenho do autor F. P.)
- 41 **Figura 23** - Vista atual do Porto de Pesca, Sines. (coleção privada

do autor)

- 42 **Figura 24** - Perspetiva de projeto, Calheta, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 43 **Figura 25** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 45 **Figura 26** - Diagramas da Evolução no Porto de Pesca, Sines. (desenho do autor F. P.)
- 47 **Figuras 27 e 28** - A demolir - amarelo (em cima) e a construir - vermelho. ([www.bing.com/mapspreview](http://www.bing.com/mapspreview) e desenho do autor F. P.)
- 48 **Figura 29** - Diagramas de projeto. (desenho do autor F. P.)
- 49 **Figura 30** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 50 **Figura 31** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 50 **Figura 32** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 51 **Figura 33** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 52 **Figura 34** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 52 **Figura 35** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 53 **Figura 36** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 54 **Figuras 37 e 38** - Antes / Depois na Calheta e Porto de Pesca,

Sines: Calheta, anos 60 (dir.) e Construção Porto de Pesca, 1973 (esq.). (<http://cabodesines.blogspot.pt>)

- 55 **Figura 39** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor)
- 54 **Figuras 40 e 41** - Antes / Depois: Calheta e Porto de Pesca, Sines: Calheta, anos 60 (dir.) (<http://cabodesines.blogspot.pt>) e Calheta actual (esq.) (fotografia do autor F.P.).
- 55 **Figura 42** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor)
- 56 **Figura 43** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 56 **Figura 44** - Vista sobre o Porto de Pesca, Sines em Anos 60. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)
- 57 **Figura 45** - Vista atual do Porto de Pesca, Sines. (fotografia do autor F. P.)
- 58 **Figura 46** - Perspetiva de projeto do Restaurante, com visão panorâmica sobre a baía e a zona renovada da Calheta, Sines. (produção 3D do autor F. P.)
- 60 **Figura 47** - Planta Geral. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/400)
- 64 **Figura 48** - Planta Piso 0. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/400)
- 66 **Figura 49** - Planta Piso 1. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/400)
- 68 **Figura 50** - Alçados. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/200)
- 70 **Figura 51** - Cortes. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/200)
- 72 **Figura 52** - Cortes (Calheta). (desenho do autor F. P. original à

Escala 1/200)

- 73 **Figura 53** - Planta Geral (Calheta). (desenho do autor F. P. original à Escala 1/400)
- 73 **Figura 54** - Pormenor de Ponte (Calheta). (desenho do autor F. P. original à Escala 1/20)
- 74 **Figura 55** - Pormenores (Porto de Pesca). (desenho do autor F. P. original à Escalas 1/50 e 1/20)



1

Sines



## 1.1. A escolha do tema

Tendo em atenção o Tema “Sines-Indústria e Estrutura Portuária”, e a necessidade de proceder à escolha de uma área para a realização de um projeto de intervenção, considerei interessante dedicar o desenvolvimento do meu trabalho à zona piscatória de Sines. Escolhi esta zona por ser uma das mais antigas do porto de Sines, já só existindo na memória das pessoas da terra e por, através dos estudos preliminares realizados, perceber que era uma zona problemática em termos da identificação dos sineenses com a sua terra natal.

Esta zona, tendo sido inicialmente o núcleo central da atividade piscatória, foi alvo de alterações ao longo dos séculos, sofrendo a mais profunda remodelação nos anos setenta do século passado, no decurso dos anos finais do Estado Novo, altura em que foi construída uma via rápida de ligação à zona industrial, situada na parte Este de Sines (Central Termoelétrica). O antigo porto foi esquecido e o novo foi crescendo à medida das necessidades, sem que se verificasse grande planeamento nas suas ampliações.

Figura 1 - Ortofotomapa de Sines ([www.bing.com/mapspreview](http://www.bing.com/mapspreview))

## 1.2. Contextualização histórico-geográfica da cidade de Sines

Localizando-se na província do Alentejo, Sines é a sua única cidade de litoral, situando-se entre o concelho de Santiago do Cacém a Norte e Este e o concelho de Odemira a Sul.

As suas origens remontam à Pré-história (Neolítico e Idade do Bronze), considerando-se a atual zona do castelo como o primeiro núcleo urbano (época romana). A história de Sines encontra-se desde sempre ligada ao mar, já que anteriormente à ocupação romana já era importante do ponto de vista comercial.



Figura 2 - Carta da Costa do Governo de Sines, 1790. (<http://www.igeo.pt>)

Não se sabe ao certo qual a origem do seu nome, embora seja possível que derive da palavra “sinus” que em latim significa “baía” e se relaciona com a sua configuração geográfica junto ao mar. Esta baía, oferecendo uma proteção natural para embarcações, fez de Sines uma vila piscatória com tradição ao longo dos séculos.

Vasco da Gama, importante navegador português da época dos Descobrimientos, que permitiu a ligação marítima entre a Europa e a Índia, nasceu em Sines, em 1468.

Séculos mais tarde (segunda metade do Séc. XIX), a indústria corticeira e da conserva impulsionaram o desenvolvimento económico de Sines, embora apenas já no Séc. XX, a partir da década de 70, se dê o grande desenvolvimento económico/industrial, com a intenção do governo de Marcelo Caetano de aí construir o maior complexo portuário e industrial do País.



Figura 3 - Visita de Marcelo Caetano quando do lançamento das obras do porto de Sines, 1971. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)

Sines, pelas suas características geográficas particulares, junto ao litoral, com um porto de abrigo natural de águas profundas permitindo a atracagem de barcos de grande calado, fizeram dela a

sua escolha ideal.

A década de 70 do século passado, caracteriza-se então por alterações complexas a nível paisagístico, com a construção do Pólo Industrial de Sines, altura em que a localidade sofre uma grande pressão a nível urbanístico e de infraestruturas, com repercussões sociais importantes, nomeadamente no que se refere a aspetos histórico/culturais.



**Figura 4 - Construção, 1975.**  
(<http://cabodesines.blogspot.pt>)

As alterações ocorridas, muitas vezes à margem da vontade dos seus residentes, especialmente no que se refere a questões ambientais, cria desconforto social, realizando-se em Sines, em 1982, a primeira “Greve Verde” do País, na sequência de situações diversas de poluição industrial.

Em 1997 Sines foi elevada a cidade e embora a zona que a envolve ainda se caracterize por chaminés industriais, contentores e grandes extensões de tubagens metálicas, o final do século passado e o início do atual século XXI, marcam uma nova vida no que se refere ao Porto de Sines, especialmente a nível da sua componente comercial.



**Figura 5 - Vista geral no Porto de Sines, anos80.** (<http://cabodesines.blogspot.pt>)

### 1.3. Localização da Intervenção

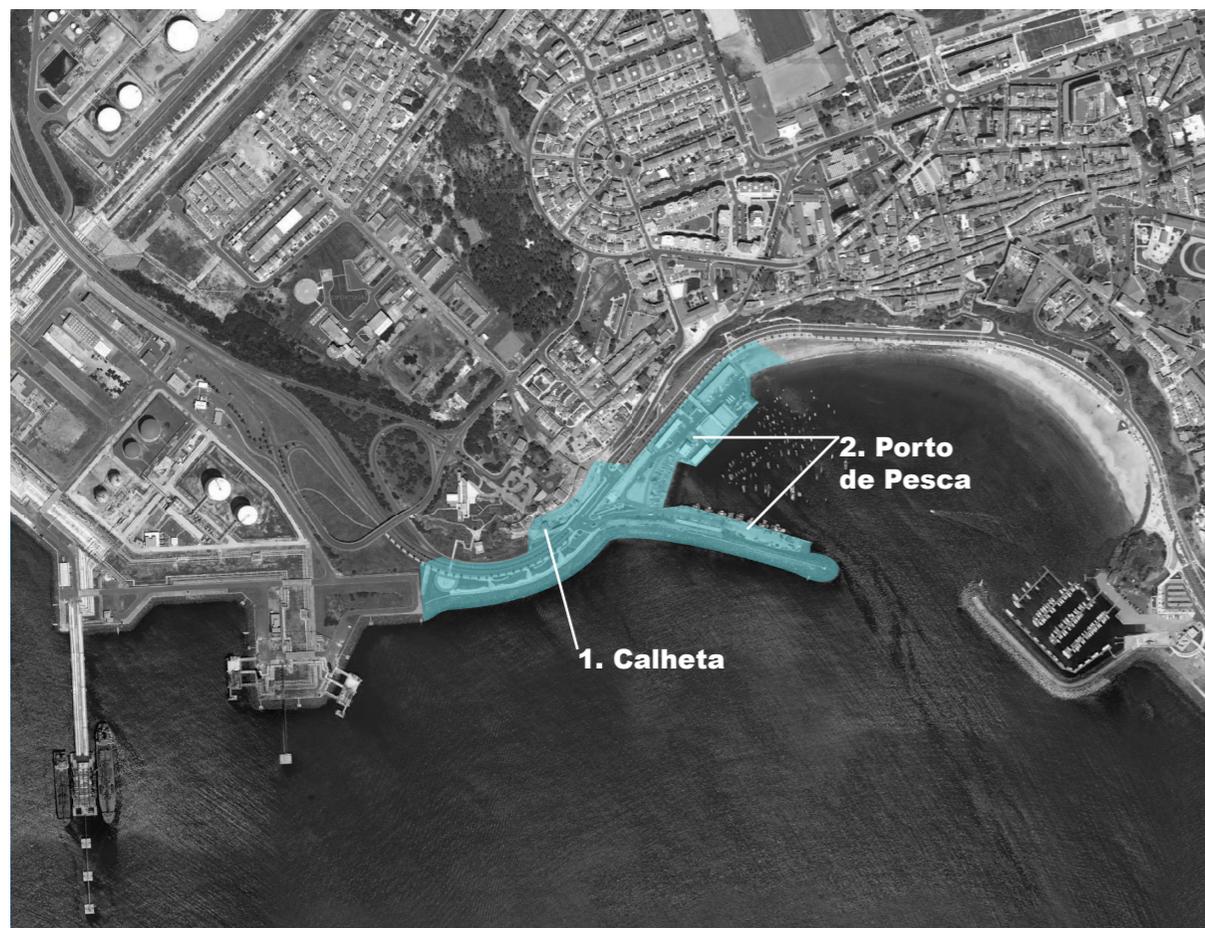


Figura 6 - Localização da Intervenção de Sines. (www.bing.com/mapspreview)

### 1. Calheta

Situada na zona Sudoeste da baía de Sines, a Calheta foi durante séculos considerada como o melhor porto do Alentejo, pelas suas condições naturais de abrigo e águas profundas.

Embora geograficamente as suas condições fossem das mais favoráveis de toda a costa sul, em épocas de temporais, acostar na Calheta era tarefa bem difícil, pelo que, muitos foram os projetos para aumentar e melhorar este porto piscatório (destacando-se no sé. XVII o projeto do Engenheiro Militar Alexandre Massai). As grandes obras iniciadas nos anos setenta do século XX, sobre a tutela do governo Marcelista dos fins do Estado Novo e continuadas desde então, conduziram ao aterramento da zona e construção de uma via rápida de ligação à zona industrial que praticamente destruíram ou pelo menos ocultaram, os vestígios do antigo porto de Sines – a Calheta.



Figura 7 - Antigo Porto de Pesca da Calheta. (fotografia do autor F.P.)

## 2. Porto de Pesca

A história do Porto de Pesca de Sines e a sua localização, estão intimamente ligadas à história da Calheta.

O Porto de Pesca de Sines, ao longo de vários séculos e até aos anos 70 do século passado, era a Calheta, o porto de pesca mais importante do Sul do País.

Quando o Porto de Sines começou a ganhar consistência a nível das políticas económicas/industriais do país, o Porto de Pesca e a atividade piscatória pareceram perder importância e ficar relegados para segundo plano.

A determinação das gentes de Sines ligadas ao sector piscatório, contudo, sempre impulsionou a luta por melhores condições e o Porto de Pesca embora não na sua localização ancestral e, de certa forma, de “costas voltadas” para ela, foi melhorado no que se refere a estruturas e condições de acostagem conferidas pelo quebra-mar.



Figura 8 - Porto de Pesca, Sines. (fotografia do autor F.P.)



Figura 9 - Porto de Pesca, Sines. (fotografia do autor F.P.)

### Objeto da Intervenção (Resumo)

A constatação de que a zona da antiga Calheta e do atual Porto de Sines constituem um constrangimento de há décadas, não resolvido pelos locais que viram perdida a imagem da sua terra pela destruição de zonas de referência, impulsionou a presente proposta de intervenção que visa a requalificação destas duas áreas, integrando-as de novo na cidade, por forma a possibilitar a sua vivência por parte não só dos seus habitantes, mas também de quantos visitem Sines.



Figura 10 - Antiga entrada Porto de Pesca da Calheta. (fotografia do autor F.P.)





Figura 11 - Zona da Calheta (Ribeira), Sines, décadas de 60/70. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)

## 2.1. Análise da zona a intervir

### Calheta

Como já referido, a Calheta constitui-se como o ponto histórico mais interessante a nível da atividade piscatória. Foi aí que a atividade se iniciou e se manteve até às obras de ampliação do porto de pesca e, em nosso entender, este aspeto constitui-se como uma potencialidade que irá determinar a intervenção preconizada.

O facto de se encontrar na proximidade do antigo Forte de Nossa Senhora das Salvas, ou Forte do Revelim, construção do séc. XVII, considerado Monumento de Interesse Público desde 1978 e pequeno miradouro que permite uma vista sobre a baía de Sines, a zona da Calheta é também um atrativo natural de relevância turística, que importa potenciar.

Enquanto porto piscatório, a Calheta desapareceu com as obras de construção da via rápida no início dos anos 70, no sentido de desenvolver a zona e tornar o Porto de Sines como o principal porto industrial/comercial do sul do País. A pesca foi considerada uma atividade secundária, tendo havido inicialmente a intenção de deslocar os pescadores e a sua atividade para outra zona.

Por outro lado, a baía de Sines, ao longo dos anos, revelou-se uma importante estância balnear, onde as populações do interior do Alentejo podiam usufruir da praia, vivendo durante essa época em casas alugadas a locais.

A construção do porto e respetiva zona piscatória relegaram a

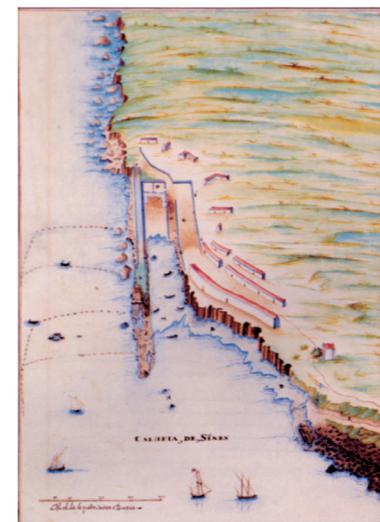


Figura 12 - Zona da Calheta (Ribeira), Sines, décadas de 60/70. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)

Calheta e a zona balnear para segundo plano e Sines iniciou uma época de desenvolvimento industrial, em que a sua cultura e tradição foram negligenciadas e quase esquecidas.

Com o desaparecimento da relevância da zona da Calheta, Sines perdeu um marco histórico, representativo de uma época em que a Calheta era um importante porto piscatório, cujos constantes melhoramentos constituíram um exemplo da vontade do homem em superar as condições adversas do mar.

### Zona Portuária de Sines

Um dos aspetos fundamentais do Porto de Sines é o facto de ser um dos mais importantes de Portugal, concentrando um volume considerável de tráfego de mercadorias, pelo que se constitui como vetor de desenvolvimento económico do País e da região.

Contudo, este Porto, essencialmente industrial e comercial, mais do que um porto piscatório propriamente dito, a partir da década de 70 do século passado, foi desenvolvido sem grande organização, segundo as necessidades da altura, não existindo ordenamento nem coerência nas suas funções no que diz respeito ao Porto Piscatório.



Figura 13 - Calheta, Sines, 1909. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)



Figura 14 - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **Séc. XVIII**. (desenho do autor Frederico Pacheco)

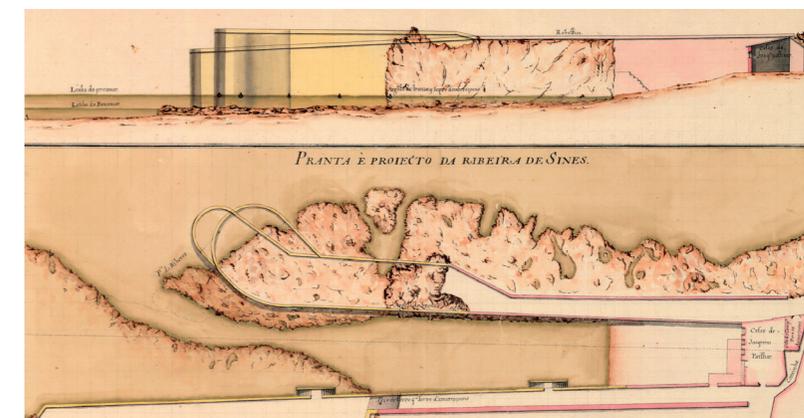
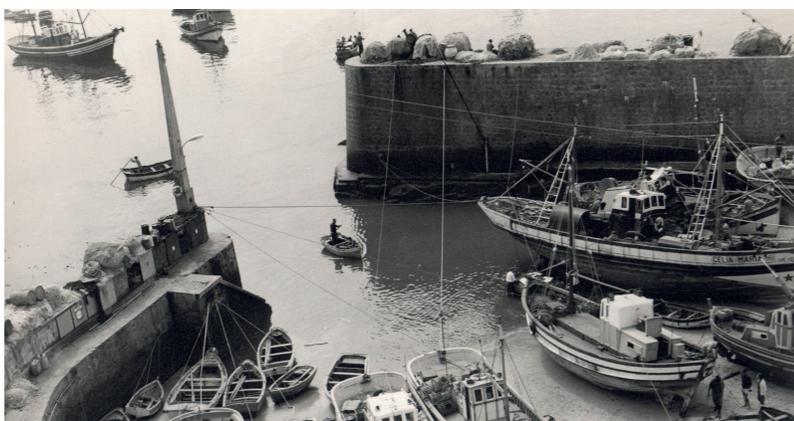


Figura 15 - Planta e projeto da Ribeira de Sines, João Gabriel de Chermont, 1790. (<http://www.igeo.pt>)



**Figura 16** - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **1940**. (desenho do autor F. P.)



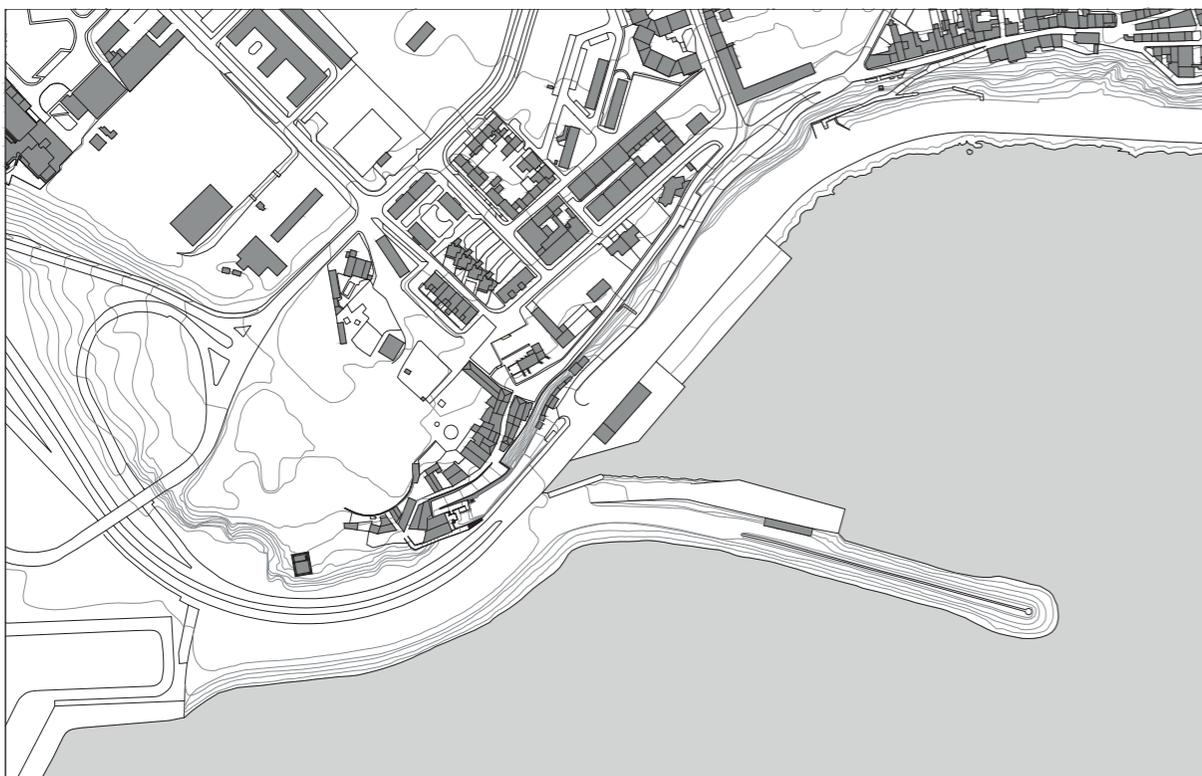
**Figura 17** - Calheta e Porto de Pesca, Sines, anos 60. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)



**Figura 18** - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **Anos 70**. (desenho do autor F. P.)



**Figura 19** - Construção, 1973. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)



**Figura 20** - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **Anos 80**. (desenho do autor F. P.)



**Figura 21** - Vista sobre o Porto de Pesca, Sines, anos 80. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)



**Figura 22** - Evolução da Calheta e Porto de Pesca, Sines: **Anos 90 e Atual**. (desenho do autor F. P.)



**Figura 23** - Vista atual do Porto de Pesca, Sines. (coleção privada do autor)

## 2.2. Proposta de Intervenção

### Calheta

A nossa proposta de intervenção pretende devolver a importância à zona antiga da Calheta, através do reposicionamento do Porto de Pesca.

Nesta intervenção, considera-se ainda importante, restituir a antiga configuração geográfica da baía, a única existente no litoral alentejano com esta dimensão, fazendo o mar chegar de novo à Calheta e devolvendo a Sines um dos seus 'ex-libris'.

No sentido de perpetuar a memória e homenagear a identidade cultural das gentes de Sines, propõe-se a criação de uma zona museológica na Calheta, reaproveitando os antigos armazéns aí existentes.



Figura 24 - Perspetiva de projeto, Calheta, Sines. (produção 3D do autor F. P.)

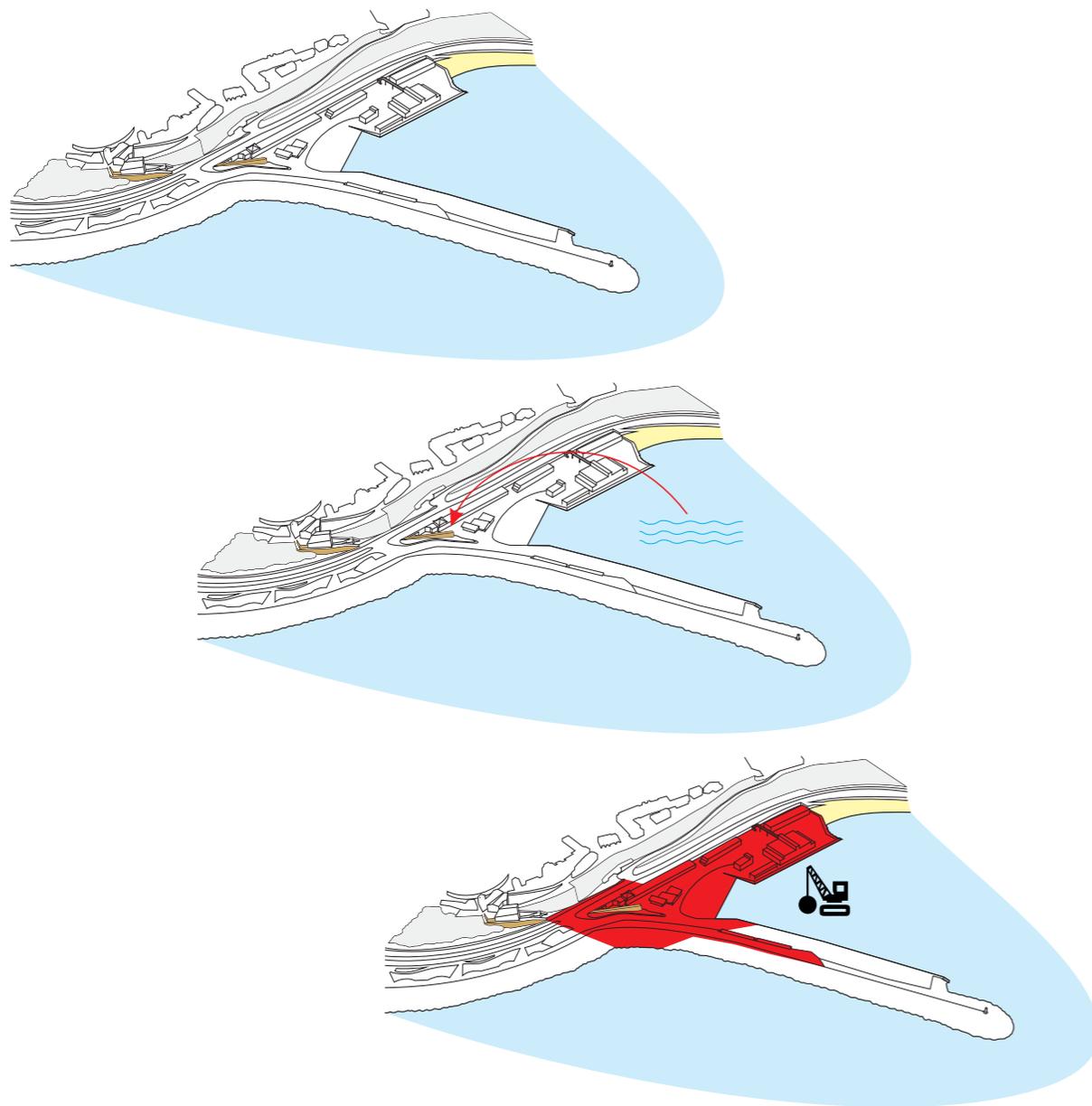
### Porto de Pesca

De modo a congregar num só espaço toda a infraestrutura portuária, presentemente dispersa, propõe-se a ampliação/alargamento do antigo quebra-mar, a construção de seis edifícios (cada um com funções próprias) e uma zona de abastecimento de combustíveis. Estes edifícios, embora espaçados entre si, constituem uma estrutura única, cuja unidade é conferida pela sua cobertura comum. Os espaços entre os edifícios serão utilizados pelas diversas atividades piscatórias que, através da cobertura unificadora, usufruem de condições de proteção climática nas várias estações do ano.

A parte posterior do quebra-mar será dedicada a armazéns de aprestos, oficinas de reparação naval, equipamentos de apoio e arrumos dos pescadores.



Figura 25 - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)



### 2.3. Estratégia de Intervenção: Dar uma nova vida à Calheta e ao Porto de Pesca

A intervenção pretende dotar Sines de infraestruturas piscatórias modernas e adequadas às necessidades da atualidade, devolvendo-lhe contudo a sua configuração geográfica anterior à industrialização. Visando a requalificação da Calheta e a sua importância histórica, o projeto pretende ainda permitir a reaproximação da população, residente e sazonal, desta zona, tornando-a um ponto central de interesse histórico e económico de Sines.

Este objetivo é conseguido pelo reaproveitamento de uma zona que se encontrava exclusivamente destinada ao porto piscatório, através da aproximação do mar, como era nos primórdios, criando uma zona para atividades náuticas e uma zona museológica.

A ampliação/alargamento do atual quebra-mar do porto piscatório, irá permitir juntar num só espaço todas as infraestruturas portuárias necessárias.

#### Requalificação na Calheta

A análise da zona em estudo permitiu perceber a existência de condicionamentos à intervenção, como é o caso da existência de um viaduto que cobre parte da antiga ribeira, interrompendo a sua natural ligação ancestral ao mar, sendo apenas visível na zona de entrada do porto piscatório o que resta dos seus antigos muros.

Tendo em atenção este constrangimento, a requalificação proposta

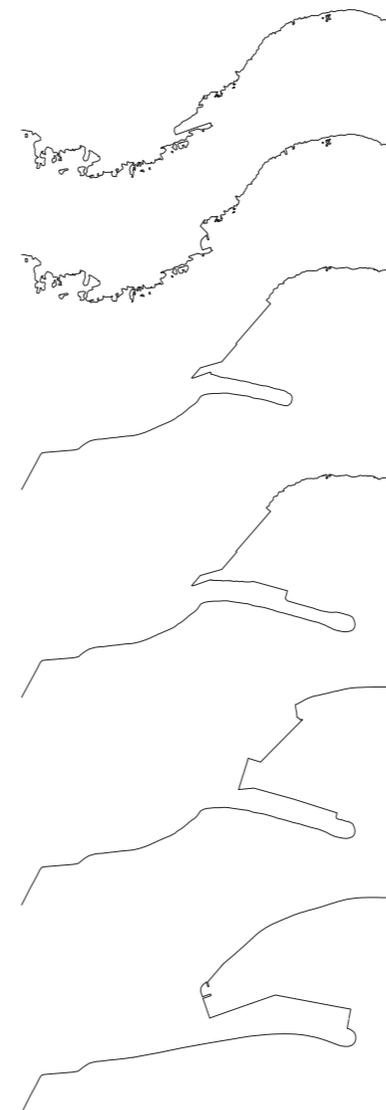
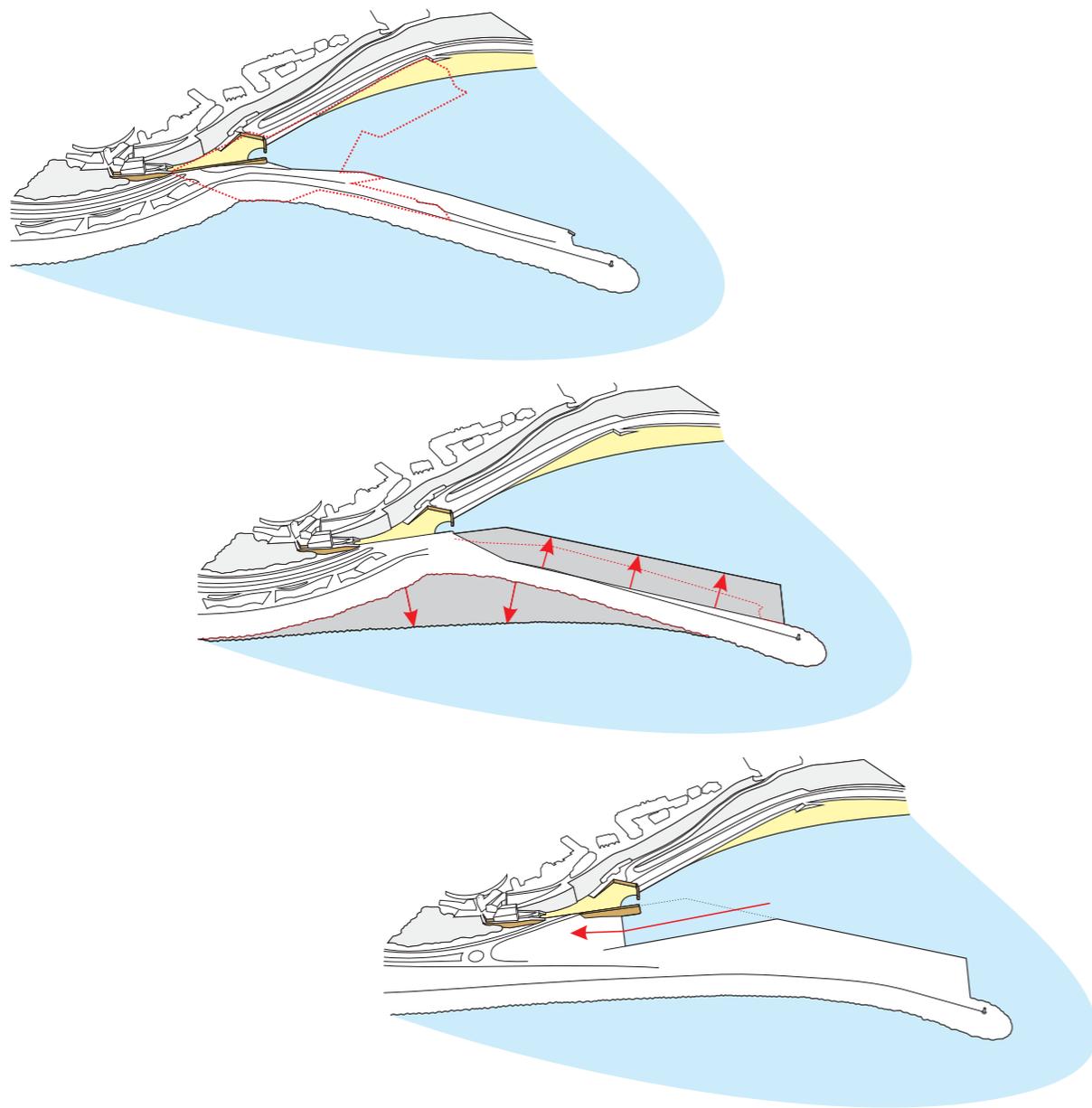


Figura 26 - Diagramas da Evolução no Porto de Pesca, Sines. (desenho do autor F. P.)



implica a demolição do viaduto existente e de parte da via rápida de acesso ao porto, construindo no local um novo viaduto (com zona de circulação para velocípedes e peões), cuja estrutura, mais leve (assente apenas em dois pilares), reduza o impacto visual e permita desimpedir a ligação entre o mar e a nova zona museológica. Esta ligação será conseguida através da remoção da zona aterrada junto ao que resta do antigo muro da Calheta, por forma a permitir a entrada de água.



**Figuras 27 e 28** - A demolir - amarelo (em cima) e a construir - vermelho. (www.bing.com/mapspreview e desenho do autor F. P.)

Propõe-se a criação de um polo museológico constituído pelo antigo armazém ainda existente (em que no r/c eram guardadas

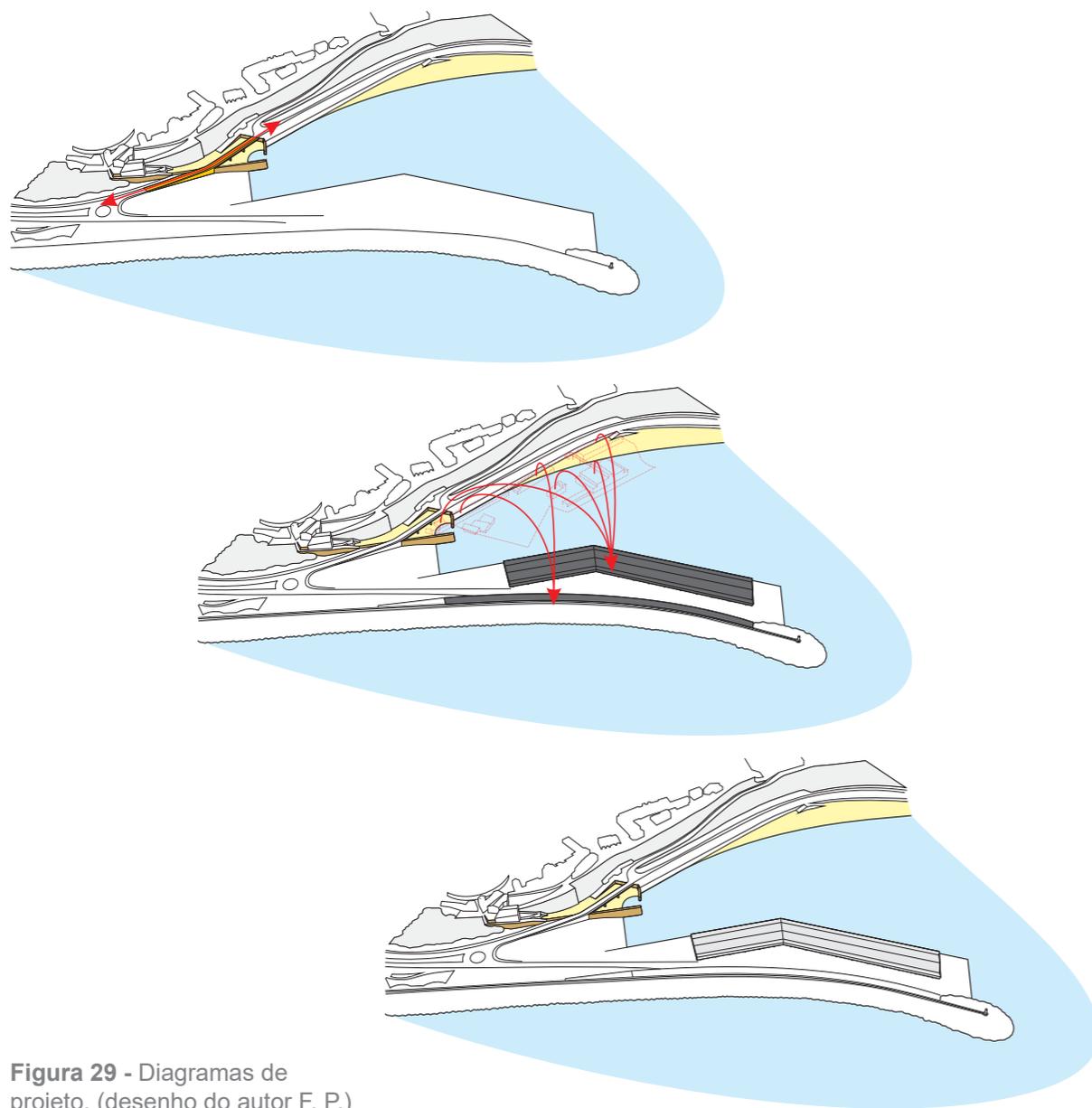


Figura 29 - Diagramas de projeto. (desenho do autor F. P.)



Figura 30 - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)



Figura 31 - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)

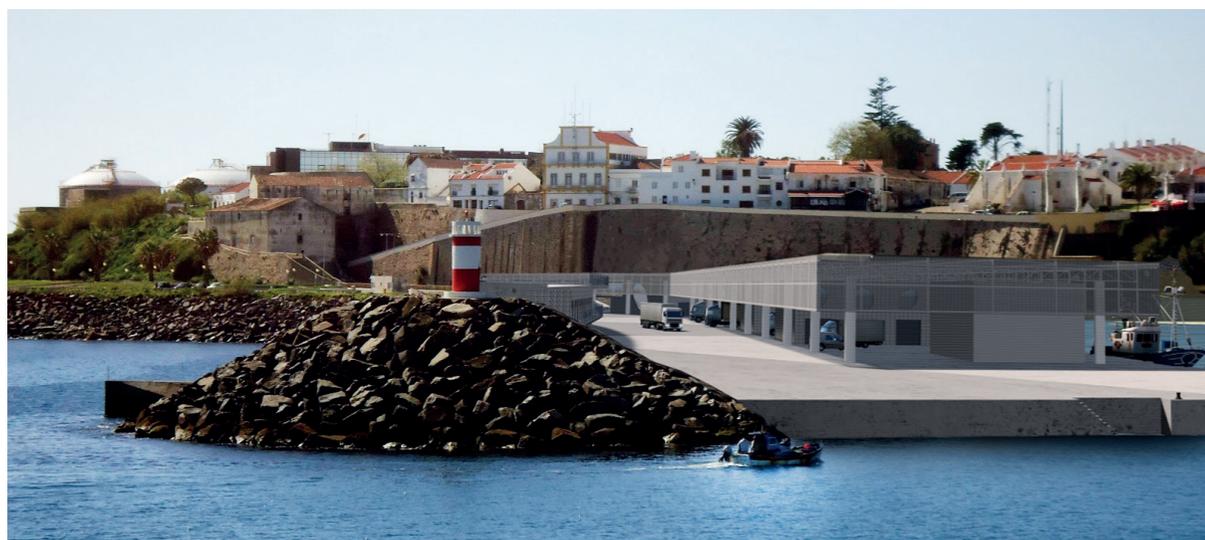


Figura 32 - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)

embarcações e no 1º andar era armazenada a cortiça), com exposição de gravuras e textos sobre a evolução da zona, desde os primórdios até à atualidade e, na sua zona exterior, funcionando como Museu aberto, eventual exposição de antigas embarcações que ainda possam existir, representativas da atividade piscatória.

### **Requalificação do Porto de Pesca**

A requalificação do porto piscatório de Sines passa pelo seu reposicionamento, congregando numa área única, as distintas valências que atualmente se encontram espacialmente dispersas.

Para concretizar este objetivo é necessária a ampliação do quebra-mar existente e construção de um novo varadouro, permitindo deste modo transferir para essa zona, toda a atual área do porto, construindo de raiz um “Novo Porto de Pesca” planeado de acordo com as múltiplas funções.



Figura 33 - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)

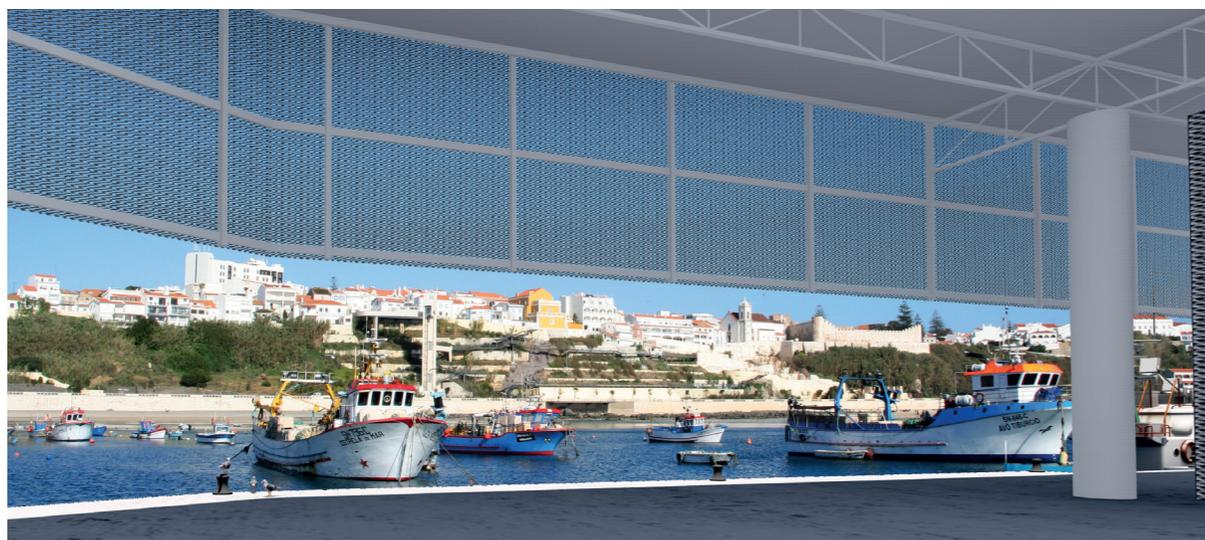


Figura 34 - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)

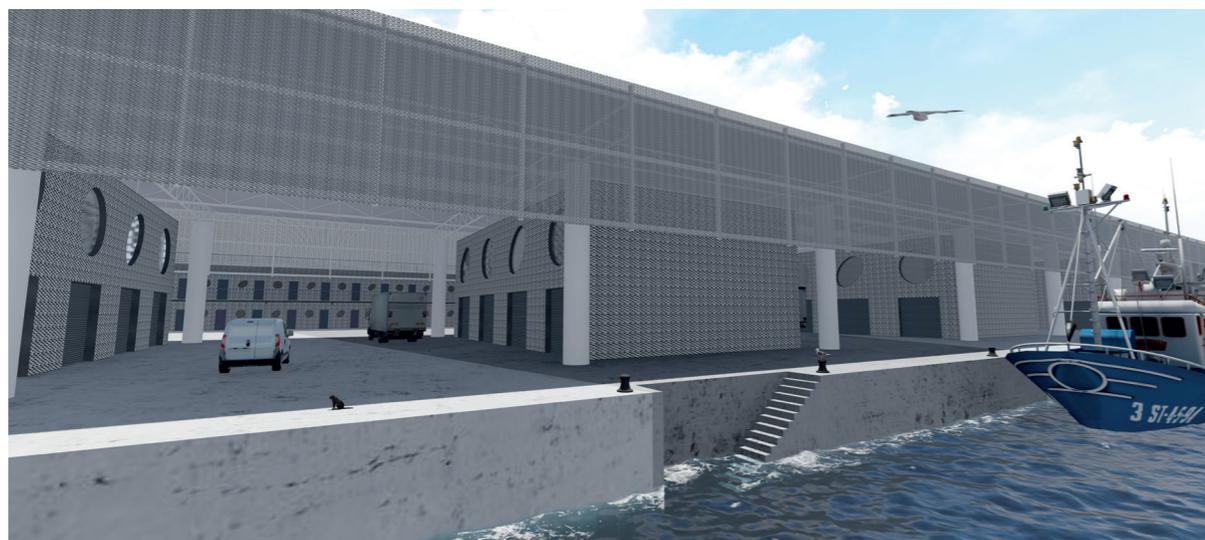


Figura 35 - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)

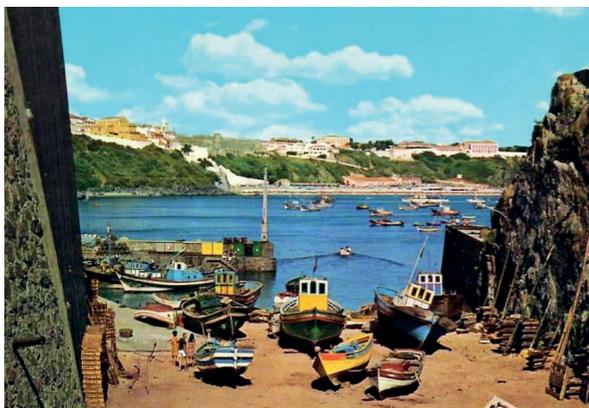
Neste entendimento, proceder-se-á à demolição da zona portuária (Norte) transferindo-a para a zona do porto de pesca (lado Sul) criando uma só estrutura (Núcleo de Estruturas Piscatórias) com as valências necessárias às funções de porto de pesca, lota, armazenamento e centro de distribuição do pescado e ainda uma zona para serviços administrativos.

A intervenção efetuada no quebra-mar irá permitir o acesso ao novo Porto de Pesca através de uma rotunda a implementar na via existente.

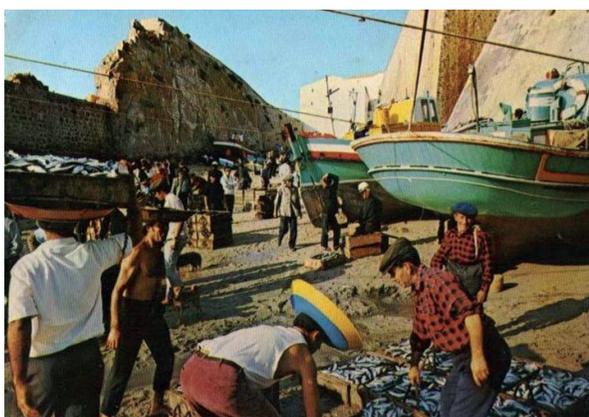
Será colocada areia na zona interior da Calheta, tal como era antigamente podendo este novo espaço ser utilizado pela população para aceder ao mar (canoas, pequenos barcos à vela...) e permitir a realização de atividades náuticas individuais de lazer.



Figura 36 - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)



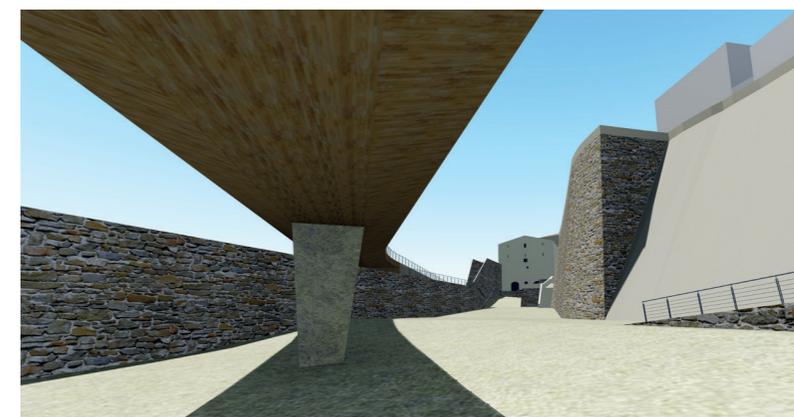
**Figuras 37 e 38** - Antes / Depois na Calheta e Porto de Pesca, Sines: Calheta, anos 60 (dir.) e Construção Porto de Pesca, 1973 (esq.). (<http://cabodesines.blogspot.pt>)



**Figuras 40 e 41** - Antes / Depois: Calheta e Porto de Pesca, Sines: Calheta, anos 60 (dir.) (<http://cabodesines.blogspot.pt>) e Calheta actual (esq.) (fotografia do autor F.P.).



**Figura 39** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)



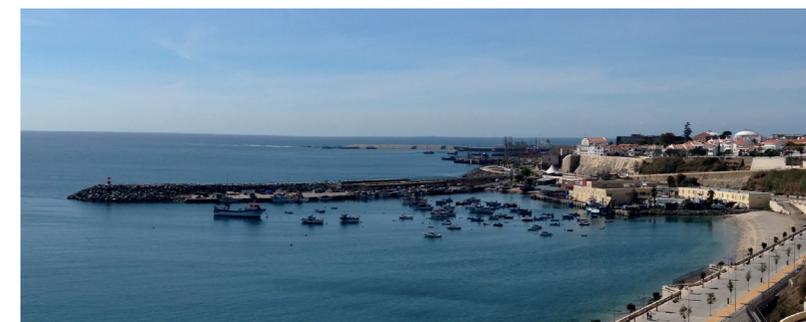
**Figura 42** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)



**Figura 43** - Perspetiva de projeto, Sines. (produção 3D do autor F. P.)



**Figura 44** - Vista sobre o Porto de Pesca, Sines em Anos 60. (<http://cabodesines.blogspot.pt>)



**Figura 45** - Vista atual do Porto de Pesca, Sines. (fotografia do autor F. P.)



**Figura 46** - Perspetiva de projeto do Restaurante, com visão panorâmica sobre a baía e a zona renovada da Calheta, Sines. (produção 3D do autor F. P.)

## 2.4. Memória Descritiva

O novo Porto de Pesca, situado no quebra-mar ampliado, é constituído por duas zonas, distintas em termos da sua função:

**1. Núcleo das Estruturas Piscatórias** – zona dedicada às principais estruturas logísticas do porto de pesca (Figura 47)

**2. Zona de apoio às atividades de pesca**, encostada à parte posterior do quebra-mar, destinada a lojas, oficinas e armazéns de apoio aos pescadores. (Figura 47)

### **Núcleo das Estruturas Piscatórias (NEP)**

O **NEP** pretende ser uma estrutura de construção rápida, simples e leve, permitindo alterações nas divisórias em função das necessidades, sendo composto por seis edifícios e uma área abastecedora de combustíveis, tornando o movimento funcional mais fácil.

É constituído por uma estrutura em ferro, assente em pilares de betão e uma cobertura única em chapa zincada, com tratamento anti sal e dejetos de gaivota, comum aos vários edifícios. Para o revestimento exterior de cada edifício, cobertura e suas laterais, será usado “*Expanded Metal Mesh*”.

Os espaços entre cada edifício, destinados às diversas atividades piscatórias, usufruem de condições de proteção climática, conferida pela cobertura comum e unificadora de todo o conjunto.

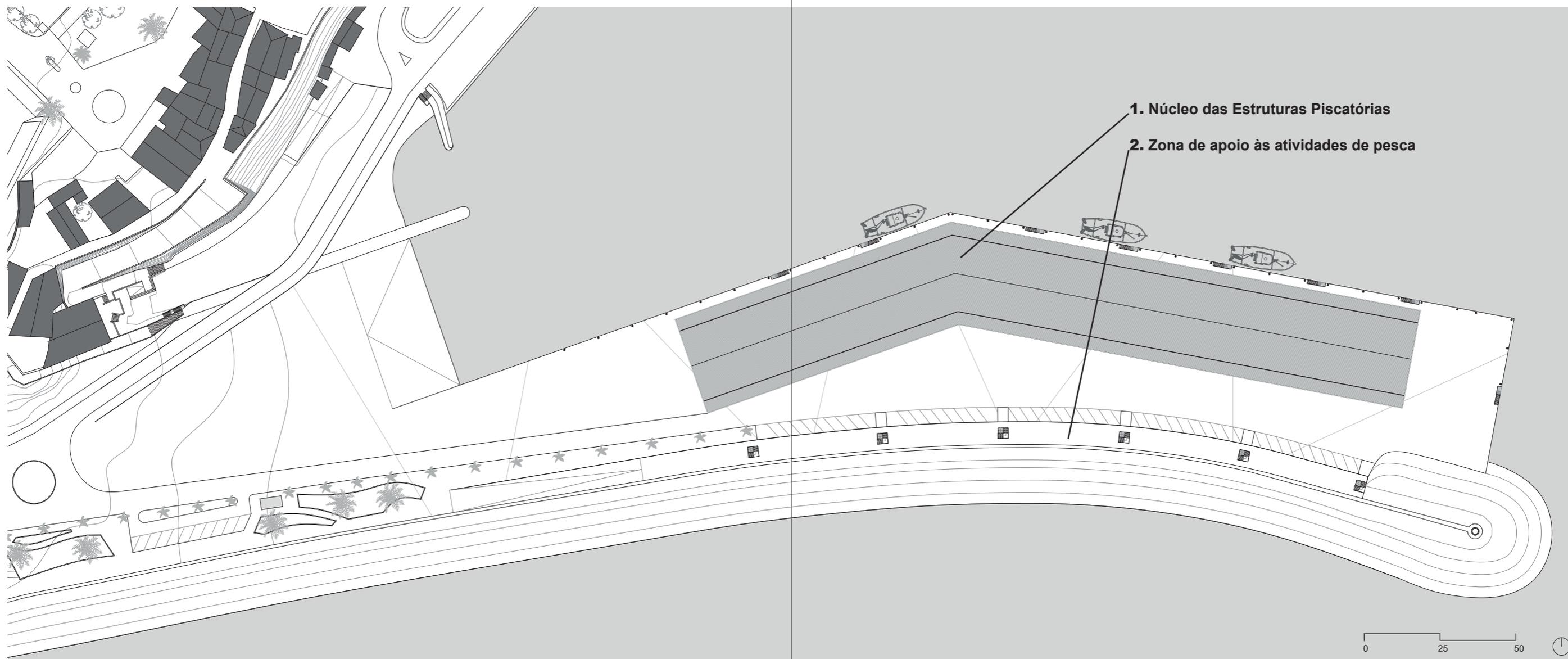


Figura 47 - Planta Geral. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/400)

O cais, ocupa toda esta zona do quebra-mar e permite a acostagem de barcos de pequeno e grande calado.

Considera-se importante salientar o espaço entre o segundo e terceiro edifícios, que se denomina 'Praça da Lota', que foi concebido para o desenvolvimento das atividades inerentes à Lota, razão pela qual possui uma área maior.

- O primeiro edifício do NEP é destinado a Restaurante, com visão panorâmica sobre a baía e a zona renovada da Calheta.

- O segundo edifício – edifício da Lota – divide-se a nível do piso 0 numa zona destinada ao leilão de pescado, que se prolonga em altura até ao piso 1. A restante área do piso 0 é destinada a Instalações Sanitárias (I.S.) e Serviços Administrativos, os quais se prolongam ao piso 1. O primeiro piso, dotado a meio de uma parede envidraçada que permite visão sobre a zona onde se efetua o leilão de pescado, possui ainda uma Sala de Reuniões.

- O terceiro edifício destina-se a Fábrica de Gelo, Armazéns de Caixas Plásticas para Transporte de peixe e Serviços de Apoio (I.S. e Cacifos).

- Os três edifícios seguintes, cada um dos quais com 8 lojas, ocupando cada loja dois pisos, destinam-se a Armazéns de Comerciantes (armazéns individuais de apoio a titulares de unidades pesqueiras) com zona Administrativa de apoio à atividade piscatória.

- A última estrutura existente destina-se a posto de Abastecimento de combustíveis e receção de óleos usados.

### **Zona de apoio às atividades de pesca**

Tendo em atenção a necessidade de espaço para as inúmeras atividades de preparação da faina pesqueira, foi concebida uma estrutura em betão, encostada à zona posterior do quebra-mar constituída por dois pisos. Esta zona possui duas funções diferentes:

uma, destinada a armazéns para os pescadores guardarem os seus materiais e outra, destinada a oficinas e/ou lojas.

A zona de armazéns possui dois pisos independentes, cada um com 22 espaços de arrumos de pesca, sendo o acesso aos armazéns superiores feito por uma escada e passadiço exteriores.

A outra zona é constituída por lojas de aprestos e oficinas de manutenção ocupando os dois pisos, destinando-se o piso de baixo a zona pública (com instalações sanitárias) e o piso superior a escritórios ou arrumos.

A cobertura destas estruturas, também em betão, constitui um passadiço superior para peões, com escadas de acesso à zona do porto.

### **Funcionamento do Porto de Pesca**

O Fundeadouro recebe os barcos de pesca (pequenos), que descarregam o pescado no Cais de Descarga de Pesca Artesanal e de Arrasto. Os barcos de maior calado, acostam ao Cais de Descarga de Pesca de Cerco. Ambos os cais têm acesso ao terreno onde se situa a 'Praça da Lota', onde se procede à arrumação do pescado, a qual é realizada em função do tamanho dos peixes (separados nas caixas plásticas laranja). Desta zona, o pescado já separado segue para a lota, onde é realizado o leilão, após o qual, será acondicionado com gelo, na Fábrica de Gelo, em Caixas Plásticas para Transporte.

No final deste processo, o pescado é guardado nos Armazéns de Comerciantes onde os camiões o irão buscar e transportar para o mercado, supermercados ou restaurantes.

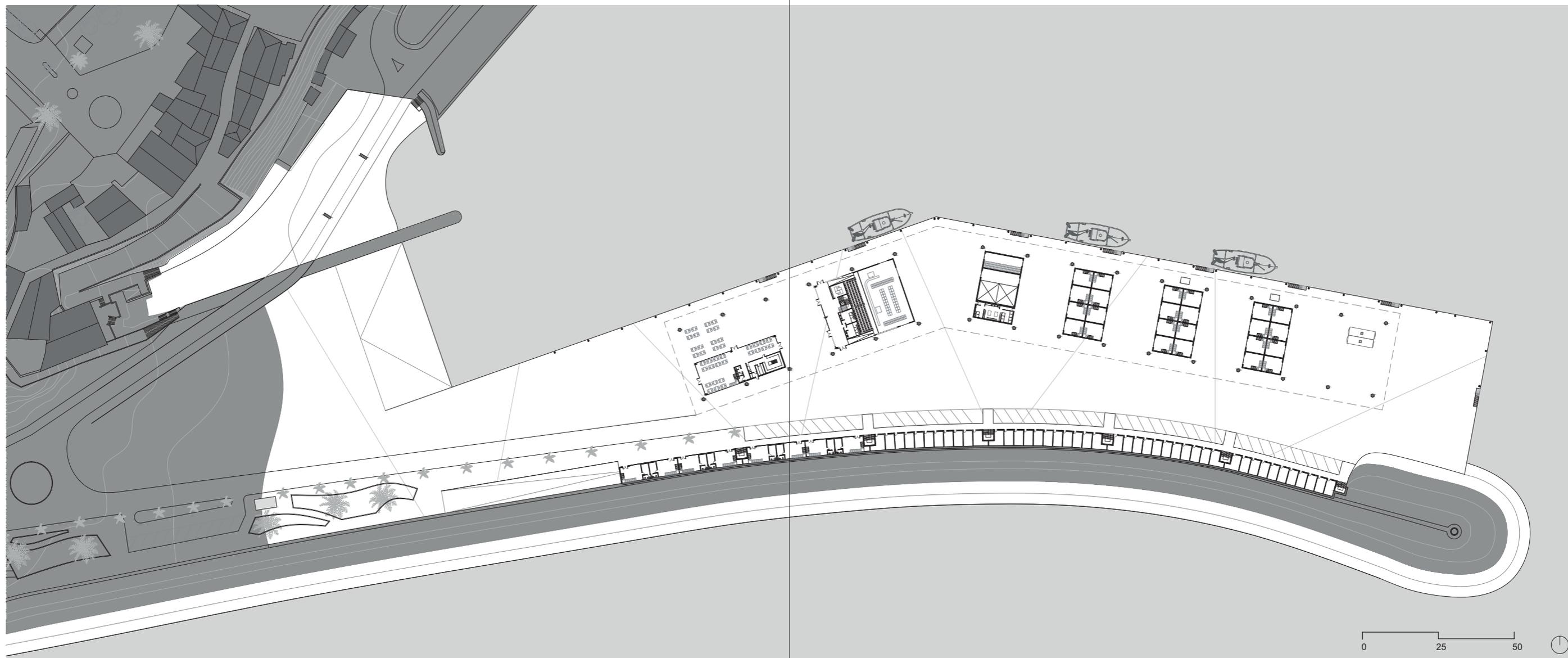


Figura 48 - Planta Piso 0. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/400)

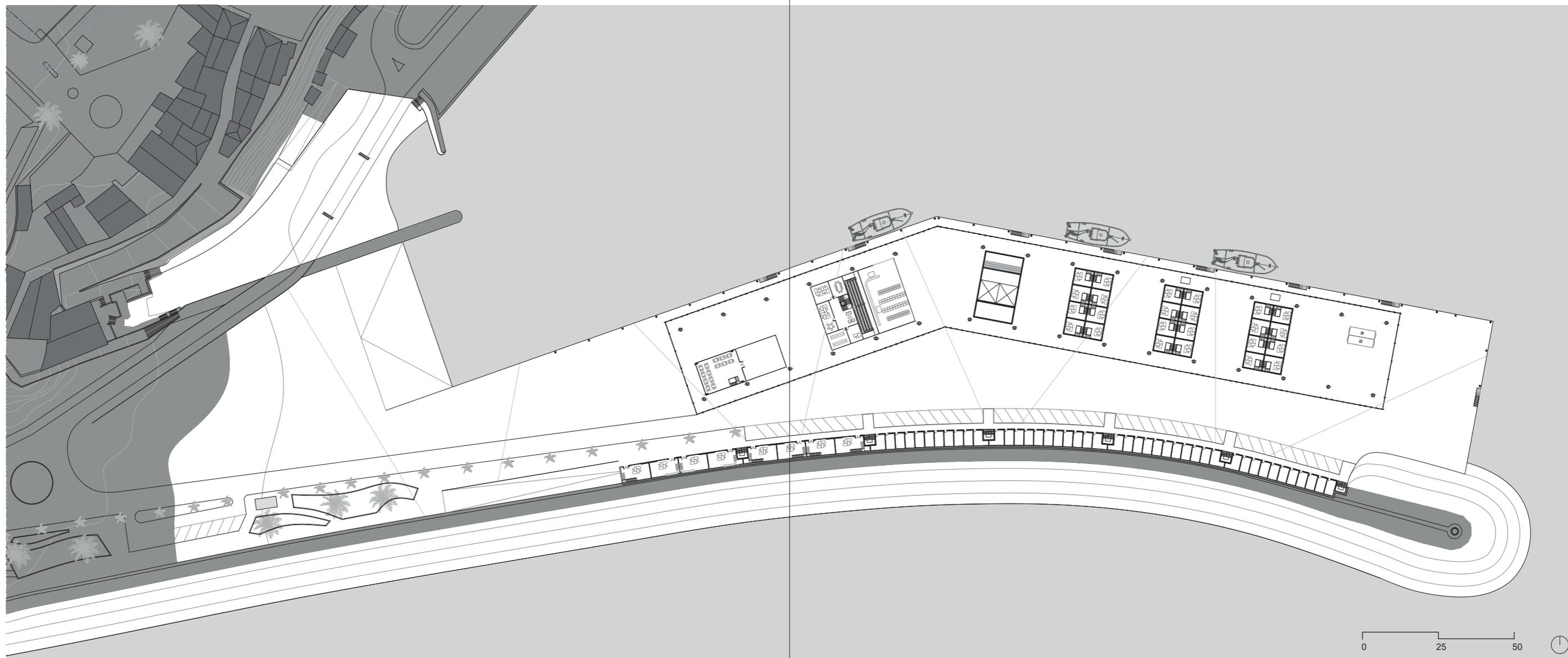


Figura 49 - Planta Piso 1. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/400)

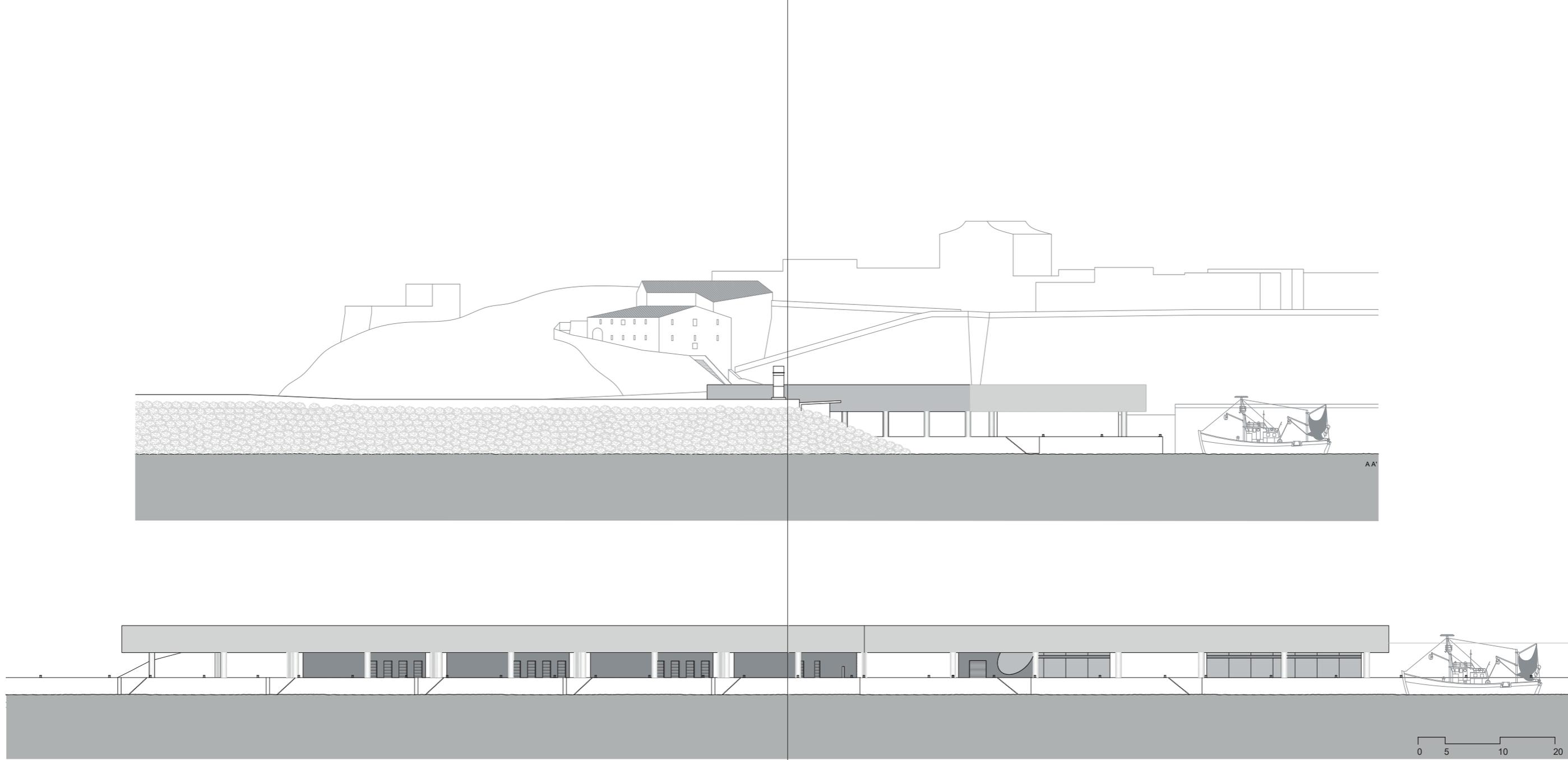


Figura 50 - Alçados. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/200)

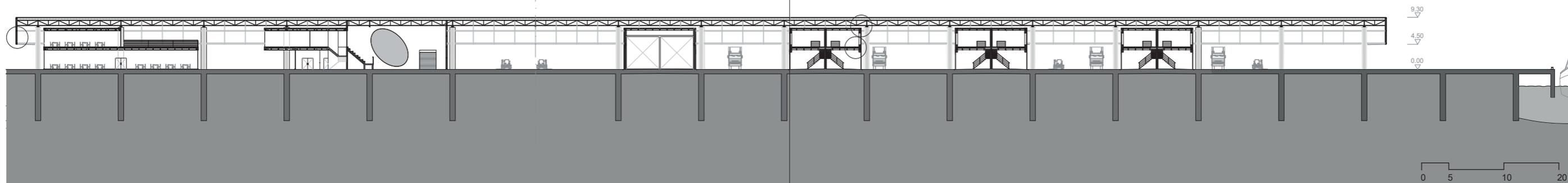
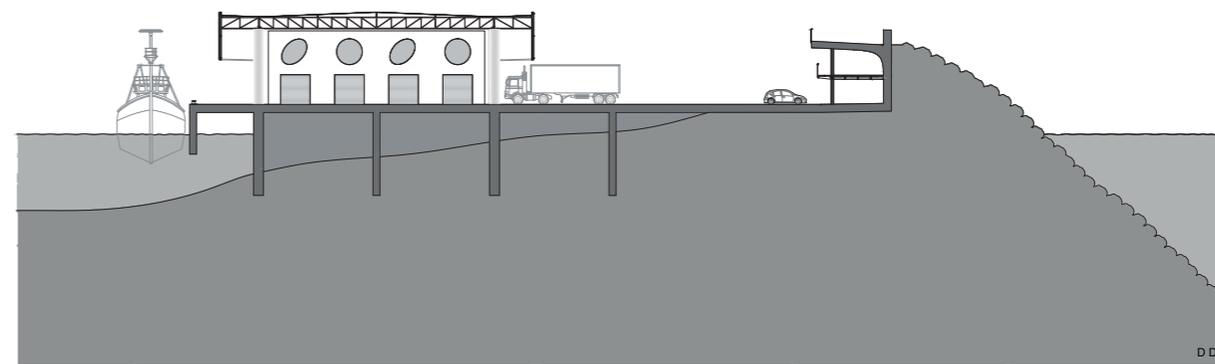
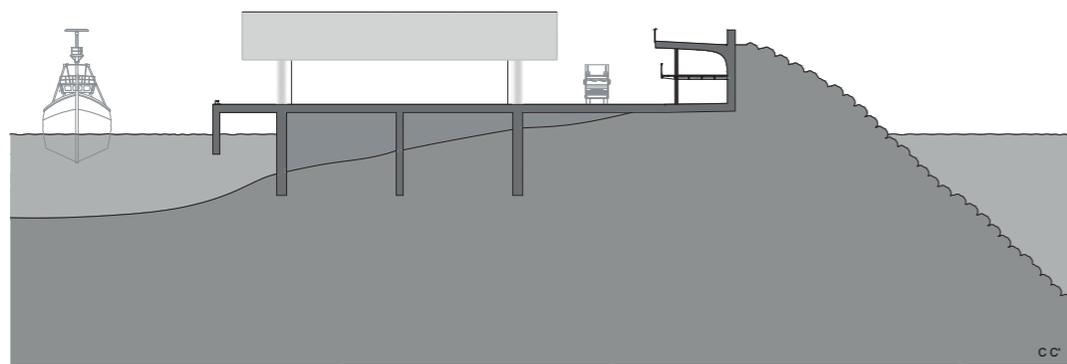


Figura 51 - Cortes. (desenho do autor F. P. original à Escala 1/200)

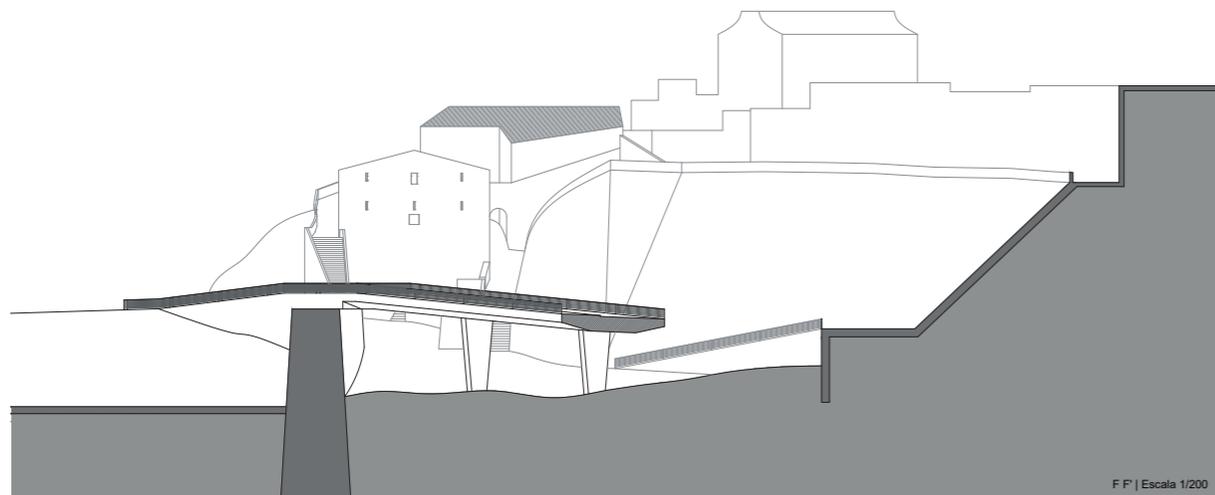


Figura 52 - Cortes (Calheta). (desenho do autor F. P. original à Escala 1/200)

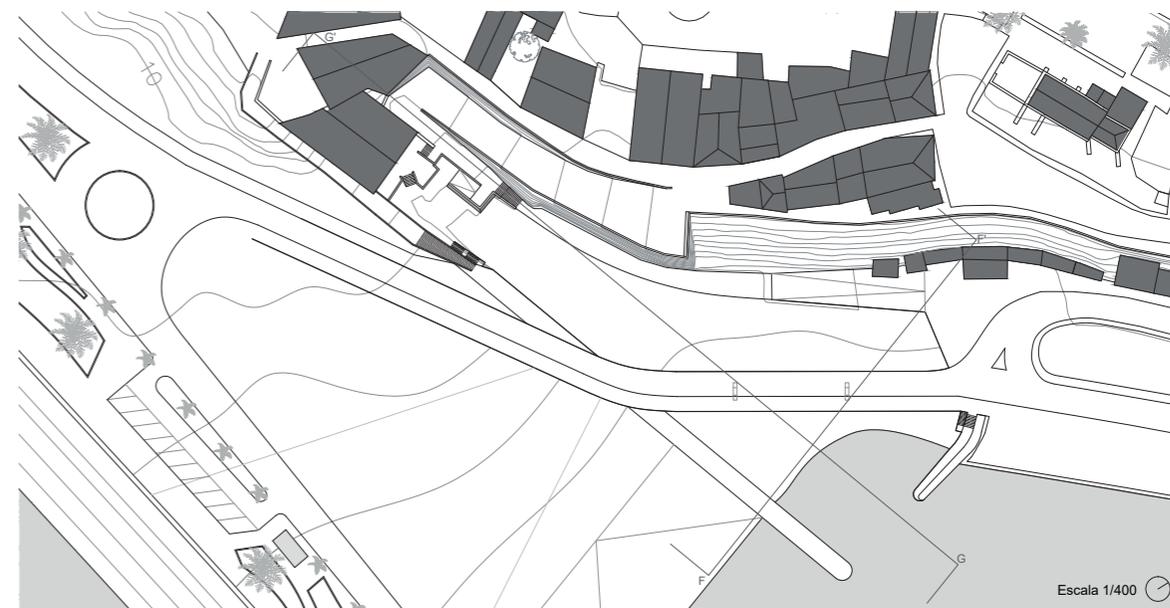
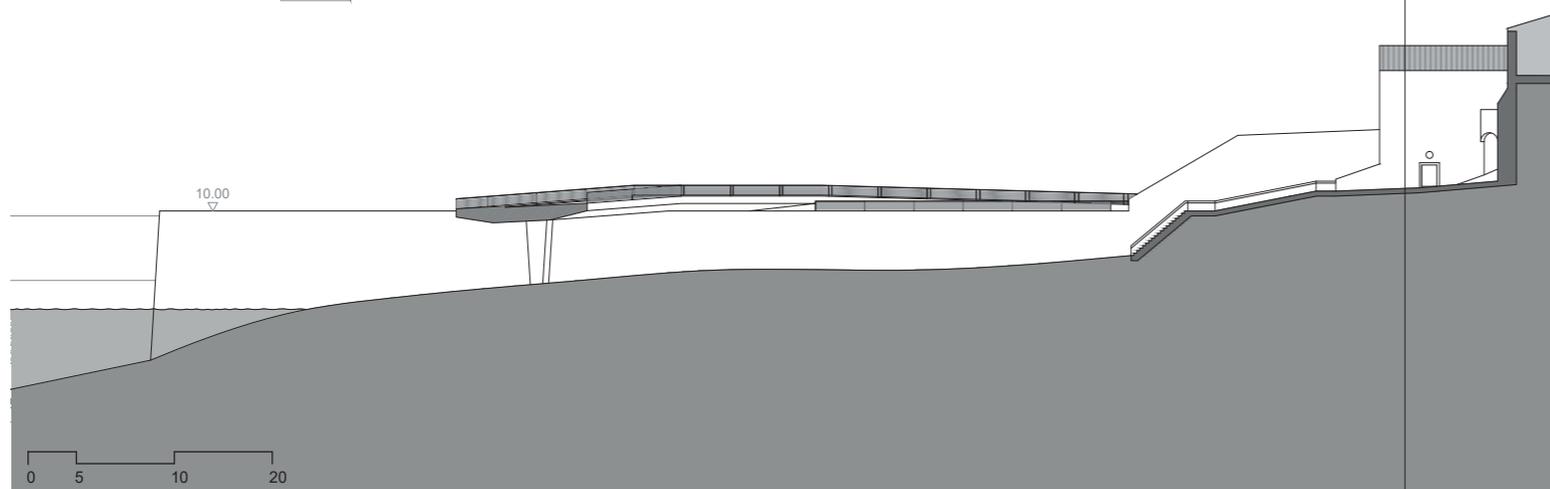


Figura 53 - Planta Geral (Calheta). (desenho do autor F. P. original à Escala 1/400)

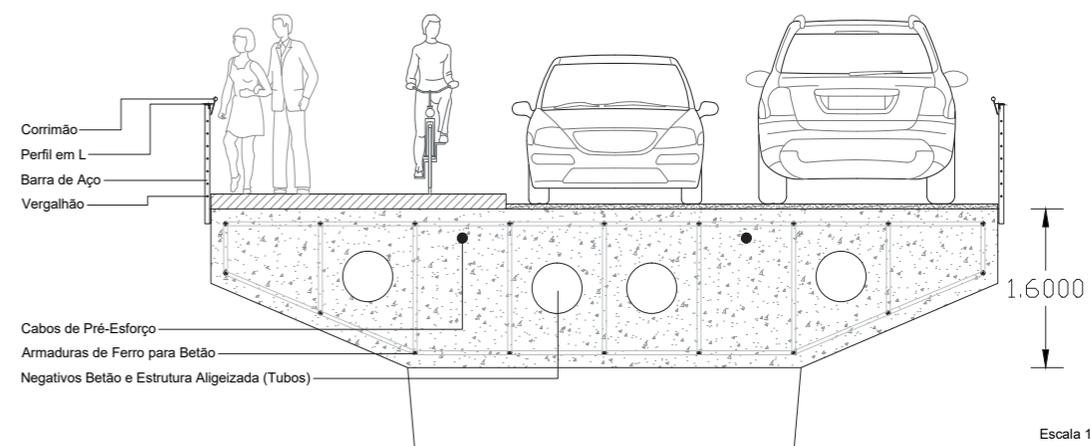


Figura 54 - Pormenor de Ponte (Calheta). (desenho do autor F. P. original à Escala 1/20)

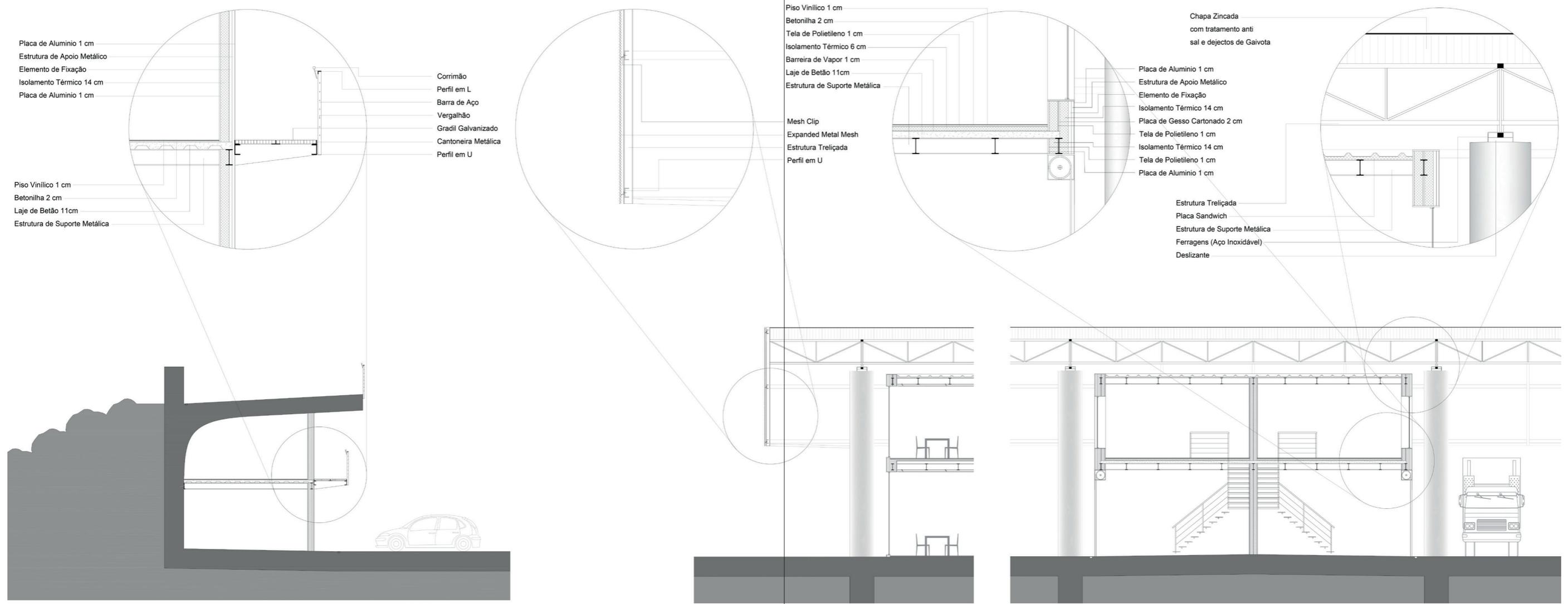


Figura 54 - Pormenores (Porto de Sines). (desenho do autor F. P. original à Escalas 1/50 e 1/20)

## Referências

### Monografia/ Livro:

Marques, M. A., Quaresma, A. e Patrício, S. (2012). O concelho de Sines da fundação à época moderna. Sines: Câmara Municipal de Sines.

### Referências na Web:

Câmara Municipal de Sines (s/d). História de Sines. Acedido em 15-09-2016 em <http://www.sines.pt/frontoffice/pages/311>

Câmara Municipal de Sines (s/d). Factos e Números. Acedido em 11-09-2016 em <http://www.sines.pt/frontoffice/pages/310>

Patrimonio Cultural (s/d). Forte de Nossa Senhora das Salas. Acedido em 16-09-2016 em <http://www.patrimoniocultural.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificadoou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74609>

Porto de Sines. (s/d). Porto de Pesca de Sines. Acedido em 15-09-2016 em <http://www.portodesines.pt/o-porto/terminaisportu%C3%A1rios/porto-de-pesca-de-sines>



## **Bairro de Casas Económicas de Faro Bairro do Bom João, Faro, Algarve**

Orientadora:  
Professora Doutora Teresa Madeira da Silva  
2016

## Resumo

Este trabalho pretende analisar as características arquitetónicas do Bairro do Bom João em Faro, nomeadamente no que se refere às suas influências e contextualização no âmbito do Programa das Casas Económicas do Estado Novo.

Ao longo do estudo efetuado foram-se destacando os elementos arquitetónicos que lhe conferem uma identidade própria e as alterações que foram acontecendo no decurso dos anos e que colocam em perigo o seu caráter identitário.

No final são dadas algumas sugestões sobre os elementos a preservar em renovações que venham a ser efetuadas, por forma a manter a sua estrutura como Bairro.

**Palavras-Chave:** Arquitetura Tradicional Algarvia, Influências islâmicas, Eugénio Correia, Bairro de Casas Económicas, Bom João, Faro, Algarve.

## Abstract

The present work aims to analyse the architectural features of the Bom João Neighborhood in Faro, specially with regard to their influences and context within the program of the New State Economic Houses.

Throughout this study, the author highlights architectural elements that give a particular identity and, also, the changes that have happened over the years and which endanger their identity core.

At the end some suggestions are given concerning the elements to preserve in renovations that may be made, in order to maintain its structure as a Neighborhood.

**Key-Words:** Architecture Traditional Algarve, islamic influences, Eugénio Correia, Economic Houses Neighborhood, Bom João, Faro.

# Índice

99	<b>Introdução</b>
105	<b>1.</b> Contexto histórico do Bairro do Bom João:
107	<b>1.1.</b> Modernismo e Estado Novo
109	<b>1.2.</b> Bairros de Construção Económica
112	<b>1.2.1.</b> Destinatários das Casas Económicas
114	<b>1.3.</b> Bairro do Bom João - Faro
114	<b>1.3.1.</b> Características do clima do Algarve e sua relação com a Arquitetura tradicional/típica algarvia
119	<b>1.3.2.</b> Influências islâmicas na Arquitetura do Bairro
122	<b>1.3.3.</b> Contextualização Histórico-geográfica
126	<b>1.3.4.</b> Projeto Urbanístico
130	<b>1.4.</b> Notas Biográficas sobre o Arquiteto Eugénio Correia
135	<b>2.</b> Estudo do Bairro do Bom João:
146	<b>2.1.</b> Tipologias
148	<b>2.2.</b> Planta Geral de Urbanização do Bairro
149	<b>2.3.</b> Plantas e alçados

167	<b>2.4.</b> Caraterísticas Arquitetónicas: Influências da Arquitetura Tradicional Algarvia no projeto arquitetónico do Bairro do Bom João
178	<b>2.5.</b> Alterações efetuadas ao longo dos anos
186	<b>2.5.1.</b> Motivos das alterações
191	<b>2.5.2.</b> Principais alterações efetuadas
199	<b>3.</b> Conclusão
205	<b>4.</b> Propostas de Reabilitação
213	<b>Anexos</b>
219	<b>Referências</b>



**Figura 0** - Bairro do Bom João (1956), Faro. (coleção privada do autor)

## Índice de Figuras

- 88 **Figura 0** - Bairro do Bom João (1956), Faro. (coleção privada do autor)
- 107 **Figura 1** - «Modernismo», Arq. Manuel Gomes da Costa, Faro. (fotografia do autor Frederico Pacheco)
- 108 **Figura 2** - O estilo oficial retira ao Modernismo o seu carácter inovador, regressando às formas tradicionais, Faro. (fotografia do autor F. P.)
- 108 **Figura 3** - O estilo “Português Suave”, regressando às formas tradicionais, Fuzeta. (Arq. Popular em Portugal, p.205)
- 115 **Figura 4** - Vale de Éguas, Loulé. (Arq. popular em Portugal, p.164)
- 116 **Figura 5** - Chaminé tradicional algarvia. (Fernandes & Janeiro, 2008, p.131)
- 119 **Figura 6** - Bairro do Bom João, Faro, anos 50. (<http://adefesadefaro.blogspot.pt>)
- 120 **Figura 7** - Secagem do figo na açoteia. (<http://http://www.prof2000.pt>)
- 120 **Figura 8** - Vista cubista, Olhão. (<http://retratosdeportugal.blogspot.pt>)

- 121 **Figura 9** - Janelas com reixas muxarabi. (<http://viajaredescobrir.blogspot.pt>)
- 121 **Figura 10** - Janelas com reixas muxarabi. (<https://kolekto.wordpress.com>)
- 123 **Figura 11** - Ermida de Santo António, Faro (Paula & Paula, 1999, p. 101)
- 123 **Figura 12** - Liceu João de Deus, 1948, Faro. (<http://www.in-faro.com>)
- 124 **Figura 13** - Planta da cidade de Faro, 1945. Ante Plano de Urbanização. Arq. João Aguiar (Paula & Paula, 1999, p. 131) - Bairro do Bom João implementado na zona assinalada.
- 124 **Figura 14** - Bairro do Bom João, Faro 1941. Planta de Conjunto Escala 1:500 s/d, Eugénio Correia. Arquivo SIPA/ IHRU/ DIBA/ Forte de Sacavém.
- 125 **Figura 15** - Vista aérea de Faro, desenhada em 1948 por Luís F. R. Santos. (Paula & Paula, 1999, p.130) - Bairro do Bom João implementado na zona assinalada.
- 127 **Figura 16** - Visita do ministro das Obras Públicas, Frederico Ulrich, ao Bairro Económico de Faro, a 18 de Janeiro de 1951, onde verificou o estado desta obra realizada pelo Estado Novo (Correio do Sul, 1951 em Marques, 1999, p.635)
- 128 **Figura 17** - O conceito original Garden City por Ebenezer Howard de 1902. (<https://scodpub.files.wordpress.com>)
- 128 **Figura 18** - Bairro de Casas Económicas / Bairro do Bom João, Faro 1941. Eugénio Correia. A influência do conceito de “Cidade-Jardim, Ebenezer Howard. (desenho do autor Frederico Pacheco)
- 129 **Figura 19** - Rua B - Av. De Olivença (atual Av. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato) - Bairro do Bom João, 1957. (coleção privada

- do autor)
- 131 **Figura 20** - Bairro do Consórcio Português de Conservas de Peixe, Olhão, 1938, Eugénio Correia. (Novais, 1935-1938, s/p)
- 132 **Figura 21** - Bairro Engenheiro Duarte Pacheco, Olhão (1948-1953), Eugénio Correia. Fotografia s/d Arquivo Horácio Novais (Carvalho, 2013, p.25)
- 136 **Figura 22** - Fotográfica do Bairro do Bom João, vista do miradouro de Santo António do Alto, em 1953. (<http://adefesadefaro.blogspot.pt>)
- 139 **Figura 23** - Liecu do visto Bairro do Bom João, 1956. (Vedes, 2010, p. 105)
- 140 **Figuras 24 e 25** - Pavimentação original e piso posterior em alcatrão (Fotos Anos 90 (coleção privada do autor) e atual (fotografia do autor F.P.)) - Bairro do Bom João, Faro.
- 141 **Figura 26** - Jardins laterais, Bairro do Bom João. (coleção privada do autor)
- 142 **Figura 27** - Janela das casas de tipologia B, ao nível do 1º andar (desenho do autor F.P.)
- 143 **Figura 28** - Bairro dos Pescadores Fuzeta, 1933, Arq. Inácio Peres Fernandes. (Fernandes & Janeiro, 2008)
- 144 **Figura 29** - 1948 (Projeto), Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)
- 145 **Figura 30** - 1953, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)
- 147 **Figura 31** - Projeto do Bairro do Bom João em Faro, 1948. (desenho do autor F.P.)

- 148 **Figura 32** - Planta do Bairro do Bom João, Faro, 1953. (desenho do autor F.P.)
- 149 **Figura 33** - Rua B - Av. De Olivença (atual Av. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato) - Bairro do Bom João, Abril de 1956. Fachadas frontais das moradias geminadas de Tipo B2 e ao fundo as de Tipo A3. (coleção privada do autor)
- 150 **Figura 34** - Perspetiva das casas de tipologia A2. (produção 3D do autor F. P.)
- 152 **Figura 35** - Alçados de tipologia A2. (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 153 **Figura 36** - Planta de tipologia A2: Piso 0 (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 153 **Figura 37** - Planta de tipologia A2: Piso 1 (Terraço) (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 154 **Figura 38** - Perspetiva das casas de tipologia A3. (produção 3D do autor F. P.)
- 156 **Figura 39** - Alçados de tipologia A3. (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 157 **Figura 40** - Planta de tipologia A3: Piso 0 (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 157 **Figura 41** - Planta de tipologia A3: Piso 1 (Terraço) (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 158 **Figura 42** - Perspetiva das casas de tipologia B2. (produção 3D do autor F. P.)
- 160 **Figura 43** - Alçados de tipologia B2. (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)

- 161 **Figura 44** - Planta de tipologia B2: Piso 2 (Terraço) (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 161 **Figura 45** - Planta de tipologia B2: Piso 1 (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 161 **Figura 46** - Planta de tipologia B2: Piso 0 (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 162 **Figura 47** - Perspetiva das casas de tipologia B3. (produção 3D do autor F. P.)
- 164 **Figura 48** - Alçados de tipologia B3. (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 165 **Figura 49** - Planta de tipologia B3: Piso 2 (Terraço) (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 165 **Figura 50** - Planta de tipologia B3: Piso 1 (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 165 **Figura 51** - Planta de tipologia B3: Piso 0 (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)
- 166 **Figura 52** - Casa Algarvia, Olhão, anos 60. Fotografia retirada de <http://www.delcampe.net>
- 168 **Figura 53** - Rua B - Av. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato) - Bairro do Bom João. (fotografia do autor F.P.)
- 169 **Figura 54** - Bairro do Bom João. Fotografia retirada do Google Earth.
- 170 **Figura 55** - Recorte entre a platibanda e a fachada. (fotografia do autor F.P.)
- 171 **Figura 56** - A janela tipo moucharabieh. (Ragette, 2003, p.77)

- 171 **Figura 57** - Vão de Reixa, Tavira. (Arq. popular em Portugal p.239)
- 171 **Figura 58** - Reixas das janelas e postigo da porta. (desenho do autor F.P.)
- 172 **Figura 59** - “Latada” tradicional algarvia. (Arq. popular em Portugal p.163)
- 173 **Figura 60** - Eugénio Correia, desenho de alçado do Bairro do Bom João (1948), Faro
- 173 **Figura 61** - Bairro do Bom João (1955), Faro. (coleção privada do autor)
- 174 **Figura 62** - Pingadouro que devido à sua forma e dimensão marca uma forte presença, além do jogo de sombras. (fotografia do autor F.P.)
- 175 **Figura 63** - Bases para floreiras conferem volumetria e jogo de sombras. (fotografia do autor F.P.)
- 175 **Figura 64** - Reixas das janelas de casas de tipologia B, ao nível do 1º andar (desenho do autor F.P.)
- 176 **Figura 65** - Tipos de Chaminés: A2, A3, B2 e B3 (esq. a dir.) (desenho do autor F.P.)
- 176 **Figura 66** - Tipos de Chaminés: A3 (esq.), B3 (centro) e B2 (dir.). (fotografia do autor F.P.)
- 176 **Figura 67** - Tipo de Chaminé: A2. (fotografia do autor F.P.)
- 177 **Figura 68** - Fachada caiada de branco do Tipo B2, na rua Azevedo Coutinho. (fotografia do autor F.P.)
- 179 **Figuras 69 e 70** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

- 180 **Figura 71** - Solução A (Esq.) e Solução B (Dir.) (desenho do autor F.P. a partir da planta no Arquivo SIPA/ IHRU/ DIBA/ Forte de Sacavém)
- 180 **Figura 72** - Solução C (Esq.) e Solução D (Dir.) (desenho do autor F.P. a partir da planta no Arquivo SIPA/ IHRU/ DIBA/ Forte de Sacavém)
- 181 **Figuras 73 e 74** - Solução A (Esq.) e Solução B (Dir.), Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 181 **Figuras 75 e 76** - Solução C (Esq.) e Solução D (Dir.), Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 182 **Figura 77** - 1948 (Projeto), Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)
- 183 **Figura 78** - 1953, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)
- 184 **Figura 79** - 1975 - 1980, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)
- 185 **Figura 80** - 2016, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)
- 186 **Figura 81** - Volumetria: Original e Alteração 1953-2016, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)
- 190 **Figura 82** - Bairro do Bom João, Faro, anos 70. (<http://adefesade-faro.blogspot.pt>)
- 191 **Figura 83** - Tipos A construção de um 1º andar 1953-2016, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)
- 191 **Figuras 84 a 87** - Diferentes soluções de acesso ao 1º andar Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

- 192 **Figuras 88 e 89** - Um bom exemplo de alteração para Original Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 192 **Figuras 90 e 91** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 192 **Figura 92** - Moradias que passaram a ser de mais do que uma família 1953-2016. Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)
- 193 **Figuras 93 e 94** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 193 **Figuras 95 e 96** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 194 **Figuras 97 e 98** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 194 **Figuras 99 e 100** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 195 **Figuras 101 e 102** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 195 **Figuras 103 e 104** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 196 **Figuras 105 e 106** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 196 **Figuras 107 e 108** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 197 **Figuras 109 a 112** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

- 208 **Figuras 113 e 114** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 208 **Figuras 115 e 116** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 209 **Figuras 117 e 118** - Pingadouros (supreção e manutenção com entubamento lateral das águas pluviais), Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 209 **Figuras 119 e 120** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 210 **Figuras 121 e 122** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 210 **Figuras 123 e 124** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 211 **Figuras 125 e 126** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)
- 211 **Figuras 127 e 128** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

## Introdução

Faro é a minha cidade natal e nela vivi até à minha “grande aventura” no Curso de Arquitetura em Lisboa.

Nas viagens que fiz com os meus pais, comecei a interessar-me pela História e a sua influência na construção dos monumentos que visitávamos, mas também nas casas que as pessoas comuns habitavam e que eram diferentes em função da região.

Como para mim é difícil expressar-me por palavras, o desenho e a representação icónica dos pensamentos surgiu de modo natural e sempre fez parte da minha vida.

Vi muitas gravuras e fotografias de como era Faro na época dos meus avós, e sempre achei estranho que alguns edifícios, representativos de determinadas épocas, fossem deitados abaixo, para no seu lugar serem construídos novos edifícios sem um sentido que eu, na minha forma de sentir de criança, considerasse como estético.

Os meus avós foram dos primeiros moradores do Bairro do Bom João, bairro de casas económicas construído pelo Estado Novo. Disseram-me que, antigamente, era um local ermo e afastado do núcleo antigo da cidade, apenas existindo a ermida de Santo António do Alto e o Liceu, com a mata recém plantada à volta e que, a paisagem visível de cada janela era o mar.

O mar agora só se vê entre pequenas nesgas de prédios que construíram em torno da zona do Bom João e a cidade estendeu-se muito para lá do Bairro.

Ao pensar num tema para a minha tese de mestrado, impôs-se algo ligado ao Algarve. Por entre outras alternativas, o Bairro do Bom João surgiu e, progressivamente, foi tomando maior consistência a sua escolha.

Os meus avós contaram-me como era o Bairro quando para lá foram viver e as características que tinha e que hoje, já dificilmente consigo encontrar. Interessei-me pela sua origem, características e pormenores arquitetónicos e o que representavam na época em que o Bairro foi projetado e construído. E a aventura da descoberta do Bairro do Bom João começou...

Esta 'descoberta' conduziu à identificação do objetivo de realização do trabalho:

Fundamentar a importância de preservar um Património Arquitetónico que, de certa forma, 'marcou' uma época, apresentando algumas sugestões/propostas, no sentido da manutenção de características arquitetónicas originais, que conferem ao Bairro, a sua identidade própria.

Para fundamentar as propostas apresentadas, tornou-se fundamental desenvolver as seguintes etapas:

- Contextualizar a construção do Bairro do Bom João, no que se refere ao período histórico/social e concepções arquitetónicas da época;
- Analisar o plano urbanístico do Bairro;
- Analisar as características arquitetónicas e suas origens;
- Identificar as principais alterações efetuadas e as possíveis razões para terem sido feitas;
- Identificar propostas para que o bairro, apesar das alterações, possa manter a sua identidade original.

Sendo o objeto do presente trabalho um estudo sobre o Bairro do Bom João em Faro, Bairro de Casas Económicas construído nos finais dos anos 40, início dos anos 50 do século passado, pretendeu-se abordar num primeiro momento as influências do

movimento Modernista na Arquitetura da época e a sua relação com as concepções arquitetónicas do Estado Novo, com base na obra coordenada por Maria da Graça Maia Marques – “O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história e “A Casa Popular do Algarve – Espaço Rural e Urbano, evolução e atualidade” (2008), da autoria de José Manuel Fernandes e Ana Janeiro. O livro “Cidade e Habitação Social”, da autoria de Luís V. Baptista, revelou-se fundamental para perceber a conjuntura histórica, social e política que determinou a realização de projetos urbanísticos de Bairros Sociais e seus destinatários, como o do Bairro em análise, construído sob as diretrizes do Estado Novo.

Considerarei importante fazer uma contextualização histórico-geográfica do Bairro, mais concretamente no que se refere a uma síntese sobre a origem e evolução da cidade de Faro até à época da construção do Bairro e sua envolvente, fazendo em seguida uma breve apresentação do mesmo. Para tal foi importante a consulta de sites sobre a história de Faro, bem como do Decreto-Lei nº 23052 de 23 de Setembro de 1933, que legisla sobre a construção de “Casas Económicas”, no âmbito do qual foi construído o Bairro em estudo, bem como a sua “Memória Descritiva e Justificativa de Pavimentação dos Arruamentos”, datada de 20 de agosto de 1949 (documento obtido no Arquivo Distrital de Faro). Além destes, outros foram os documentos consultados quer no Arquivo Distrital de Faro, quer na Câmara Municipal, quer ainda no Arquivo do Forte de Sacavém, os quais são referidos na bibliografia.

Os projetos de Casas Económicas da época do Estado Novo apresentam semelhanças com os conceitos das Cité Ouvrière francesas, dos Siedlungen alemães e das Garden-Citys inglesas, tendo sido útil a consulta do artigo de Ricardo Carvalho – “A Cidade Social. Impasse. Desenvolvimento. Fragmento” - ao relacionar estas influências.

Da autoria do Arquiteto Eugénio Correia, acerca do qual se apresentam algumas notas biográficas, a conceção deste Bairro (1948-1953) é influenciada por elementos da arquitetura tradicional algarvia, enraizados não só nas características climáticas da

região, mas também, no passado histórico de ocupação islâmica, pelo que, também estes aspetos serão abordados, considerando a obra “Arquitectura Popular em Portugal” (Vol. 3; Antunes et al., 1961/1988).

A segunda parte deste trabalho (cap. 2) é dedicada ao estudo mais detalhado do Bairro do Bom João, na qual é feita a apresentação da sua Planta Geral de Urbanização, a análise das Plantas e Alçados e suas características arquitetónicas.

Tendo em atenção as intervenções realizadas pelos moradores no decurso do tempo, foram analisados os seus principais motivos e as alterações daí decorrentes.

Finalmente, e por considerar a importância de preservar um Património Arquitetónico que, de certa forma, ‘marcou’ uma época, apresentam-se algumas sugestões/propostas, no sentido da manutenção de características arquitetónicas originais, que conferem ao Bairro, a sua identidade própria.

As referências bibliográficas deste trabalho foram realizadas de acordo com as normas da American Psychological Association, 6<sup>th</sup> edition, (APA, 2010).



**Contexto histórico do  
Bairro do Bom João**

## 1.1. Modernismo e Estado Novo

O movimento Modernista Europeu a nível das Artes e Literatura do início do Séc. XX (movimento artístico e cultural de rotura com o “tradicionalismo”, substituindo-o por novas formas de criação estética), estabelece-se como corrente Arquitetónica a partir de 1925. Este estilo, caracterizado pela abstração de formas e volumes, utiliza elementos geométricos estilizados a nível de decoração e cria a noção de movimento pela mudança de sombras ao longo do dia, através do balanceamento de elementos nas edificações. Embora não seja determinante a nível urbanístico e arquitetónico no Algarve, o modernismo marca presença notória, devido às suas características contrastantes com as construções anteriores. (Paula, 1999).



**Figura 1** - «Modernismo», Arq. Manuel Gomes da Costa, Faro. (fotografia do autor Frederico Pacheco)

do Estado Novo no Algarve é realizada no estilo “Português Suave”, nomeadamente no que se refere a edifícios públicos como Tribunais, Câmaras Municipais, Escolas Primárias, Postos de turismo e de Guarda Fiscal, Correios... (*Idem*).

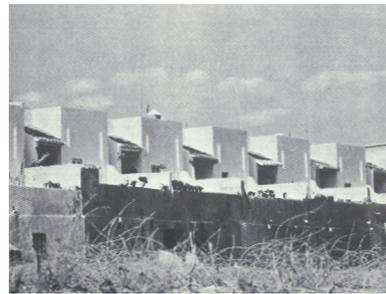
É aceite que, com o Estado Novo e a sua política de obras públicas, o Modernismo é integrado num estilo Nacionalista, denominado “Português Suave”, caracterizado por ordem, simetria e uniformização, com o regresso aos estilos considerados tipicamente portugueses. A maior parte da intervenção realizada no estilo “Português Suave”, nomeadamente no que se refere a edifícios públicos como Tribunais, Câmaras Municipais, Escolas Primárias, Postos de turismo e de Guarda Fiscal, Correios... (*Idem*).

Embora regressando a uma forma mais tradicional, nas décadas de 40-50, a arquitetura alia as técnicas de construção e materiais modernos a elementos regionais, como é o caso particular dos Bairros de Casas Económicas construídas no Algarve (zonas de Faro, Olhão e Fuzeta), sendo o Bairro da Fuzeta um dos primeiros projetos com estas características. No projeto deste Bairro, é notória a influência exercida no seu autor - Carlos Ramos <sup>1</sup> -, pelas casas com açoteia, típicas da região, embora com recurso a uma estética geométrica modernista (Fernandes & Janeiro, 2008).

Assim, apesar da afirmação do estilo Nacionalista “Português Suave” nos projetos arquitetónicos da época, as características da arquitetura Modernista estão patentes nos Bairros para Pescadores (Fuzeta e Olhão) e nos Bairros de Casas Económicas (Olhão e Faro).



**Figura 2** - O estilo oficial retira ao Modernismo o seu carácter inovador, regressando às formas tradicionais, Faro. (fotografia do autor F. P.)



**Figura 3** - O estilo “Português Suave”, regressando às formas tradicionais, Fuzeta. (Arq. Popular em Portugal, p.205)

<sup>1</sup> Carlos Ramos – (Porto, 1897-1969) arquitecto, urbanista e pedagogo português.

## 1.2. Bairros de Construção Económica

Na sequência da Revolução Industrial (finais do Século XVIII, inícios do Século XIX), a deslocação da população do meio rural para os grandes centros urbanos, originou um desequilíbrio entre o número de habitações existentes e a crescente necessidade de acomodar cada vez mais moradores. Devido a este crescimento demográfico nas grandes cidades europeias, a reduzida existência de habitação e consequente aumento de preço das existentes, tornou fundamental a questão habitacional das classes operárias, especialmente a partir do final do séc. XIX (Baptista, 1999).

De facto, este crescente afluxo populacional para os grandes centros urbanos, originou a rápida proliferação de zonas sobrelotadas em termos habitacionais, que facilmente se degradavam, colocando problemas de salubridade pública, o que, aliado a uma tomada de “consciência” de poder reivindicativo das classes operárias (emergência na Europa Ocidental das ideias socialistas de Karl Marx <sup>2</sup> e Friedrich Engels <sup>3</sup>), tornou urgente, por parte do Estado, a necessidade de regulação das condições habitacionais. O Estado surge assim como regulador da “ordem social” e, consequentemente da “ordem urbana” (Topalov <sup>4</sup>, 1990, *apud* por Baptista, 1999, p.20).

<sup>2</sup> Marx, Karl – (Tréveris, Prússia, 1818 – Londres, Reino Unido, 1883) filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista, que ficou conhecido como “O Pai do Comunismo (Marxismo)”.

<sup>3</sup> Engels, Friedrich – (Wuppertal, Prússia, 1820 – Londres, Reino Unido, 1895) teórico revolucionário alemão que junto com Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo.

<sup>4</sup> Topalov, Christian – (Trojan, Bulgária, 1944) sociólogo e historiador.

De acordo com o trabalho de Magri <sup>5</sup> e Topalov <sup>4</sup> (1987), referido por Baptista (1999, : 21), é no final do século XIX, início do séc. XX, que a intervenção estatal, no que se refere à habitação das classes operárias, ganha forma na Europa Ocidental, (França e Inglaterra), nomeadamente no que diz respeito ao estabelecimento de “normas de habitação”, “tipo de habitat” e “ambiente urbano” destas novas áreas residenciais.

Tal como nos outros países europeus, também em Portugal, quer na parte final do Constitucionalismo Monárquico, quer no período da I República, foram tomadas algumas medidas relativas às condições de edificações sociais. Contudo, as políticas a nível da habitação social desenvolvidas pelo Estado Novo, diferem das medidas tomadas até então, uma vez que o Estado assume diretamente, de forma estruturada, a promoção e afetação dos recursos habitacionais e não apenas a regulação das suas condições de edificação e conservação. Incentiva ainda o aumento e qualidade da oferta, intervindo diretamente na regulação do mercado habitacional, indo mais além da “questão social” do operariado urbano, ao abranger um estrato social mais “remediado” como destinatário da política de habitação social. Esta Política habitacional social pretendeu, não só dar resposta às necessidades do aumento populacional nas cidades, como também consolidar uma base social de apoio político/ideológico ao regime do Estado Novo (Justino *apud* Baptista 1999).

A intervenção pública direta no domínio da habitação social, surgiu em Portugal com o Decreto-lei nº 23 052 – Casas Económicas (1933).

Este normativo, destinava-se a dar resposta às necessidades habitacionais de todo o país em geral e não apenas às cidades mais industrializadas (Lisboa e Porto), sendo neste contexto que surge o Bairro do Bom João em Faro, objeto do presente trabalho.

Nos documentos consultados, não foi possível perceber contudo, a

---

<sup>5</sup> Magri, Susanna – (Bérgamo, Itália, 1944) socióloga cuja área de pesquisa é a cidade contemporânea, especialmente a história da habitação social, habitação e bairros.

razão subjacente à construção de um bairro de casas económicas em Faro, como é o caso do Bairro do Bom João. De facto, todas as referências encontradas são relativas aos bairros construídos em Lisboa, existindo ainda, algumas referências ao Bairro Engenheiro Duarte Pacheco, atual “Bairro da Cavalinha” em Olhão, no qual, ao que toda a pesquisa documental indica, se baseou o projeto do Bairro do Bom João (caraterísticas arquitetónicas muito semelhantes).

Relativamente ao porquê da construção em Faro de um Bairro no âmbito do “Programa das Casas Económicas”, uma vez que não existia indústria significativa e, portanto, operariado que justificasse necessidade de habitação, apenas se pode especular que o motivo da sua construção tenha sido o de, na década de 40, o estado ter considerado a “classe média” como alvo de uma nova modalidade de habitação – As Casas de Renda Económica.

Esta nova forma de intervenção estatal em matéria de habitação social, confirma por um lado a assunção de funções sociais por parte do Estado e, por outro, a moradia unifamiliar como paradigma dessa intervenção, sendo os funcionários públicos, em modalidades diversas, os seus destinatários (Baptista, 1999).

No âmbito do Programa Habitacional do Estado Novo considera-se importante salientar a figura do engenheiro Duarte Pacheco que, especialmente no desempenho da sua função de ministro das Obras Públicas e Comunicações (1932-36 e 1938-43), desenvolveu uma ação fundamental na implementação desta “Política de Habitação Económica”.

## 1.2.1. Destinatários das Casas Económicas

Tal como referido anteriormente, o primeiro diploma do Estado Novo que legisla sobre as casas económicas data de 1933 (Decreto-Lei nº 23 052 de 23 de Setembro de 1933), definindo o artigo 2º especificamente os seus destinatários:

“As casas serão distribuídas, dentro das preferências fixadas e em regime de propriedade resolúvel, aos chefes de família, empregados, operários ou outros assalariados, membros dos sindicatos nacionais, funcionários públicos, civis e militares, e operários dos quadros permanentes de serviços do Estado e das câmaras municipais, que se responsabilizem pelo pagamento de determinado número de prestações mensais nas condições estabelecidas neste decreto”. (Presidência do Conselho – Sub-Secretariado das Cooperações e Previdência Social, 1933, p.1664)

O Capítulo III do referido Decreto-lei estipula as condições de atribuição das moradias, sendo clara uma hierarquização social dentro da população, constituindo “A garantia de fidelidade ao regime e aos valores em que este se sustenta (...) a contrapartida da possibilidade do acesso a este bem social hierarquizado e predestinado” (Baptista, 1999, p.126).

De facto, ao longo deste Capítulo III (Distribuição e aquisição das moradias económicas), são definidos os princípios e as formas de aplicação das normas para que os destinatários sejam melhor organizados no espaço, sendo recorrente (nos vários artigos do Capítulo) a referência ao seu “comportamento moral e profissional”.

As habitações eram atribuídas através de concurso aos “chefes de família”, com idades compreendidas entre os 21 e os 40 anos.

No Capítulo II do Decreto-Lei em análise, são definidas classes habitacionais (A ou B), com tipologias diferentes, em função não só da dimensão do agregado familiar, mas também do seu rendimento.

Verifica-se assim que, os residentes destes Bairros, são escolhidos pelo regime em função do seu “mérito” e distribuídos diferentemente em termos espaciais pelos conjuntos edificados (classes A ou B), com uma distinta separação de zonas.

Este diploma introduz ainda o conceito de “morador adquirente”, que ao fim de 20 anos se torna proprietário (propriedade plena sobre a moradia), mediante o pagamento de uma prestação mensal, (englobando seguro de vida, invalidez, doença, desemprego e incêndio – art. 2º), avaliada de acordo com o rendimento de cada família, num total de 240 prestações.

## 1.3. Bairro do Bom João - Faro

### 1.3.1. Características do Algarve: clima, solos e sua influência na Arquitetura tradicional/ típica da zona do Sotavento algarvio

Entre outros fatores, as características climáticas, são aspetos importantes a ter em consideração nas formas e características arquitetónicas das construções habitacionais de uma dada região. Nesse sentido, as influências Atlântica e particularmente a Mediterrânica são determinantes na região algarvia e influenciam significativamente a sua arquitetura, especialmente no que se refere à denominada “arquitetura popular” (Antunes et al., 1961/1988).

Situando-se geograficamente, entre o Alentejo, a norte, o Oceano Atlântico a sul e oeste e o rio Guadiana a leste, o qual faz fronteira com Espanha, o Algarve divide-se em duas zonas: zona ocidental, designada por Barlavento e zona oriental ou Sotavento.

O clima algarvio é do tipo temperado mediterrânico, caracterizando-se por invernos curtos, chuvosos e suaves e verões longos, quentes e secos, apresentando por vezes características sub-tropicais, devido às influências de ventos vindos do norte de África (“levante”).

É neste contexto que, no Algarve, em termos arquitetónicos, a orientação das habitações seja feita a Sul o que permite um bom aproveitamento solar (calor no inverno e frescura no verão), com a abertura de vãos segundo as necessidades de acesso e luz e pequenas aberturas nas zonas mais afetadas pelos ventos e chuva (Antunes et al., 1961/1988).

Tendo em atenção as altas temperaturas do Verão, as varandas,

alpendres, terraços e pátios, oferecem condições de uma maior/ melhor utilização do espaço e constituem aspetos particularmente característicos da região, permitindo um maior usufruto do tempo no exterior e favorecendo contactos sociais de proximidade (*Idem*).



**Figura 4** - Vale de Éguas, Loulé. (Arq. Popular em Portugal, p.164)

O pátio, pequena faixa de terreno frente à entrada das casas e que lhes serve de acesso, normalmente revestido por pedra miúda ou lajedo e coberto por parreira, é um elemento característico importante das casas populares algarvias. Constitui-se como uma zona social

de prolongamento da habitação, sendo no verão o local privilegiado para receber amigos ou conviver com os vizinhos nas noites de calor. Limitando os pátios, um pequeno muro serve de assento, ou possui espaços abertos na sua construção, que se constituem como bancos (*Idem*).

A chaminé, ícone da arquitetura tradicional algarvia, possui várias formas, todas elas contendo, dotadas de inúmeros pormenores decorativos, normalmente motivos geométricos, que conferem às habitações um grande efeito estético (Fernandes & Janeiro, 2008).



**Figura 5** - Chaminé tradicional algarvia. (Fernandes & Janeiro, 2008, p.131)

A arquitetura popular expressa a relação e a apropriação que o povo faz do sítio onde vive e dos materiais que aí existem. Por isso, o facto de existirem terrenos calcários numa vasta área do Algarve, tornou relativamente simples a manufatura da cal e a sua utilização predominante no revestimento/acabamento das paredes (exteriores e interiores) como elemento eficaz de ação refletora da luz solar, sendo a sua utilização especialmente notória na arquitetura popular algarvia (Antunes et al., 1961/1988).

De igual forma, a pedra calcária (zona do Barrocal - entre litoral e serra), é predominantemente utilizada nas molduras de portas e janelas (Quitério, 2007).

Os terrenos argilosos existentes numa vasta área do Algarve, permitiram a existência de pequenas 'empresas' familiares dedicadas ao fabrico de tijolos e materiais cerâmicos, usados na construção, especialmente no que se refere ao tijolo-burro e à tijoleira (*Idem*).

## O Algarve é Branco

O Algarve é branco de cal,  
É terra branca do sal  
Janela aberta pró mar!  
Este mar que a noite toda  
Parece que baile e roda  
À luz branca do luar!...

Terra branca, onde as aldeias  
Mirantes e açoteias  
Se vestem da cor do linho  
E onde sempre prazenteiras  
Nevadas amendoeiradas,  
Lembram noivas p'lo caminho!

Raul de Matos, *Que terra é essa, o Algarve?!...* (Poemas) (p.15)  
(morador original do Bairro do Bom João)

## 1.3.2. Influências islâmicas na Arquitetura do Bairro

A arquitetura tradicional algarvia foi influenciada por vários séculos de ocupação muçulmana, sendo reconhecidos nas suas casas populares, elementos da cultura islâmica.

É assim que, no contexto do presente trabalho, as açoteias e as janelas com reixas *muxarabi*, se revelam elementos importantes de influência árabe, assim como as paredes caiadas de branco, encontrando-se presentes na conceção arquitetónica do Bairro do Bom João.



Figura 6 - Bairro do Bom João, Faro, 1953. (<http://adefesadefaro.blogspot.pt>)

As açoteias (coberturas, das moradias em terraço ou varanda, protegidas por muretes, em substituição dos telhados), originalmente tiveram funções práticas na vida quotidiana, nomeadamente no que se refere a recolha das águas pluviais, secagem de alimentos (alfarroba, figos ou peixe) e controlo da circulação marítima (Fernandes & Janeiro, 2008). Sendo uma característica das moradias económicas do Bairro do Bom João, atualmente já não são utilizadas para estes fins, continuando contudo a ser usadas como áreas de lazer e descanso.



**Figura 7** - Secagem do figo na açoteia. (<http://http://www.prof2000.pt>)



**Figura 8** - Vista cubista, Olhão. (<http://retratosdeportugal.blogspot.pt>)



**Figura 9** - Janelas com reixas *muxarabi*. (<http://viajaredescobrir.blogspot.pt>)



**Figura 10** - Janelas com reixas *muxarabi*. (<https://kolekto.wordpress.com>)

Outro elemento arquitetónico de origem islâmica são as reixas *muxarabi*, maneira de revestir exteriormente os vãos, em forma de treliça de madeira (malha de ripas de madeira cruzadas) (Fernandes & Janeiro, 2008). Esta forma de revestimento de vãos e janelas, elemento distintivo das casas do Bairro em estudo, tinha como objetivo responder às necessidades de iluminação e ventilação, funcionando como bloqueador do calor e da visão do lado externo, permitindo no entanto a vista para o exterior.

### 1.3.3. Contextualização Histórico-geográfica do Bairro do Bom João

Segundo o site da Câmara Municipal, Faro cidade capital do distrito do Algarve, atualmente com cerca de 44 mil habitantes, foi um centro urbano de origem fenícia do Século VII a. C., importante entreposto comercial do sul da Península Ibérica com o nome de Ossónoba.

Sob o domínio Romano e Visigodo (Séculos II a. C. a VIII d. C.), foi ocupada pelos Muçulmanos em 713, tendo a sua designação no Século IX passado a ser Santa Maria do Ocidente e, mais tarde, no Século XI, Santa Maria Ibn Harum.

Em plena época de expansão do reino de Portugal, D. Afonso III reconquista em 1249 a totalidade do território, tendo o núcleo urbano passado a designar-se por Santa Maria de Faarom ou Faaram.

Ao longo dos séculos, a sua posição geográfica, propícia a trocas comerciais com todos os povos do mediterrâneo, fomentou a sua prosperidade e crescimento, tendo D. João III, em 1540, elevado Faro a cidade (Câmara Municipal de Faro, s/d).

No Século XVII é construída uma nova muralha, de forma semicircular face à Ria Formosa, abrangendo a área edificada e terrenos de cultura.

O grande terramoto de 1755 destruiu parte significativa da cidade. A partir da segunda metade do Século XIX, o desenvolvimento económico, social e cultural da cidade de Faro provocou a expansão

urbana além do perímetro da antiga muralha seiscentista, surgindo nesta época, eixos viários importantes como a atual Avenida 5 de Outubro.



Figura 11 - Ermida de Santo António, Faro (Paula & Paula, 1999, p. 101)

Na década de 40 do século passado, nos arrabaldes da cidade de Faro, na zona da colina da Atalaia, apenas existia uma capela barroca (na qual foi construído um miradouro), denominada Ermida de Santo António do Alto.

Foi nessa zona, no cimo da avenida 5 de Outubro, eixo de ligação à cidade, que em 1948 foi inaugurado sob a égide do Estado Novo, o Liceu João de Deus (instituição fundada em 1938 como Liceu Nacional de Faro), edifício isolado, no alto de um barranco, apenas com algumas amendoeiras à volta.

Na envolvente do Liceu foi criada uma Mata e projetada uma nova artéria, com o nome de avenida de Olivença, atual avenida Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato.



Figura 12 - Liceu João de Deus, 1948, Faro. (<http://www.in-faro.com>)

Foi na encosta sul do Liceu de Faro, terreno de acentuado declive e barrancos, conhecido por zona do Bom João, que, no âmbito do Programa de Casas Económicas do Estado Novo (Decreto de Lei

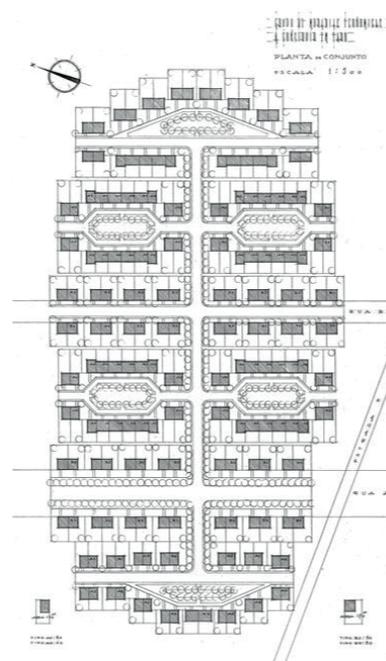
nº 23052 de 23 de setembro de 1933), foi implementado o Bairro do mesmo nome, objeto do presente trabalho.

Tendo como eixo principal a nova avenida (perpendicular à avenida 5 de outubro) e com uma previsão inicial de 200 fogos, foi iniciada em 1948 a 1ª fase de construção do Bairro do Bom João, a qual ficou concluída em 1953 com 102 fogos no total.

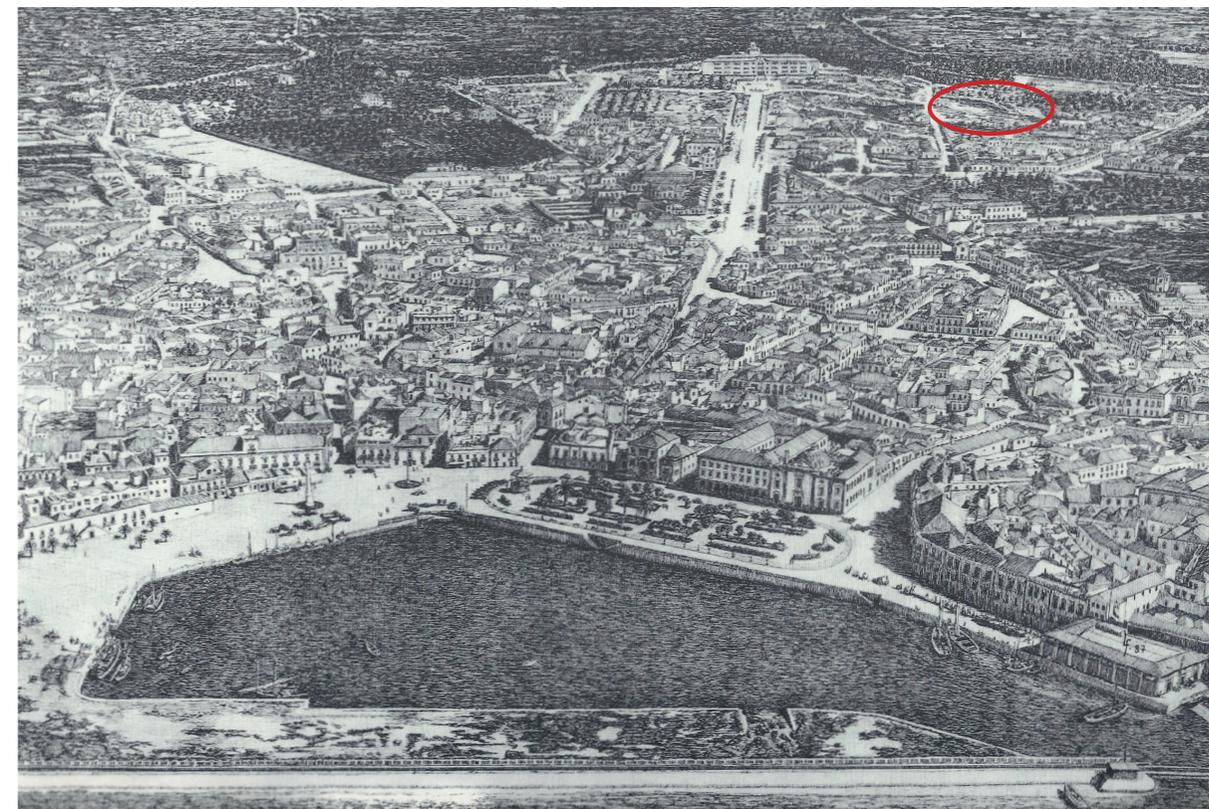
Não se sabe ao certo o porquê da sua não conclusão, de acordo com o projeto inicial (Figura 14), sabendo-se apenas que não foram construídas mais habitações nesses terrenos até ao final do séc. XX (décadas de 80 e 90), altura em que alguns lotes de terreno foram vendidos a particulares pela Câmara Municipal de Faro, tendo surgido moradias unifamiliares sem qualquer relação com a arquitetura das casas do Bairro.



**Figura 13** - Planta da cidade de Faro, 1945. Ante Plano de Urbanização. Arq. João Aguiar (Paula & Paula, 1999, p. 131) - Bairro do Bom João implementado na zona assinalada.



**Figura 14** - Bairro do Bom João, Faro 1941. Planta de Conjunto Escala 1:500 s/d, Eugénio Correia. Arquivo SIPA/ IHRU/ DIBA/ Forte de Sacavém.



**Figura 15** - Vista aérea de Faro, desenhada em 1948 por Luís F. R. Santos. (Paula & Paula, 1999, p. 130) - Bairro do Bom João implementado na zona assinalada.

### 1.3.4. Projeto Urbanístico

Da autoria do Arquiteto Eugénio Correia (1897-1985), o Bairro do Bom João, construído nos finais da década de 40, início da década de 50 do séc. XX <sup>6</sup>, de acordo com a lógica habitacional do Estado Novo no que se refere a um estrato social de classe média/baixa, é constituído por um conjunto de moradias unifamiliares geminadas, de um e dois pisos, com características arquitetónicas de influência popular algarvia.

O projeto urbanístico é composto por habitações distribuídas por seis arruamentos:

- Rua Caldas Xavier – tipologias A2 e A3
- Av. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato (antiga -Av. de Olivença) – tipologias B2 e B3
- Rua António Enes – transversal (não existência de números de porta nesta rua)
- Rua Alves Roçadas - tipologias A2 e A3
- Rua Azevedo Coutinho - tipologias B2 e B3
- Rua João de Almeida - tipologias A2 e A3

De acordo com Carvalho (2013, p.24), os projetos arquitetónicos das Moradias Económicas, são exemplo da influência do modelo de

<sup>6</sup> Segundo Agarez (2007) e Costa (2003) foi concluído no ano de 1953 – Sistema de informação para o Património Arquitetónico (Forte de Sacavém) – Bairro de Casas Económicas de Faro/Bairro do Bom João



**Figura 16** - Visita do ministro das Obras Públicas, Frederico Ulrich, ao Bairro Económico de Faro, a 18 de Janeiro de 1951, onde verificou o estado desta obra realizada pelo Estado Novo (Correio do Sul, 1951 em Marques, 1999, p.635)

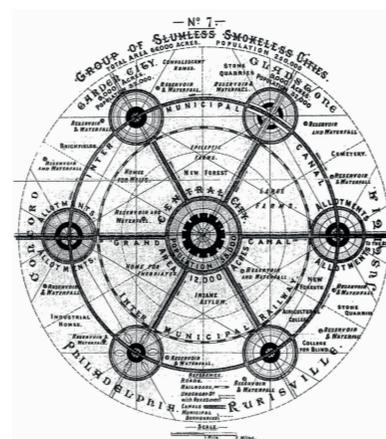
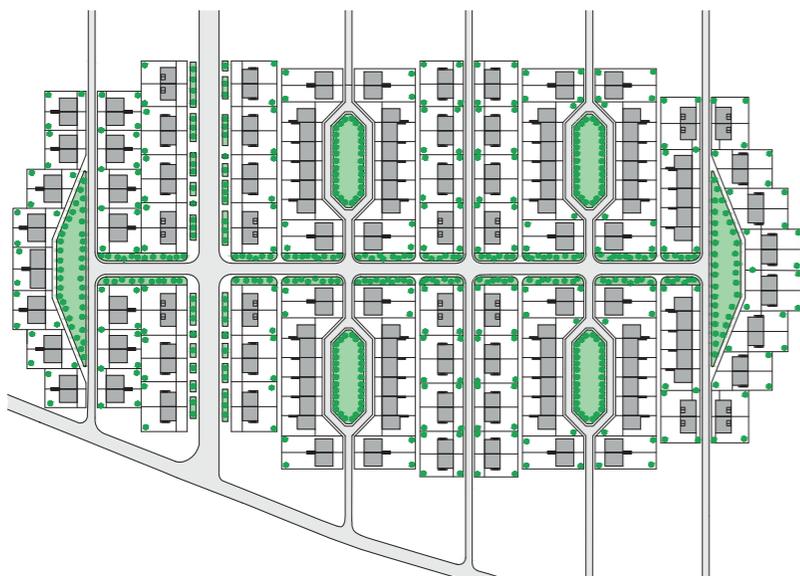
casa familiar em banda da *Cité Ouvrière* <sup>7</sup>, em que o planeamento urbanístico em quarteirões, como é o caso do Bairro em análise, é feito de acordo com um traçado com ruas paralelas e perpendiculares a uma rua principal (Rua B – Av. de Olivença).

Ainda segundo o mesmo autor, nestes Bairros é visível a relação entre a habitação social e a arquitetura moderna de influência

<sup>7</sup> Zona residencial destinada a operários fabris (França fins do séc. XIX)

nos *Siedlungen* <sup>8</sup>, em aspetos como as variações, em função da tipologia, relativas à repetição de um módulo e elementos arquiteturais simples (e.g., lajes para floreiras).

Neste, como na generalidade dos projetos de Casas Económicas dessa época, embora se perceba a influência do conceito de “Cidade-Jardim” <sup>9</sup>, enquanto projeto de áreas suburbanas rodeadas de uma cintura verde, não existe relação de “continuidade morfológica e de infraestrutura” entre os bairros e as cidades nas quais foram implementados. Este facto deveu-se à não existência de Planos de Urbanização aprovados e em execução, o que conduziu à implementação destes projetos de acordo com “estradas radiais ou acessos pré-existentis” e não pela sua localização perto de um “complexo produtivo” (Carvalho, 2013, p.27).



**Figura 17** - O conceito original *Garden City* por Ebenezer Howard de 1902. (<https://scodpub.files.wordpress.com>)

**Figura 18** - Bairro de Casas Económicas / Bairro do Bom João, Faro 1948. Eugénio Correia. A influência do conceito de “Cidade-Jardim, Ebenezer Howard. (desenho do autor Frederico Pacheco)

<sup>8</sup> Bairros residenciais construídos na Alemanha (décadas de 20-30) para dar resposta à problemática habitacional operária

<sup>9</sup> Ebenezer Howard (Inglaterra 1850-1928) autor de “Garden Cities of Tomorrow”, (1902), defendeu o conceito de “Cidade-Jardim”: Comunidade autónoma, cercada por um cinturão verde, numa estreita relação entre campo e cidade



**Figura 19** - Rua B - Av. De Olivença (atual Av. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato) - Bairro do Bom João, 1957. (coleção privada do autor)

## 1.4. Notas Biográficas sobre o Arquitecto Eugénio Correia

EUGÉNIO CORREIA  
(1897-1985)

Embora sendo uma figura importante na história da Arquitectura em Portugal durante o Estado Novo, na pesquisa realizada não se encontrou uma biografia oficial de Eugénio Correia.

Nascido a 23 de dezembro de 1897, na Vila Nova de Estefânia em Sintra, Eugénio Correia, ingressou no curso preparatório de Arquitectura da Escola de Belas-Artes de Lisboa em 1914, tendo frequentado este curso até 1918, altura em que se matriculou no Curso Especial de Arquitectura Civil, concluído em 1923 (Ferreira, 1991).

Segundo Ferreira (1991), Eugénio Correia iniciou a sua carreira de Arquitecto em 1920, antes de terminar o curso, tendo exercido variados cargos públicos desde 1939 (Inspeção de Lugares e Habitação da Direcção-Geral de Saúde; Repartição de Construções Escolares; Arquitecto Inspector-Chefe da Direcção-Geral do Ensino Primário).

Em 1939, enquanto Arquitecto na Repartição de Estudos da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, executou, entre outros, o projeto e relatório sobre a construção de “alojamentos ‘ultra-económicos’ para as ‘famílias pobres’ de Olhão” (Ferreira, 1991, p.11), tendo ocupado em 1941, nesta Direcção-Geral, o cargo de Arquitecto de 1ª Classe e, em 1955, o de Arquitecto-Inspetor

Superior de Obras Públicas.

É da sua autoria, no início dos anos 50, o sistema de construção “Parabolóide”, para “resolução de problemas habitacionais em meio rural”, o qual evidenciava o seu interesse pelos jogos de movimento de luz e sombras, conferidos pelas volumetrias e utilização da cal (*Idem*, p. 13).



**Figura 20** - Bairro do Consórcio Português de Conservas de Peixe, Olhão, 1938, Eugénio Correia. (Novais, 1935-1938, s/p)

A conservação e recuperação do “património arquitectónico, cultural e histórico do país” mereceu-lhe especial interesse, área na qual também se distinguiu, especialmente a nível da defesa do património das aldeias típicas, solicitando medidas urgentes, que pudessem travar a sua destruição e descaraterização (*Idem*, p.13 -14).

Foi Diretor da Associação dos Arquitectos Portugueses e Presidente da Sociedade Nacional de Belas-Artes na qual se realizou em 1941 a exposição itinerante «Nova Arquitectura Alemã», versão

portuguesa da *Neue Deutsche Baukunst*, a mais importante mostra arquitetónica realizada até essa altura em Portugal (Wikipedia, s/d).



**Figura 21** - Bairro Engenheiro Duarte Pacheco, Olhão (1948-1953), Eugénio Correia. Fotografia s/d Arquivo Horácio Novais (Carvalho, 2013, p.25)

Nacional de Belas Artes tendo sido, em 1973, galardoado com o Prémio José Figueiredo, pela sua obra “Valores de Portugal, Registo de Imóveis de interesse Histórico, Artístico ou Pitoresco e de Obras Naturais”, que contou com a colaboração de Paulino Montez (Ferreira, 1991).

Ao longo da sua carreira ganhou variados prémios, tendo conseguido notoriedade em diversos projetos importantes.

Referências obtidas (Wikipédia, s/d), permitem considerar como relevantes os seus contributos nos seguintes Bairros económicos:

- Bairro do Consórcio Português de Conservas de Peixe em Olhão, projetado entre 1935 e 1938 para a Secção de Construção de Casas Económicas da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN);

- Bairro Económico de Belém (Bairro Económico das Terras de Forno), executado entre 1933 e 1938 em colaboração com Raul Lino <sup>10</sup>;

- Bairro Económico de Telheiros da Ajuda/Alto da Ajuda, em Lisboa, projeto realizado entre 1938 e 1940;

- Bairro de Casas Económicas Engenheiro Duarte Pacheco (Bairro Económico da Horta da Cavalinha), em Olhão, no âmbito da Direcção dos Edifícios do Sul/Secção de Construção de Casas Económicas da DGEMN – projetado em 1948 e concluído em 1953;

- Bairro do Bom João em Faro - embora na ausência de documentos oficiais que o confirmem, a pesquisa efetuada indica que o seu projeto arquitetónico tenha sido o mesmo do Bairro Engenheiro Duarte Pacheco em Olhão, com ligeiras alterações de pormenor, tendo ambos os Bairros sido construídos em simultâneo (1948-1953). <sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Raul Lino - (Lisboa 1879-1974) arquiteto português, a quem se atribui o conceito da ‘Casa Portuguesa’, relativamente ao qual escreveu várias obras, denotando a preocupação por uma arquitetura integrada na paisagem.

<sup>11</sup> De acordo com documento do Arquivo Distrital de Faro - “Projecto de Urbanização do Bairro de Moradias Económicas em Faro - Pavimentação dos Arruamentos - Memória Descritiva e Justificativa” (Campos, 1949) – e considerando a data do mesmo (i.e., 1949), verifica-se que nesta data “O Bairro de Moradias Económicas de Faro, tem 200 fogos dos quais 102 – que constituem a 1ª fase – se encontram já em estado adiantado de construção, motivo por que se torna urgente a execução da urbanização dos arruamentos para que as casas possam ser imediatamente ocupadas após a sua conclusão”.



## Estudo do Bairro do Bom João



Figura 22 - Panorâmica do Bairro do Bom João, vista do miradouro de Santo António do Alto, em 1953. (<http://adefesadefaro.blogspot.pt>)

## Bom João! \*

Esta noite, ó meu amor,  
Na mais viva mocidade  
Vou com um balão de cor  
Pelas ruas da cidade,  
Numa cantiga modesta  
E à luz morna do balão  
Dizer que é noite de festa,  
Esta noite em Bom João

Bom João,  
Bairro de casas branquinhas  
Onde cedo as andorinhas  
Aparecem a voar...  
Bom João,  
Janela sempre florida  
Para o lado da Ermida  
E para as bandas do Mar!

E nas ruas mais singelas  
Do meu bairro enamorado  
As fogueiras lembram velas  
Sobre um bolo de noivado,  
E a marcha passa cantando  
O bairro que tem a graça  
Que a Lua tem quando passa  
Pelo bairro namorando!

\*(Para a Marcha do Bom João, 1957)

Raul de Matos, *Que terra é essa, o Algarve?!... (Poemas)* (p.41)  
(morador original do Bairro do Bom João)

## 2. Estudo do Bairro do Bom João

O Bairro do Bom João, construído entre 1948 e 1953, com uma previsão inicial de 200 fogos, não foi contudo concluído, tendo apenas sido construídos 102 fogos, correspondendo à 1ª fase de construção.



Figura 23 - Liecu visto do Bairro do Bom João, 1956. (Vedes, 2010, p. 105)

De acordo com a “Memória Descritiva e Justificativa de Pavimentação dos Arruamentos”, datada de 20 de agosto de 1949 (Anexo A), a circulação dos veículos era efetuada privilegiadamente pela rua B - Avenida de Olivença (atual Av. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato), sendo esta considerada “uma importante ‘cintura’ da cidade”, destinando-se à circulação de veículos, razão pela qual,

nas ruas transversais a circulação apenas se efetua num sentido, “o que justifica a pequena largura da faixa de rodagem projectada” (Campos, 1949, p. 2).

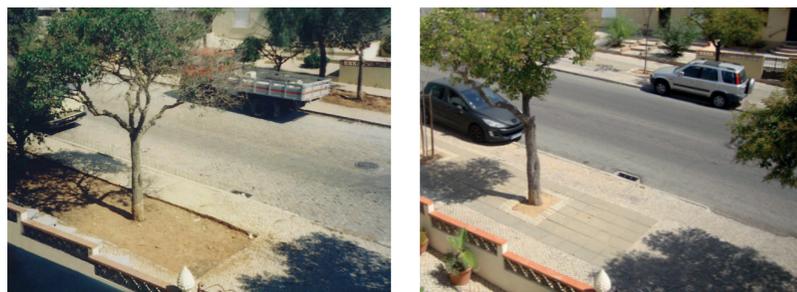
De acordo com o Plano Geral de Urbanização, a Avenida possui largura total de 20 m, 9 m dos quais constituem a faixa de rolagem e 11 m são passeios.

Os passeios possuem três faixas: duas extremas de 1,5 m de largura, limitando a central com 2,5 m de largura, destinada à plantação de árvores.

No que se refere à arborização, apenas na rua B – Av. de Olivença (atual Av. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato) se procedeu à plantação de árvores, tendo as mesmas sido escolhidas devido ao seu porte, aspeto e características de boa aclimatização ao terreno (*Idem*, p. 5).

De acordo com depoimentos de moradores originais, foram também plantados arbustos de espécies diferentes, que atualmente já não existem.

Originalmente, após cada duas árvores foi estabelecida comunicação de 2.5 m de largura entre as faixas marginais dos passeios. Atualmente, embora tenham sido mantidas pequenas caleiras para as árvores, nestes canteiros centrais foram coladas lajes de cimento.



**Figuras 24 e 25-** Pavimentação original e piso posterior em alcatrão (Fotos Anos 90 (coleção privada do autor) e atual (fotografia do autor F.P.)) - Bairro do Bom João, Faro.

No que se refere às características técnicas relativamente ao tipo de pavimento, originalmente foram adotados os cubos de calcário (0.13 X 0.13m) para todos os arruamentos, à exceção da Av. de Olivença, cujo pavimento foi de paralelepípedos de calcário. Também o tipo de pavimento sofreu alteração com o passar dos anos, tendo os paralelepípedos sido coberto por alcatrão.

Os passeios são feitos em calçada, tendo sido utilizada a “pedra meuda de Bela Mandil” (Campos, 1949, p. 5).

Segundo o mesmo documento, este tipo de pavimento em pedra de calcário “está absolutamente indicado na região, por ser barata a pedra e porque fornece um pavimento resistente e duradouro (...) que, com êxito transparente se vem aplicando na pavimentação da cidade de há muitos anos” (Campos, 1949, p. 3).



Confinando com a zona dos passeios, cada habitação possuía um pequeno terreno de acesso, o qual foi ajardinado pelos moradores.

Em termos arquitetónicos, o Bairro do Bom João constituiu uma ligação entre o regresso a temas regionalistas e as ideias modernistas de edifícios de formas cubistas, com uma volumetria simples e coberturas planas em terraço (açoteias) (Fernandes & Janeiro, 2008).

**Figura 26 -** Jardins laterais, Bairro do Bom João. (coleção privada do autor)

O Bairro é composto por conjuntos de duas moradias geminadas, simétricas, com dimensões e número de divisões variável em função da tipologia. Em todas as tipologias, as divisões possuem uma janela que lhes confere iluminação natural.

A pedra, o calcário e o tijolo-burro, constituem os materiais utilizados

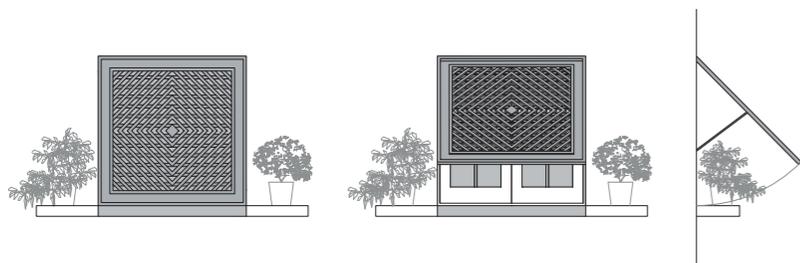
na sua construção, tendo originalmente as moradias acabamento revestido de cal, quer exterior, quer interiormente. A nível exterior, a quase totalidade da área foi caiada de branco, existindo contudo uma faixa rente ao solo, variando entre meio metro e 75 centímetros de altura (consoante a inclinação do terreno), caiada de amarelo ocre.

Em todas as habitações existia um quintal lateral e outro nas traseiras (com canteiros e árvores de fruto), limitados por uma cerca de quadrados abertos em cimento, caiada de branco.

O acesso a cada casa era feito por uma porta principal, na parte frontal, e uma porta de serviço, situada nas traseiras. Ambas as portas, de madeira, possuíam postigo e eram pintadas de cores vivas, variando a cor, em função do agrupamento de cada duas casas. De referir que as portas de acesso eram encimadas por um pequeno alpendre ou pérgula.

Na frente e nas traseiras das moradias, uma base-coluna para vasos, ladeava os degraus de acesso às portas. Nas habitações de tipologia B, ao nível do 1º andar, ladeando cada janela, existia ainda uma plataforma para colocação de floreiras.

As caixilharias dos vãos eram em madeira e as persianas das janelas, também em madeira, eram constituídas por reixas, ao estilo muxarabi, pintadas nas mesmas cores que as portas. Nas casas



**Figura 27** - Janela das casas de tipologia B, ao nível do 1º andar (desenho do autor F.P.)

de tipologia B, as janelas do piso superior eram de abertura com charneira superior, a 45º.

Os peitoris e os degraus exteriores de acesso eram de grandes

lajes de pedra calcária bujardada grossa, de tom cinza.

O pé direito das habitações é de 2,7 metros, sendo as paredes interiores em tijolo-burro com 30 centímetros de espessura e as exteriores em pedra com 50 centímetros de espessura.

A cobertura das moradias era plana, em varanda ou açoteia (com cobertura em ladrilho) limitada por um murete de cerca de 50 centímetros de altura, que constituía a platibanda de remate das fachadas.

O facto do terreno no qual o Bairro do Bom João foi implantado possuir diferentes cotas, conduziu a que, especialmente nas casas geminadas de tipologia B, tivesse havido a necessidade do acesso a uma delas, ser feito através de maior número de degraus (variando entre 1 a 7), por forma a compensar o desnível do terreno.

Nas moradias de tipologia A o arco-escada (já presente no projeto do Bairro da Fuzeta, da autoria de Inácio Peres Fernandes – 1929-33), constitui o suporte de acesso às açoteias das casas.



**Figura 28** - Bairro dos Pescadores Fuzeta, 1933, Arq. Inácio Peres Fernandes. (Fernandes & Janeiro, 2008)



Figura 29 - 1948 (Projeto), Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)



Figura 30 - 1953, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)



## 2.1. Tipologias

No Bairro de Moradias Económicas de Faro – Bairro do Bom João, e de acordo com o artigo 12º do decreto-lei 23052/1933, foram construídas moradias das Classes A e B, correspondendo a classe A ao nível mais baixo de padrões de espaço, qualidade dos materiais, equipamentos e custos. A classe A caracteriza-se por possuir apenas um piso (rés-do-chão) e a classe B dois pisos (rés-do-chão e 1º andar), subdividindo-se cada Classe em dois tipos diferentes:

- Tipo 2 – para casais com filhos só de um sexo, pouco numerosos
- Tipo 3 – para casais com filhos de ambos os sexos, ou com filhos muito numerosos do mesmo sexo

Esta tipologia é comum às duas Classes de moradias, embora com adaptações em função da Classe A ou B.

A nível interior estas casas possuem uma sala comum, cozinha, casa de banho e quarto(s) de dormir (em número variável em função da tipologia, no máximo de quatro quartos).

As habitações possuíam quintal lateral e traseiro.



Legenda de Tipos:



Figura 31 - Projeto do Bairro do Bom João em Faro, 1948.  
(desenho do autor F.P.)



## 2.2. Planta Geral de urbanização do Bairro

O projeto inicial de 200 fogos (figura 31) não foi executado na total, tendo sido construídos apenas 102 fogos, ficando a configuração do bairro como mostra a figura 32.



**Figura 32** - Planta do Bairro do Bom João, Faro, 1953. (desenho do autor F.P.)

## 2.3. Plantas e Alçados

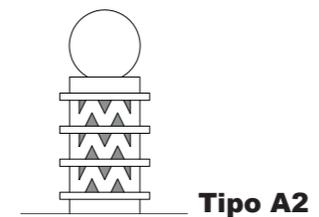


**Figura 33** - Rua B - Av. De Olivença (atual Av. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato) - Bairro do Bom João, Abril de 1956. Fachadas frontais das moradias geminadas de Tipo B2 e ao fundo as de Tipo A3. (coleção privada do autor)

A análise geral das plantas permite constatar o seu caráter simples e funcional, verificando-se numa perspetiva mais detalhada que:



Figura 34 - Perspetiva das casas de tipologia A2. (produção 3D do autor F. P.)



- As casas de tipo A2, destinadas a casais com filhos do mesmo sexo pouco numerosos, apresentam uma tipologia de rés-do-chão: entrada para uma zona que é simultaneamente hall e sala comum, cozinha, dois quartos e casa de banho. (Figura 36)

A fachada da frente tem uma janela e uma porta de entrada, sendo a traseira simétrica em relação à fachada da frente. A fachada lateral possui uma pequena janela de frestas na casa de banho. (Figura 35)

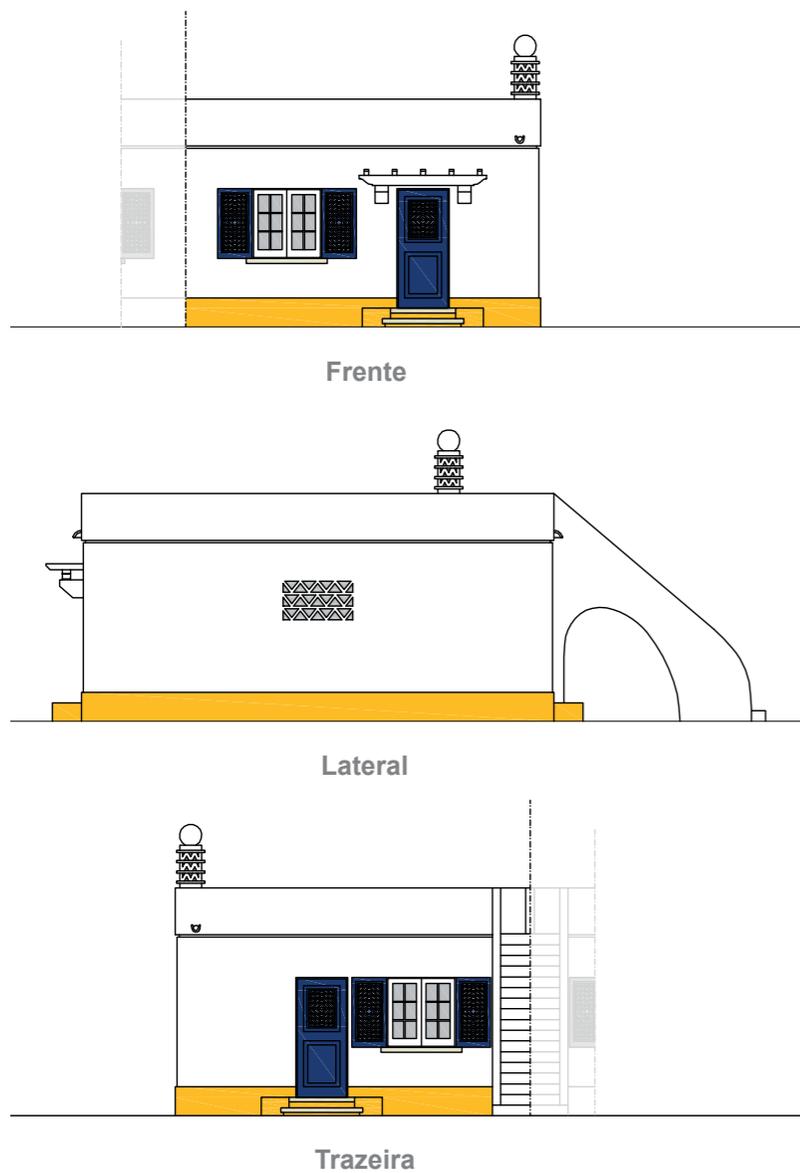


Figura 35 - Alçados de tipologia A2. (desenho do autor F.P. a partir da planta Anexo C)

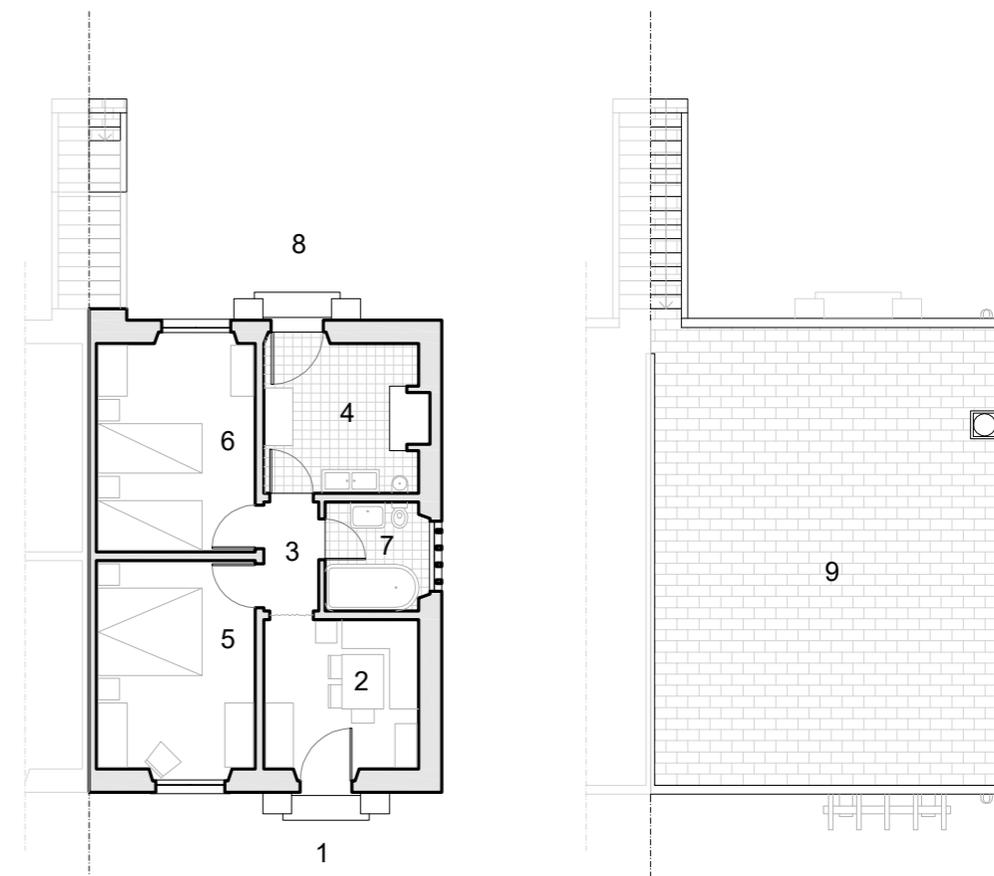


Figura 36 - Planta de tipologia A2: Piso 0 (desenho do autor F.P. a partir da planta Anexo C)  
**Tipo A3 : Área: 49.41 m<sup>2</sup>**

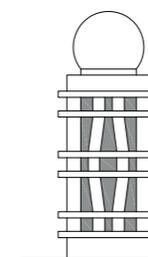
- 1- Pátio de Entrada
- 2- Sala comum - 7.00 m<sup>2</sup>
- 3- Corredor - 1.77 m<sup>2</sup>
- 4- Cozinha - 7.20 m<sup>2</sup>
- 5- Quarto 1 - 10.10 m<sup>2</sup>

Figura 37 - Planta de tipologia A2: Piso 1 (Terraço) (desenho do autor F.P. a partir da planta Anexo C)

- 6- Quarto 2 - 10.10 m<sup>2</sup>
- 7- Casa de Banho - 3.30 m<sup>2</sup>
- 8- Quintal
- 9- Açoteia



Figura 38 - Perspetiva das casas de tipologia A3. (produção 3D do autor F. P.)



**Tipo A3**

• O tipo A3, para casais com filhos de ambos os sexos, ou com filhos numerosos de um só sexo, apresenta uma tipologia de rés-do-chão: entrada para uma zona que é simultaneamente hall e sala comum, cozinha, 3 quartos e casa de banho. (Figura 40)

A fachada da frente tem 2 janelas e uma porta de entrada. A traseira tem 1 janela igual às janelas da fachada da frente, uma pequena janela na casa de banho e uma porta traseira de acesso à cozinha. (Figura 39)

**Nota:** na parte posterior, ambas as tipologias A2 e A3 possuem um arco-escada exterior, para acesso à cobertura em açoteia, comum à casa com a qual se encontra geminada, separada por um corrimão central em ferro.

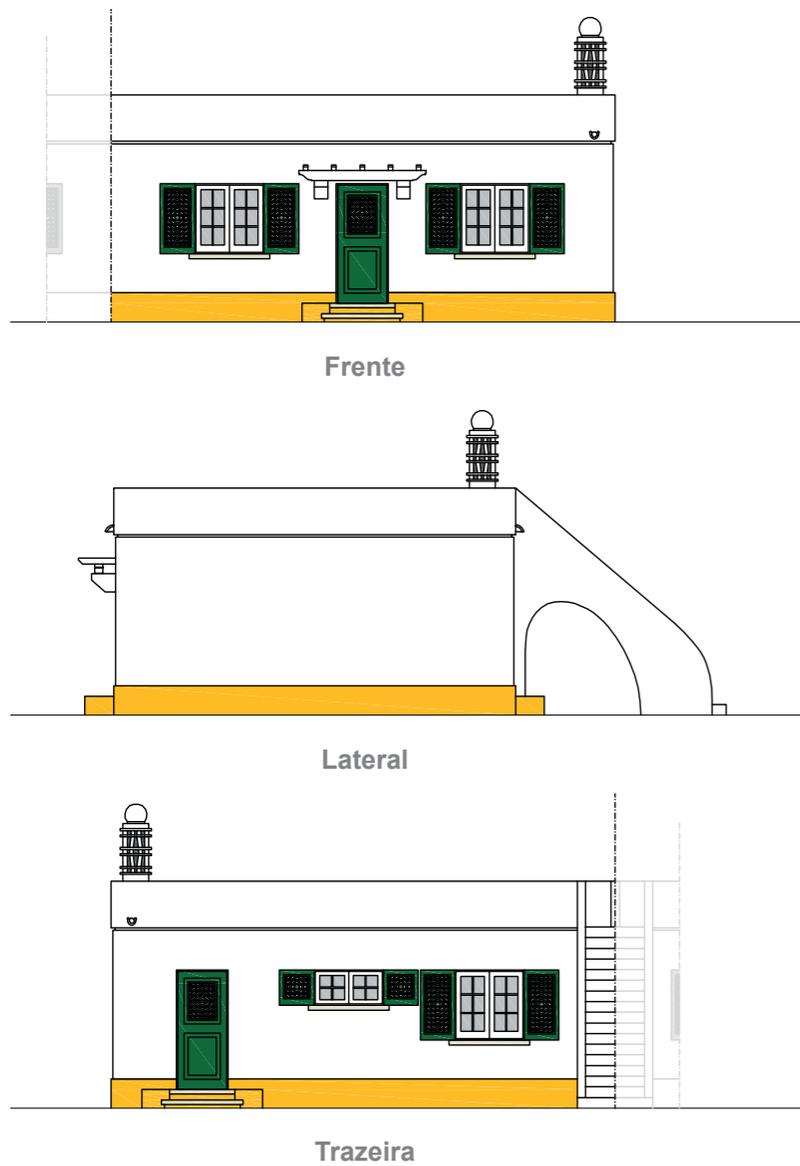


Figura 39 - Alçados de tipologia A3. (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)

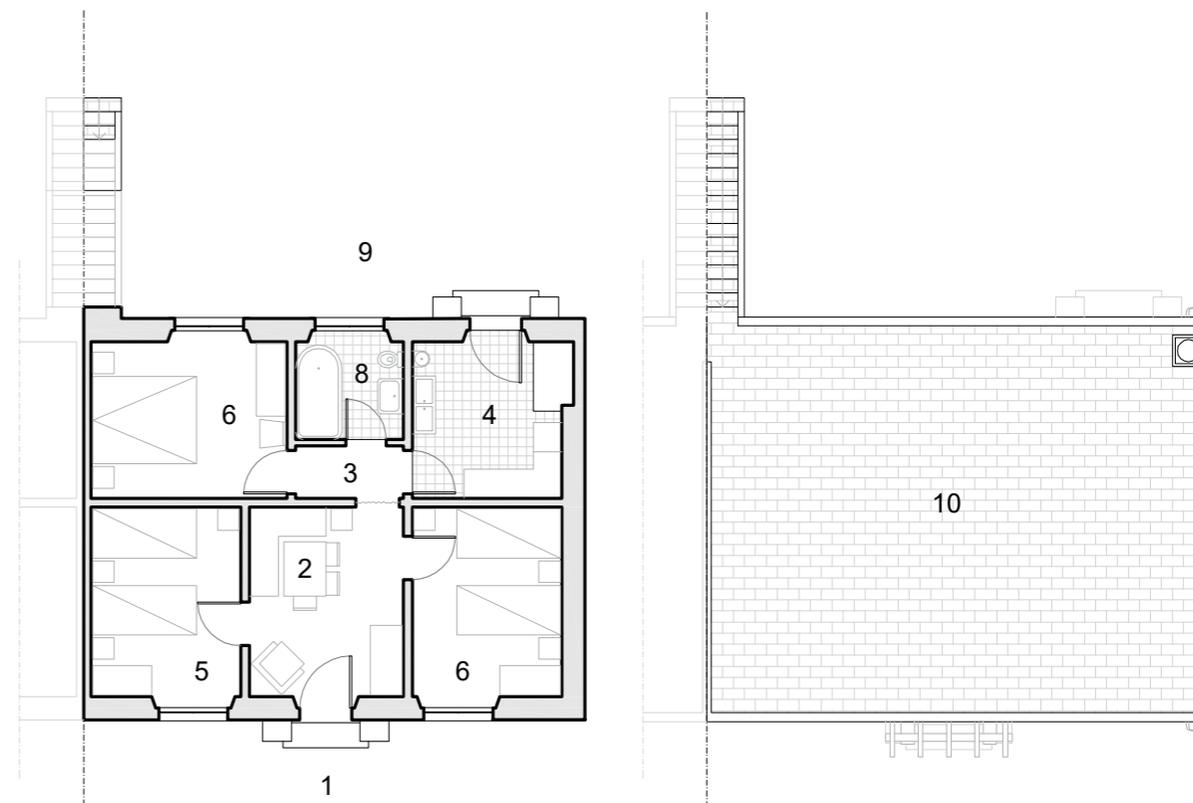


Figura 40 - Planta de tipologia A3: Piso 0 (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)

Figura 41 - Planta de tipologia A3: Piso 1 (Terraço) (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)

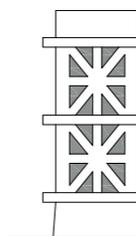
**Tipo A3 : Área: 60 m<sup>2</sup>**

- 1- Pátio de Entrada
- 2- Sala comum - 8.93 m<sup>2</sup>
- 3- Corredor - 1.68 m<sup>2</sup>
- 4- Cozinha - 7.42 m<sup>2</sup>
- 5- Quarto 1 - 8.75 m<sup>2</sup>

- 6- Quarto 2 - 8.75 m<sup>2</sup>
- 7- Quarto 3 - 9.42
- 8- Casa de Banho - 3.42 m<sup>2</sup>
- 9- Quintal
- 10- Açoteia



Figura 42 - Perspetiva das casas de tipologia B2. (produção 3D do autor F. P.)

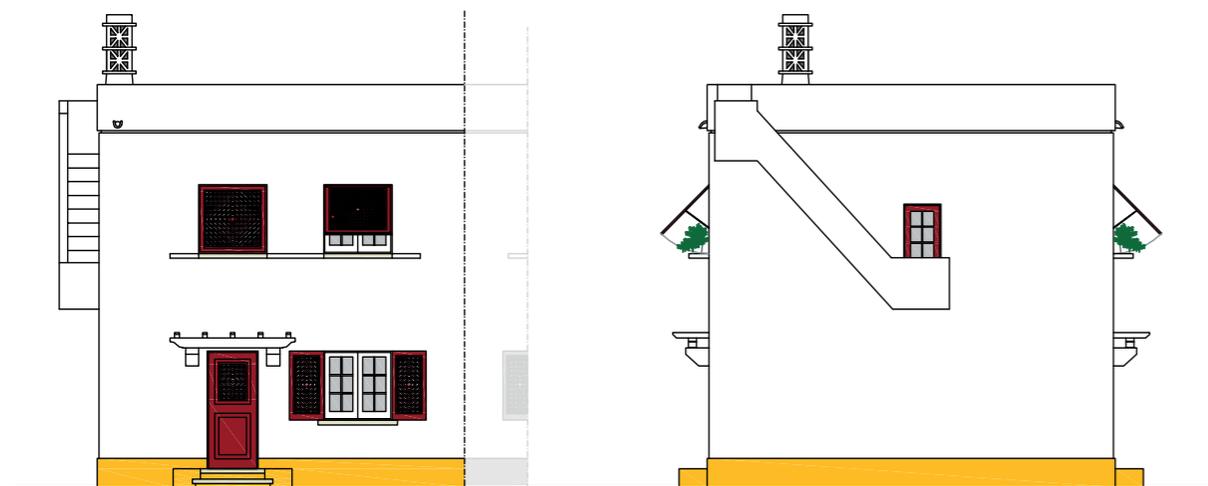


**Tipo B2**

- As casas de tipo B2, destinadas a casais com filhos do mesmo sexo, pouco numerosos, ou filhos de ambos os sexos, apresentam uma tipologia de rés-do-chão destinado aos espaços públicos: cozinha, sala comum, sala de jantar e hall com escada para o piso 1. (Figura 46) O piso 1 (zona privada) é constituído por 3 quartos e casa de banho. (Figura 45)

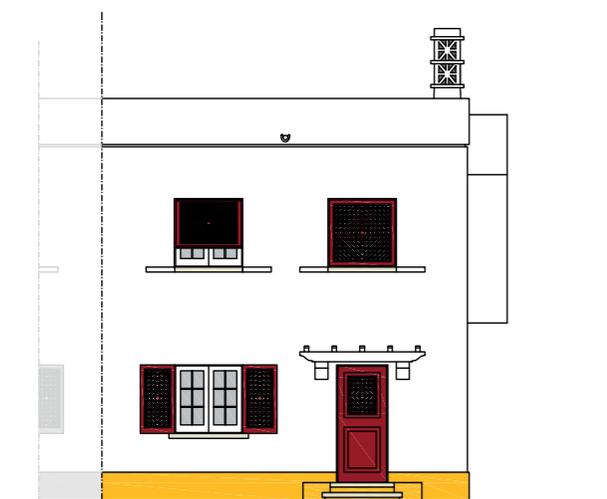
Esta tipologia possui uma escada exterior, a partir do piso 1, para acesso à cobertura em açoteia.

A fachada da frente tem 3 janelas (uma no piso 0 e duas no piso1) e uma porta de entrada, sendo a traseira simétrica em relação à fachada da frente. (Figura 43)



Frente

Lateral



Trazeira

Figura 43 - Alçados de tipologia B2. (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)

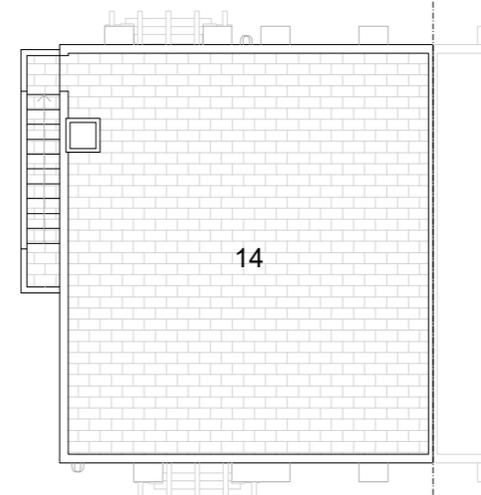


Figura 44 - Planta de tipologia B2: Piso 2 (Terraço) (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)

**Tipo B2 - Área: 91,36 m<sup>2</sup>**

- 1- Pátio de Entrada
- 2- Hall - 3,72 m<sup>2</sup>
- 3- Corredor (piso 0) - 1,27 m<sup>2</sup>
- 4- Sala de Estar - 9,24 m<sup>2</sup>
- 5- Sala de Jantar - 10,36 m<sup>2</sup>
- 6- Cozinha - 7,23 m<sup>2</sup>
- 7- Arrumo - 1,87 m<sup>2</sup>
- 8- Corredor (piso1) - 2,60 m<sup>2</sup>
- 9- Quarto 1 - 7,16 m<sup>2</sup>
- 10- Quarto 2 - 9,24 m<sup>2</sup>
- 11- Quarto 3 - 10,36 m<sup>2</sup>
- 12- Casa de Banho - 4,17 m<sup>2</sup>
- 13- Quintal
- 14- Açoteia

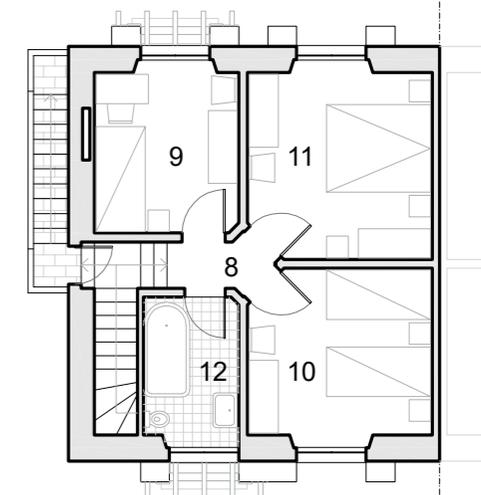


Figura 45 - Planta de tipologia B2: Piso 1 (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)

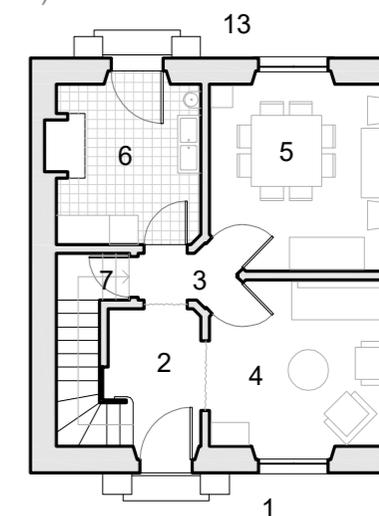
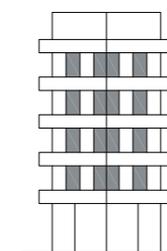


Figura 46 - Planta de tipologia B2: Piso 0 (desenho do autor F.P. a partir da palnta Anexo C)



Figura 47 - Perspetiva das casas de tipologia B3. (produção 3D do autor F. P.)



**Tipo B3**

- O tipo B3, para casais com filhos de ambos os sexos, ou com filhos muito numerosos de um só sexo, apresenta uma tipologia de rés-do-chão com um quarto e espaços públicos: cozinha, sala comum, sala de jantar, hall e escada de acesso ao piso 1. (Figura 51) O piso 1 é constituído por 3 quartos, casa de banho e escada de acesso à cobertura em açoteia. (Figura 50)

A fachada da frente tem 4 janelas (duas em cada piso) e a traseira 3 tipos de janelas: 2 janelas iguais às da fachada da frente (piso 0 e 1), uma pequena janela na casa de banho (piso 1) e frestas para a escada interior. (Figura 48)

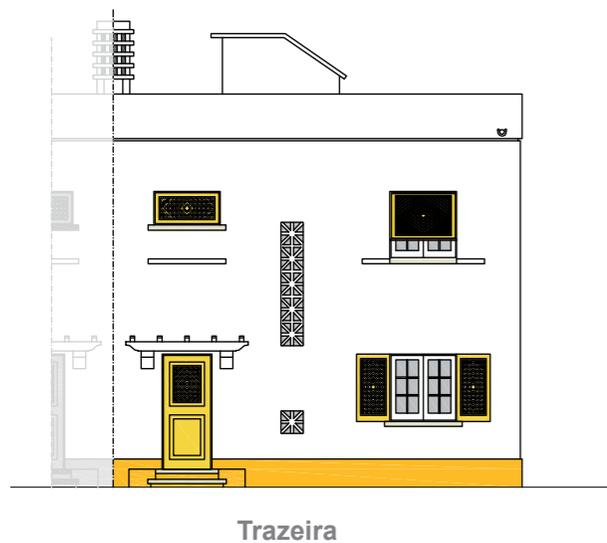
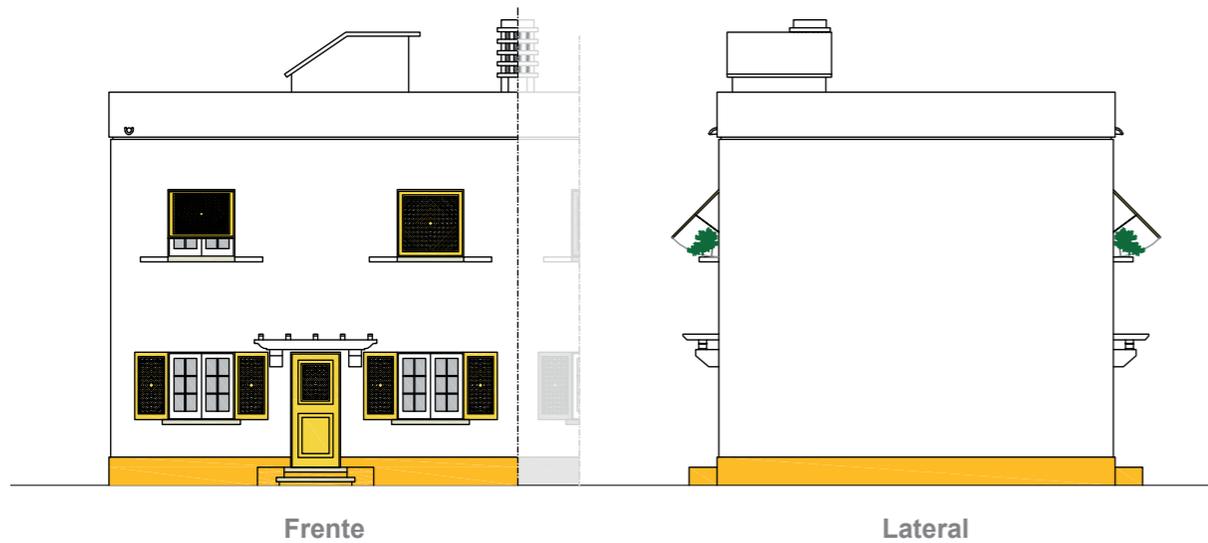


Figura 48 - Alçados de tipologia B3. (desenho do autor F.P. a partir da planta Anexo C)

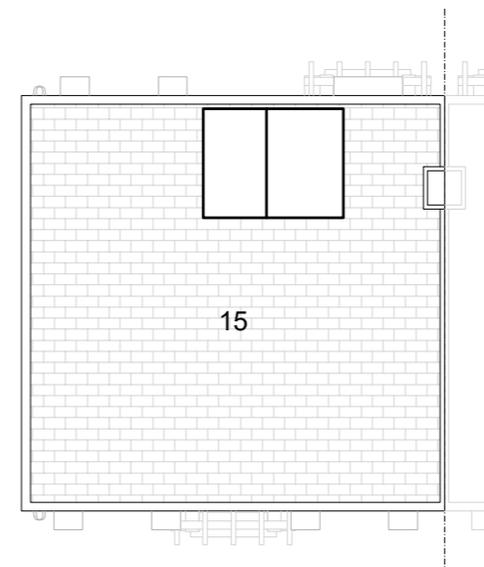


Figura 49 - Planta de tipologia B3: Piso 2 (Terraço) (desenho do autor F.P. a partir da planta Anexo C)

**Tipo B3 - Área: 103.94 m<sup>2</sup>**

- 1- Pátio de Entrada
- 2- Hall - 3.47 m<sup>2</sup>
- 3- Corredor (piso 0) - 1.70 m<sup>2</sup>
- 4- Sala de Estar - 7.37 m<sup>2</sup>
- 5- Sala de Jantar - 9.72 m<sup>2</sup>
- 6- Cozinha - 6.23 m<sup>2</sup>
- 7- Arrumo - 3.00 m<sup>2</sup>
- 8- Corredor (piso1) - 1.64 m<sup>2</sup>
- 9- Quarto 1 - 8.11 m<sup>2</sup>
- 10- Quarto 2 - 8.11 m<sup>2</sup>
- 11- Quarto 3 - 9.72 m<sup>2</sup>
- 12- Quarto 4 - 11.03 m<sup>2</sup>
- 13- Casa de Banho - 6.15 m<sup>2</sup>
- 14- Quintal
- 15- Açoteia

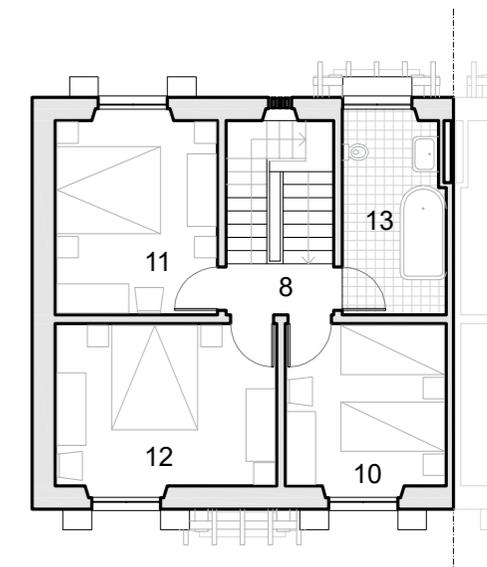


Figura 50 - Planta de tipologia B3: Piso 1 (desenho do autor F.P. a partir da planta Anexo C)

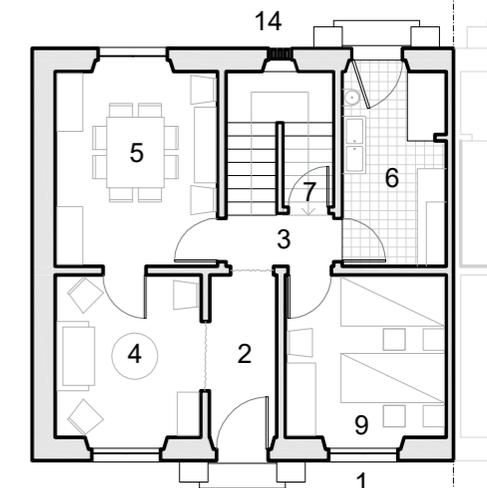


Figura 51 - Planta de tipologia B3: Piso 0 (desenho do autor F.P. a partir da planta Anexo C)



Figura 52 - Casa Algarvia, Olhão, anos 60. (<http://www.delcampe.net>)

## 2.4. Características Arquitetônicas: Influências da Arquitetura Tradicional Algarvia no projeto arquitetônico do Bairro do Bom João

A estética horizontal das moradias e as suas formas geométricas, aliada à utilização de variadas cores presentes nas portas e janelas do Bairro do Bom João, reflete a influência do Modernismo na conceção arquitetónica deste projeto, inspirado nas construções tradicionais da região, pelo que se integra de forma harmoniosa com o meio envolvente. A própria construção, nomeadamente no que se refere à utilização da cal como acabamento, reflete a influência de características regionais neste projeto.

Embora com o objetivo de edificar habitações para alojar grupos sociais economicamente menos favorecidos, o Bairro do Bom João, possui características arquitetónicas que permitem considerá-lo um projeto destinado não apenas a alojamento, mas também ao usufruto do espaço exterior em torno da habitação (Baptista, 1999).

Assim, o próprio conceito do projeto, sob a forma de moradias unifamiliares e a existência de uma área considerável destinada a quintal, de inspiração no modelo de “cidade-jardim”, permitiu aos seus moradores um aproveitamento pessoal do espaço exterior.

De acordo com as suas preferências, foram surgindo pequenos jardins, ou mini-hortas, em função do que, cada agregado familiar considerava mais adequado à sua conceção de usufruto do espaço.

As influências regionais são visíveis nos elementos que compõem os edifícios habitacionais, mais concretamente no que se refere às açoteias, reixas e pequeno alpendre de acesso.

## Açoteia

A cobertura em terraço ou açoteia, de origem na ocupação muçulmana, localmente designada por “varanda”, é um elemento característico das casas deste Bairro e, embora já não seja usada com os fins práticos ancestrais (secagem de alimentos), continua, na sua maioria, presente nas casas, sendo usada, especialmente nas moradias de tipologia A, para secar a roupa em varais e como zona de lazer e descanso.



**Figura 53** - Rua B - Av. Dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato) - Bairro do Bom João. (fotografia do autor F.P.)



**Figura 54** - Bairro do Bom João. Fotografia retirada do Google Earth.

### Recorte na platibanda

Entre a platibanda e a fachada propriamente dita, existe um pequeno recorte de cerca de 5 cm (profundidade e altura) que confere um maior relevo à platibanda e adiciona à fachada um novo jogo de sombra.

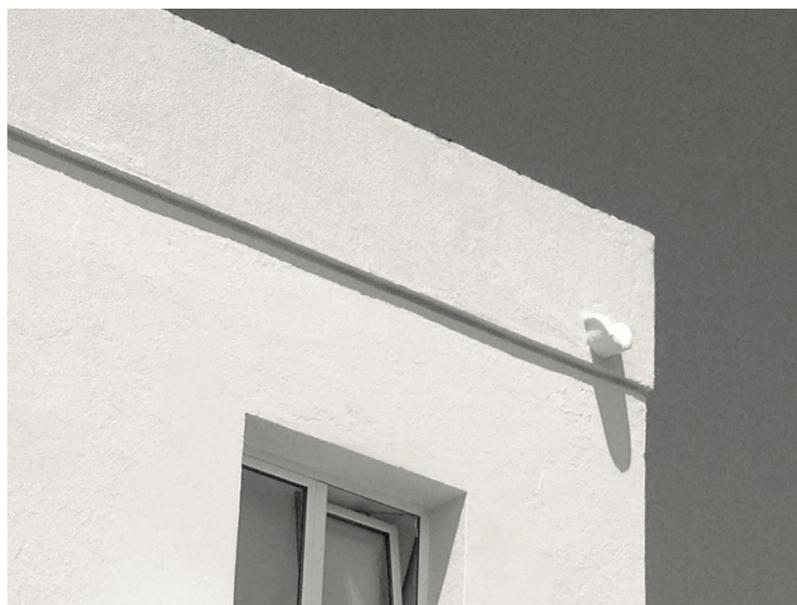


Figura 55 - Recorte entre a platibanda e a fachada. (fotografia do autor F.P.)

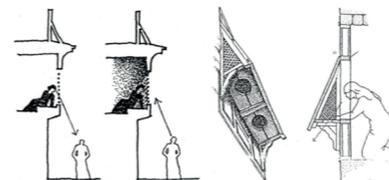


Figura 56 - A janela tipo moucharabieh. (Ragette, 2003, p.77)

### Reixas

O revestimento exterior de vãos e janelas com reixas ao estilo *muxarabi*, supria as necessidades de iluminação e ventilação, permitindo a visão para o exterior, em simultâneo com a preservação de uma temperatura mais amena. Estes elementos, existentes a nível não só das janelas, mas também dos postigos das portas, constituíam uma característica marcante do Bairro em análise.



Figura 57 - Vão de Reixa, Tavira. (Arq. Popular em Portugal p.239)

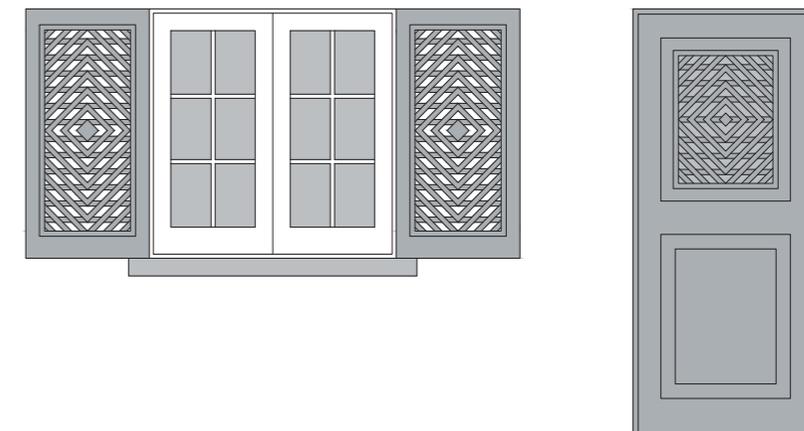


Figura 58 - Reixas das janelas e postigo da porta. (desenho do autor F.P.)

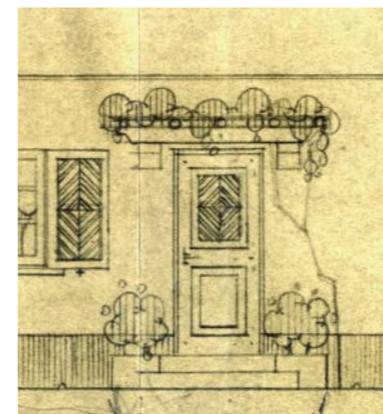
**Alpendre de acesso coberto por Pérgula (elemento estético de inspiração nas tradicionais latadas da casa algarvia)**

As pérgulas ou alpendres, estrutura formada por um sistema de vigas paralelas feitas de variados materiais (e.g., madeira, alvenaria, metal, cimento...), usada como proteção (e.g., sol, chuva) em áreas exteriores das residências, é uma característica comum da arquitetura popular algarvia.



**Figura 59** - “Latada” tradicional algarvia. (Arq. Popular em Portugal p.163)

Embora não tenha encontrado referência explícita a este elemento arquitetónico na bibliografia consultada, é recorrente a sua visibilidade em fotografias dessas obras.



**Figura 60** - Eugénio Correia, desenho de alçado do Bairro do Bom João (1948), Faro

**Figura 61** - Bairro do Bom João (1955), Faro. (coleção privada do autor)



Este elemento, constituía a cobertura dos típicos pátios de acesso às casas algarvias, normalmente formado por parreiras, sendo comum falar-se no Algarve de “latadas”, em referência a este tipo de cobertura.

Penso que, a pequena estrutura em forma de pérgula presente por cima das portas (frontal e traseira) das casas do Bairro do Bom João, teve a sua origem inspiradora neste elemento de cobertura dos pátios algarvios.

Nos alçados é visível o desenho de plantas trepadeiras nos pequenos canteiros laterais às portas, assim como em fotografias da época, constituindo um elemento estético, mais do que propriamente de proteção, uma vez que não possuía de facto uma cobertura.

## Pingadouros

Os pingadouros, saliências na platibanda nas casas para impedir que as águas pluviais escorram pela parede, apresentam uma dimensão considerável neste Bairro, constituindo mais um elemento estético que confere volumetria ao conjunto e lhe adiciona um jogo de sombras.



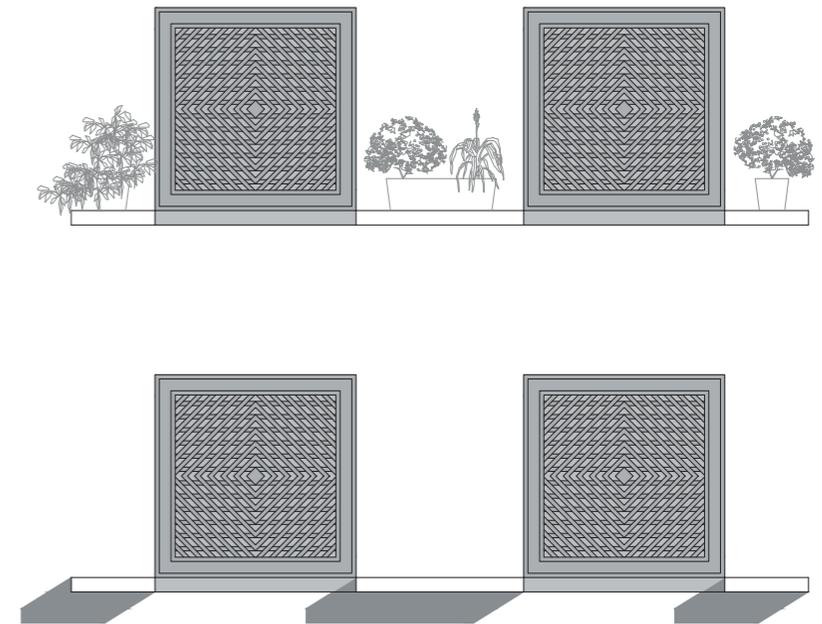
**Figura 62** - Pingadouro que devido à sua forma e dimensão marca uma forte presença, além do jogo de sombras. (fotografia do autor F.P.)

## Bases para floreiras

As bases para floreiras, constituem-se como um dos elementos mais importantes nas fachadas e, mesmo não sendo utilizadas para a função que originalmente lhes era atribuída, só por si, constituem um elemento estético, dando ao alçado um caráter inconfundível.



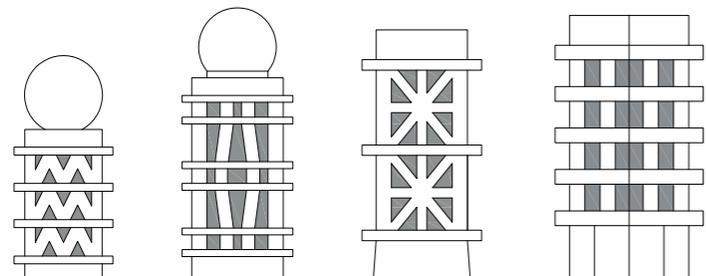
**Figura 63** - Bases para floreiras conferem volumetria e jogo de sombras. (fotografia do autor F.P.)



**Figura 64** - Reixas das janelas de casas de tipologia B, ao nível do 1º andar (desenho do autor F.P.)

## Chaminés

As chaminés originais das casas do Bairro, refletem a influência das tradicionais “chaminés algarvias”, sendo distintas entre si, em função das tipologias.



**Figura 66** - Tipos de Chaminés: A3 (esq.), B3 (centro) e B2 (dir.).  
(fotografia do autor F.P.)

**Figura 65** - Tipos de Chaminés:  
A2, A3, B2 e B3 (esq. a dir.)  
(desenho do autor F.P.)



**Figura 67** - Tipo de Chaminé:  
A2. (fotografia do autor F.P.)

## Fachadas caiadas de branco

A utilização da cal nas fachadas das moradias, além de se revelar uma forma económica de acabamento das paredes, é uma característica da arquitetura tipicamente algarvia.



**Figura 68** - Fachada caiada de branco do Tipo B2, na rua Azevedo Coutinho. (fotografia do autor F.P.)

## 2.5. Alterações efetuadas ao longo dos anos

A partir da década de 70, à medida que os moradores, passados os 20 anos definidos pelo decreto Lei nº 23 053/33, passaram a ter propriedade plena sobre a sua moradia, a entrada de projetos de alteração na Câmara Municipal de Faro foi-se multiplicando.

Estes projetos de alteração tiveram a sua origem em variadas ordens de razões, como sejam:

- necessidade de ampliação
- problemas decorrentes da manutenção
- “desvinculação” da identificação com um “bairro económico”

Considera-se importante salientar que, a época em que os moradores se tornaram proprietários, coincidiu sensivelmente com a alteração no regime político vigente, provocada pela Revolução do “25 de Abril” de 1974.

Em plena época do PREC (Processo Revolucionário Em Curso), as competências sobre a jurisdição das Casas Económicas foram sendo alteradas (variados normativos), sendo importante referir a extinção da figura do ‘Fiscal do Bairro’ (artigo 8º do Dec. Lei nº 566/75 de 3 de Outubro), cuja função consistia na preservação de todas as características iniciais das moradias. Assim, de acordo com o artigo 10º do mesmo normativo:

1. As casas económicas ficam sujeitas à legislação aplicável no respectivo concelho, designadamente quanto a licenciamento de obras e conservação de edifícios.

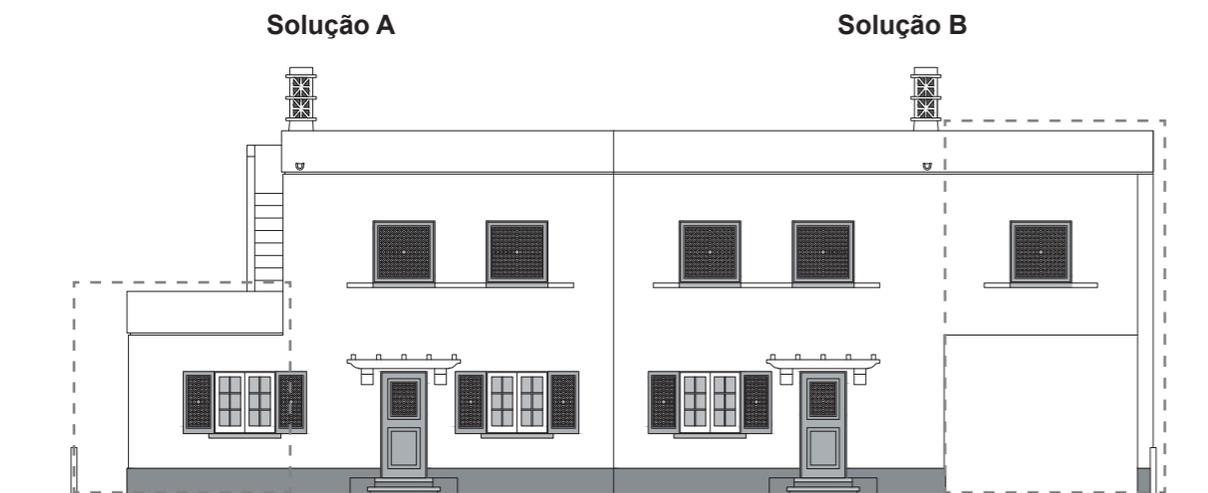
2. Durante o período de amortização, as obras de ampliação carecem de aprovação prévia do Fundo de Fomento da Habitação, devendo o morador-adquirente fazer prova da sua capacidade económica para suportar integralmente as obras, podendo o Fundo ordenar um inquérito social para se certificar da situação (Ministério do Equipamento Social e do Ambiente – Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo – Fundo de Fomento da Habitação, 1975, p.1542).

De acordo com depoimentos de moradores originais do Bairro, até então, não era possível efetuar quaisquer alterações (cores, características das portas e janelas...).

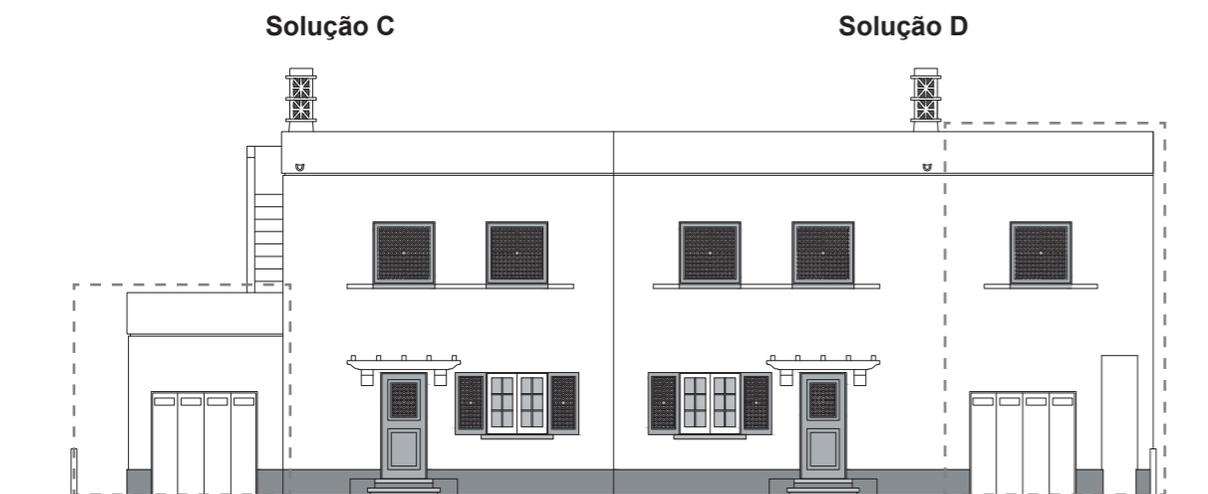
As poucas alterações efetuadas anteriormente consistiram na ampliação da moradia, por construção de garagem anexa à casa (terreno lateral). Esta alteração contudo, obedecia a normas estipuladas, com recuo da garagem cerca de 0.75 m em relação à casa, mantendo corredor de acesso ao quintal traseiro, preservando, dessa forma, o jogo de volumes e sombras.



Figuras 69 e 70 - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)



**Figura 71** - Solução A (Esq.) e Solução B (Dir.) (desenho do autor F.P. a partir da palnta no Arquivo SIPA/ IHRU/ DIBA/ Forte de Sacavém)



**Figura 72** - Solução C (Esq.) e Solução D (Dir.) (desenho do autor F.P. a partir da palnta no Arquivo SIPA/ IHRU/ DIBA/ Forte de Sacavém)

Documentos consultados no arquivo do Forte de Sacavém, permitem verificar a existência de propostas para a ampliação lateral das moradias, tal como exemplificado nas figuras e fotografias.



**Figuras 73 e 74** - Solução A (Esq.) e Solução B (Dir.), Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)



**Figuras 75 e 76** - Solução C (Esq.) e Solução D (Dir.), Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

Em 1982, o Decreto-Lei nº 214/82 de 29 de Maio, no seu artigo 1º, extingue o fundo de Fomento da Habitação, passando as suas competências, de acordo com o artigo 3º, para os serviços da área de habitação e urbanismo do ministério da Habitação, Obras Públicas e Transportes (Ministério da Habitação, Obras Públicas e Transportes, 1982, p. 1477).

Nas imagens seguintes verifica-se a evolução do Bairro e da sua envolvente ao longo dos anos.



Figura 77 - 1948 (Projeto), Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)



Figura 78 - 1953, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)





Figura 79 - 1975 - 1980, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)



Figura 80 - 2016, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)

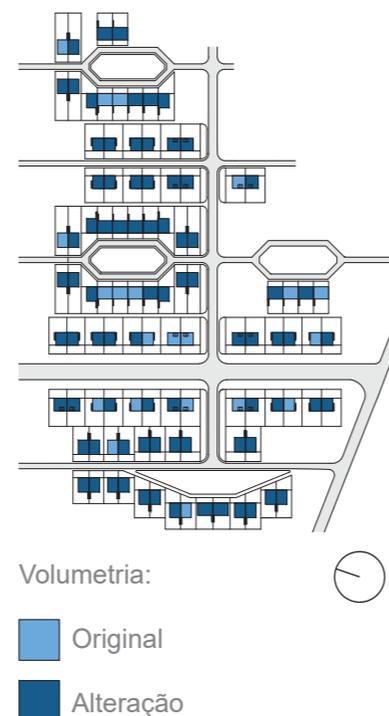


## 2.5.1. Motivos das alterações

### Necessidade de ampliação das moradias por parte dos seus habitantes

Como referido em 1.2.1., de acordo com a política económico/habitacional do Estado Novo, o acesso a uma classe e/ou tipologia de habitação, era realizada consoante o rendimento salarial, o que pressupunha uma não progressão profissional e social e/ou o aumento da dimensão do agregado familiar (descendentes e/ou ascendentes). Tal como já mencionado, embora tivesse havido ampliação das moradias em época anterior, desde o momento em que os moradores passaram a proprietários das suas casas, as alterações a nível de ampliação proliferaram no Bairro.

Estas ampliações conduziram a profundas alterações, quer em termos de volumetria (embora nunca excedendo o 1º andar), quer em termos de elementos arquitetónicos (remoção de elementos característicos ou adição de elementos estranhos à arquitetura original).



**Figura 81 - Volumetria:**  
Original e Alteração 1953-2016,  
Bairro do Bom João, Faro.  
(desenho do autor F.P.)

### Problemas decorrentes da Manutenção

Com o passar dos anos, a exposição a um sol particularmente intenso na maior parte do ano e a humidade marítima, foram deteriorando os materiais constituintes das portas e janelas, nomeadamente as madeiras e as dobradiças de ferro das persianas de abertura com charneira superior, havendo necessidade de os substituir.

Numa época de algum “vazio” legislativo e/ou liberal relativamente à jurisdição de alterações, cada morador foi substituindo as persianas de madeira por outras de uso corrente na altura (estores) e/ou por persianas de alumínio cinzento (o único existente inicialmente), um pouco ao seu próprio gosto.

De igual forma, as portas com os seus postigos característicos foram dando lugar a outras, de acordo com os materiais “modernos” dessa época (normalmente alumínio) e o conceito estético próprio de cada morador.

### **“Desvinculação” da identificação com um “bairro económico”**

Considerando que a ideia inicial da construção deste Bairro conotava os seus moradores como pessoas pertencentes a um nível social com menor poder económico, a sua ascensão, especialmente após o “25 de abril” de 1974, poderá ter conduzido a uma necessidade de “desvinculação” a uma classe social à qual consideravam já não pertencer.

Este aspeto, aliado ao facto de se terem tornado proprietários das moradias, aquando da realização de obras de manutenção e/ou ampliação, terá contribuído para a substituição, ou mesmo remoção, de elementos que conferiam a identidade ao Bairro.

A época das remodelações maciças ocorridas neste conjunto urbano, caracterizou-se, entre outros aspetos, pela remoção de materiais considerados “menos nobres”, como foi o caso das lajes de calcário bujardadas (degraus exteriores e parapeitos das janelas) e sua substituição por pedras de mármore, sem qualquer ligação com os materiais arquitetónicos da região.

De igual forma, as persianas de estilo *muxarabi*, foram substituídas por persianas de correr (estores), conferindo ao Bairro uma suposta ideia de atualidade.

Todos estes aspetos foram, progressivamente, dando origem a uma descaraterização de todo um conjunto que, esteticamente, possuía uma identidade própria.

### **Nova ‘qualificação social’ do espaço**

O Bairro do Bom João do início do Século XXI em termos da sua envolvente, pouco tem a ver com a época em que foi construído. Atualmente, existem numerosas urbanizações à sua volta, umas que mais se assemelham a uma nova muralha entre a cidade e o mar e outras (na zona em torno da Ermida de Santo António), continuando o carácter unifamiliar.

A envolvente atual do Bairro, caracteriza-se pela existência de escolas (Colégio, Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos, Secundária e Conservatório de Música), supermercados, farmácia...

Se, na época do Estado Novo e da política de habitação social das moradias de renda económica, a área geográfica na qual foi implantado o Bairro do Bom João, correspondeu a uma qualificação social do espaço conotada com uma população mais carenciada, na atualidade, esta é considerada uma zona “nobre” da cidade, com muita procura por parte de um estrato social mais “endinheirado”.

Em plena crise económica, com grande parte dos moradores iniciais já falecidos, tem-se verificado a existência de muitas moradias colocadas à venda, moradias essas que têm estado a ser adquiridas por um segmento populacional económica e socialmente mais elevado.

Dada a ausência de espaço para a construção de moradias unifamiliares dentro da cidade, a maioria da população residente na área urbana de Faro não tem acesso a este tipo de habitação, verificando-se atualmente um interesse crescente pela aquisição de

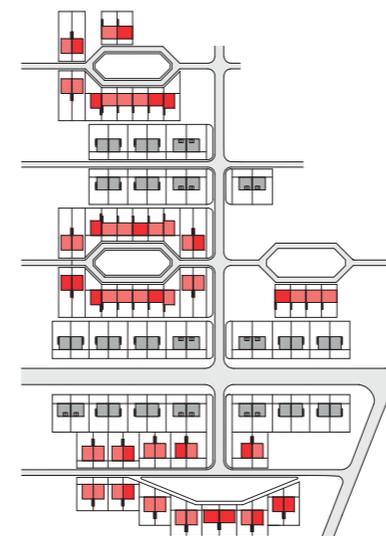
casas do Bairro.

Os novos moradores, provavelmente desconhecedores do histórico do envolvimento da moradia que adquiriram, estão a proceder a alterações, por um lado, em função das suas necessidades de espaço e por outro, em função da sua conceção de uma arquitetura de carácter mais atual.



Refira-se a este propósito, a ausência por parte da Câmara Municipal de Faro, de um conjunto de diretrizes que permitam a manutenção das características identitárias do Bairro.

**Figura 82** - Bairro do Bom João, Faro, anos 70. (<http://adefesadefaro.blogspot.pt>)



Legenda:

- Original: Piso 0
- Alteração: Piso 1

**Figura 83** - Tipos A construção de um 1º andar 1953-2016, Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)

## 2.5.2. Principais alterações efetuadas:

Nas casas de tipologia A, as principais ampliações consistiram na construção de um 1º andar, por cima da açoteia, normalmente associado à constituição de novas famílias, por casamento de descendentes dos moradores iniciais. Foram utilizadas diferentes soluções de acesso ao piso superior, conforme é possível identificar nas fotografias apresentadas.

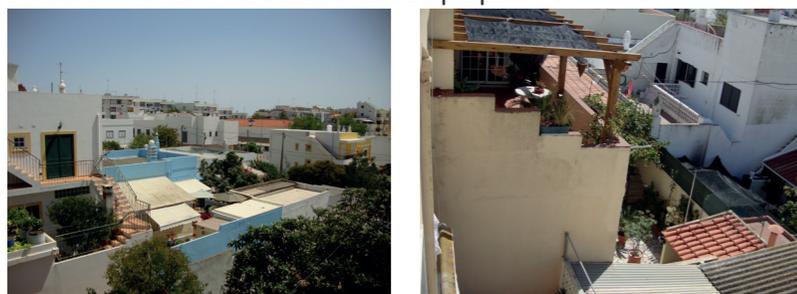


**Figuras 84 a 87** - Diferentes soluções de acesso ao 1º andar Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)



**Figuras 88 e 89** - Um bom exemplo de alteração para Original Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

Saliente-se a existência de uma moradia, totalmente construída de raiz, por derrube da existente que, se considera um bom exemplo de alteração, de acordo com a manutenção das características que conferem ao bairro a sua identidade própria.



**Figuras 90 e 91** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

Em ambas as tipologias (A e B) foram realizadas ampliações laterais, apenas de rés-do-chão ou também de 1º andar. Verifica-se ainda a existência de ampliações na zona posterior à casa, por prolongamento do edifício ou através de construções realizadas no quintal das moradias.

Além das ampliações referidas, outras alterações pequenas, mas nem por isso menos importantes, foram efetuadas, destacando-se as seguintes:



Legenda:

- 1 Família
- 2 Familiares
- 3 Familiares

**Figura 92** - Moradias que passaram a ser de mais do que uma família 1953-2016. Bairro do Bom João, Faro. (desenho do autor F.P.)

## Pingadouros

Os problemas com o escoamento das águas da chuva muito perto das portas de entrada, aliados à abertura de fissuras do chão (predominantemente de calçada), motivou alguns moradores a suprimirem os pingadouros existentes, optando pelo entubamento das águas pluviais.



**Figuras 93 e 94** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

## Recorte na platibanda

O recorte da platibanda acumulava sujidade e, com o passar dos anos, os proprietários optaram pela sua supressão (por preenchimento).



**Figuras 95 e 96** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

## Chaminés

As chaminés originais possuíam saídas de ar muito grandes, por onde entrava a água da chuva, tendo havido por parte de moradores a sua remoção e substituição por chaminés de fibrocimento (pré-fabricadas).



Figuras 97 e 98 - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

## Bases para Floreiras no 1º andar das moradias de tipologia B

A inexistência de um gradeamento, ou outra solução, que impossibilitasse a queda de vasos em dias de muito vento, aliada à substituição das persianas de abertura com charneira superior por persianas de abertura lateral, tornou inviável a colocação de vasos, levando alguns moradores a optar pela sua remoção.



Figuras 99 e 100 - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

## Persianas das janelas do 1º andar nas casas de tipologia B

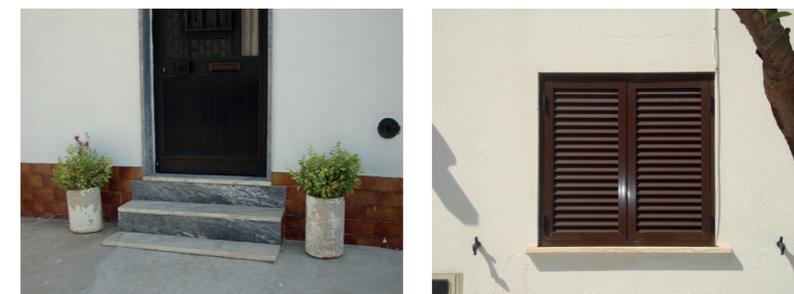
Devido a problemas de manutenção (e.g. apodrecimento de madeiras), muitos moradores optaram pela substituição das persianas de abertura com charneira superior, por persianas em PVC ou em alumínio (cores variadas) e design de ripas simples.



Figuras 101 e 102 - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

## Peitoris das janelas e degraus exteriores

Por razões que, provavelmente, se devem às novas conceções estéticas (questionáveis) e ideia de modernidade, aliadas à hipotética necessidade de identificação com estratos sociais mais elevados, aspetos acima já referidos, alguns moradores substituíram as lajes de pedra calcária bujardada grossa, de tom cinza, por mármore (branco ou de outras cores).



Figuras 103 e 104 - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

## Pérgulas

As aberturas das pérgulas (tal como foram construídas) não permitia a proteção da chuva junto à porta de entrada das habitações. Como tal, vários moradores alteraram a construção inicial, transformando-a em “telhadinhos”, lajeamento, ou mesmo retirando-as totalmente.



Figuras 105 e 106 - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

## Acesso à habitação

Atendendo ao envelhecimento dos moradores originais e às suas dificuldades de locomoção, o facto da inexistência de corrimão ou outro tipo de apoio, motivou alterações no formado das escadas de acesso às habitações.



Figuras 107 e 108 - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

## Pintura das fachadas

A manutenção das moradias tem implicado a necessidade de pintura a nível das fachadas, pelo que, embora a maioria das habitações mantenha cores claras, alguns moradores têm optado pela utilização de cores diferentes do branco original, verificando-se o aparecimento de vários tons de bege, rosa, cinzento, azul...



Figuras 109 a 112 - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)



## A Minha Terra

Terra de Santa Maria  
Terra morna e morema,  
Onde tem mais luz o dia  
E a noite é mais amena.

Onde o Sol acorda e pinta  
Sempre sorrindo, contente,  
Porque lá pró fim do dia  
Entorna por sobre a ria  
Todos os restos de tinta  
Que lhe sobra do poente...

Reino de luz, terra amada,  
Sempre moça e debruçada  
Sobre o mar... Até parece  
Que fica sempre rezando  
Por alguém que anda vogando  
Enquanto o Sol adormece.

Raul de Matos, *Que terra é essa, o Algarve?!... (Poemas)* (p.13)  
(morador original do Bairro do Bom João)

## 3. Conclusão

Ao concluir esta reflexão sobre o Bairro do Bom João em Faro, gostaria de salientar alguns aspetos que me parece importante referir no que diz respeito às dificuldades sentidas:

- a nível de pesquisa sobre o Bairro, no que se refere a fontes: nem a Câmara Municipal de Faro, nem o Arquivo Distrital, nem mesmo o Arquivo do Forte de Sacavém, me conseguiram fornecer material que considero, seria muito importante para uma melhor compreensão do Bairro em estudo, nomeadamente no que diz respeito à sua origem e, especialmente, às suas características arquitetónicas, não tendo sido possível encontrar a Memória Descritiva do projeto;
- de acesso às próprias fontes de pesquisa, porque, uma vez que sou surdo, precisei sempre de alguém que falasse/ouvisse por mim e, apesar da boa vontade e ajuda preciosa de todos, foi difícil conseguir conciliar as disponibilidades de quem se prestou a acompanhar-me a cada sítio.

A realização deste trabalho permitiu-me uma experiência de pesquisa e integração de alguns dos conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura em Arquitetura e a sua aplicação prática no estudo de um projeto urbanístico que, como referi inicialmente, possui um significado muito especial para mim.

Ao longo da pesquisa efetuada, pude perceber como o movimento Modernista influenciou as conceções arquitetónicas de uma época

em que, apesar de uma filosofia política preconizando o regresso a estilos mais tradicionalistas, foi possível implementar muitos dos conceitos do modernismo, não só no que se refere à utilização geométrica dos projetos dos edifícios, como também nos jogos de luz e sombras que o caracterizam.

Os anos de ocupação muçulmana deixaram as suas marcas na conceção deste projeto, mas também os elementos característicos de uma arquitetura tradicional algarvia, a que o clima conferiu um relevo especial.

Foi interessante perceber a origem das preocupações político/sociais que presidiram à necessidade de construção de bairros de habitação social e foi grato para mim, poder aprofundar um pouco a evolução de uma envolvente do bairro que me deixou recordações de infância.

As características das casas do Bairro, refletindo a influência da arquitetura da região no que se refere aos pormenores assinalados (e.g., reixas *muxarabi*, açoteia...), revelam as preocupações de Eugénio Correia a nível da preservação de um património arquitetónico não erudito, a par das influências do movimento modernista no que diz respeito aos movimentos de luz e sombra, conseguidos com a introdução de elementos como as bases para floreiras e os pingadouros.

Tal como Raul Lino, nome incontornável associado à procura de uma identidade arquitetónica portuguesa, com quem Eugénio Correia trabalhou, também este projeto revela a preocupação com a compreensão do sítio no qual foi implantado, utilizando materiais tradicionais da região (e.g., cal).

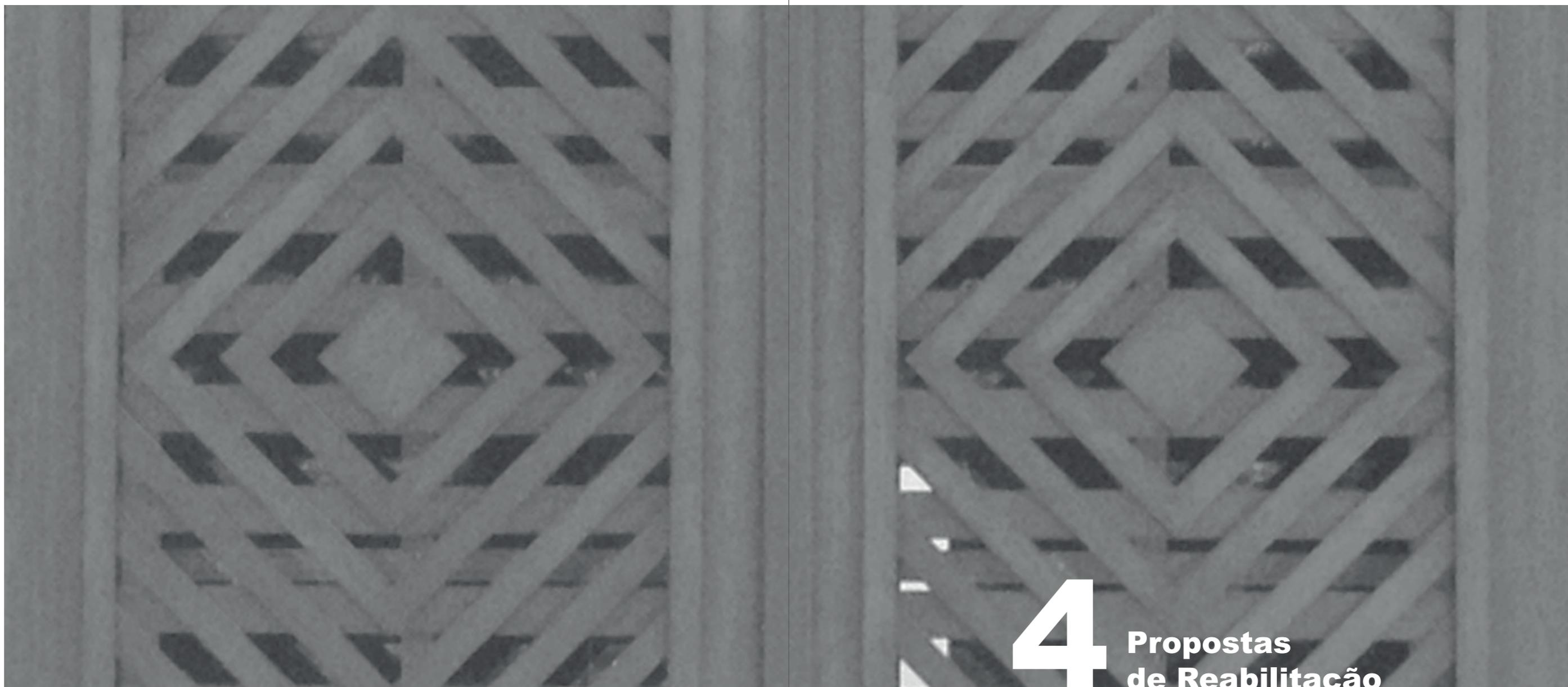
Verifica-se a valorização do espaço interior, que, embora simples, responde às necessidades de quem habita as moradias e, essencialmente do espaço exterior, dotado de áreas de jardim, mini-horta ou lazer, ideais num clima como o do Algarve.

A descoberta de pormenores na conceção arquitetónica dos

alçados, permitiu perceber a riqueza identitária deste conjunto urbano, mas também, a perceção da sua vulnerabilidade ao passar do tempo e ao desconhecimento/desvalorização da sua importância num património já raro nas cidades, sobretudo no Algarve, marcado pela massificação do turismo.

No decurso da pesquisa no terreno, relativa aos elementos originais, especialmente nas habitações pouco ou nada alteradas, ou nas remodelações que mantiveram o mais possível os elementos originais, percebi de facto, a beleza e riqueza arquitetónica do projeto original.

Foi no entendimento da necessidade de preservar algo que constituiu uma marca de uma época, que me atrevi a sugerir algumas pistas no sentido de conciliar as necessidades de mudança com a manutenção de características que pudessem oferecer um carácter genuíno ao Bairro, por forma a não perder a sua identidade.



# 4

**Propostas  
de Reabilitação**

## **4. Propostas de Reabilitação**

Considerando a relevância de salvaguardar/preservar um património de inspiração não só na arquitetura tradicional algarvia, como também no movimento modernista e sua adaptação às ideias do Estado Novo, consecutivamente descaracterizado por décadas de alterações, afigura-se importante que possa haver alguma continuidade na manutenção dos elementos arquitetónicos relevantes, embora numa perspetiva de renovação.

Nesse sentido, tendo em atenção os aspetos referidos anteriormente no que diz respeito às necessidades de ampliação das moradias e/ou substituição de elementos por questões inerentes à sua manutenção (e.g., janelas, portas, reixas...), ineficácia (e.g., pequenas pérgulas da entrada, pingadouros, chaminés...) e/ou adequação às necessidades (ampliação, escadas de acesso...), afigura-se importante um conjunto de princípios que possam sensibilizar/alertar para a riqueza de pormenores e nortear as alterações a efetivar no futuro, por forma a permitir a manutenção do carácter identitário do Bairro.

Seguindo a ideia defendida pelos arquitetos no I Congresso Nacional de Arquitectura (1948), sobre a necessidade de uma arquitetura contemporânea, que tivesse contudo como base a arquitetura tradicional portuguesa (Perna & Vicente, 2009), no que se refere à requalificação das moradias, considera-se importante que se privilegie a manutenção das características arquitetónicas originais, apresentando-se em seguida sugestões/propostas relativamente aos principais elementos que têm sido alterados.

Apresentam-se em seguida propostas e fotografias das alterações, sendo a 1ª um exemplo a evitar e a 2ª um exemplo a seguir.

### **Pérgulas**

Sugestão: manter, tapando as aberturas para proteção da chuva, podendo ser usada por exemplo, uma cobertura de policarbonato translúcido ou acrílico, para proteção da chuva, solução que não altera esteticamente o alçado da construção inicial.



**Figuras 113 e 114** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

### **Chaminés**

Sugestão: reduzir as saídas de ar, mantendo contudo a chaminé original.



**Figuras 115 e 116** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

### **Pingadouros**

Sugestão: tendo em atenção o seu valor estético a nível da fachada principal, especialmente no que se refere ao jogo de volumes numa fachada essencialmente plana e sem ornamentos, seria de manter a peça original e entubar as águas pluviais lateralmente, como solução do problema anteriormente referido.



**Figuras 117 e 118** - Pingadouros (supreção e manutenção com entubamento lateral das águas pluviais), Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

### **Persianas das janelas do 1º andar nas casas de tipologia B**

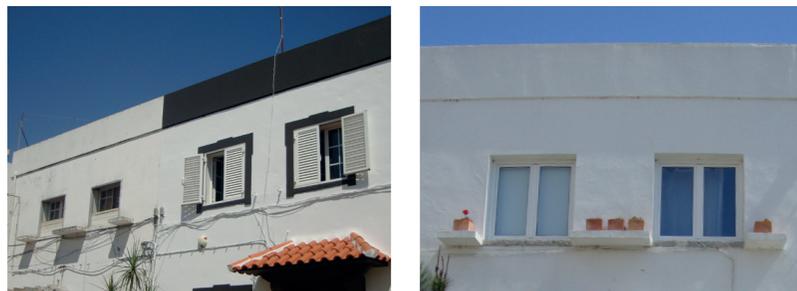
Sugestão: substituição, embora podendo ser em alumínio, de persianas com o design original, com a possibilidade de retomar as cores originais, dentro do possível.



**Figuras 119 e 120** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

### **Bases para Floreiras no 1º andar das moradias de tipologia B**

Sugestão: manter, embora sem o uso para o qual foram construídas, tendo em consideração que se constituem como um elemento estético apreciável na composição do alçado, conferindo-lhe ao longo do dia um interessante jogo de sombras.



**Figuras 121 e 122** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

### **Peitoris das janelas e degraus exteriores**

Sugestão: utilização de materiais do mesmo tipo dos originais (pedra calcária bojardada).



**Figuras 123 e 124** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

### **Acesso à habitação**

Sugestão: embora pudesse ser alterada a forma das escadas, seria de preservar, dentro do possível as lajes iniciais ou, em sua substituição, o mesmo tipo de pedra, com a colação de corrimões laterais para auxílio na subida/descida com um desenho simples e igual para todos.



**Figuras 125 e 126** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)

### **Pintura das fachadas**

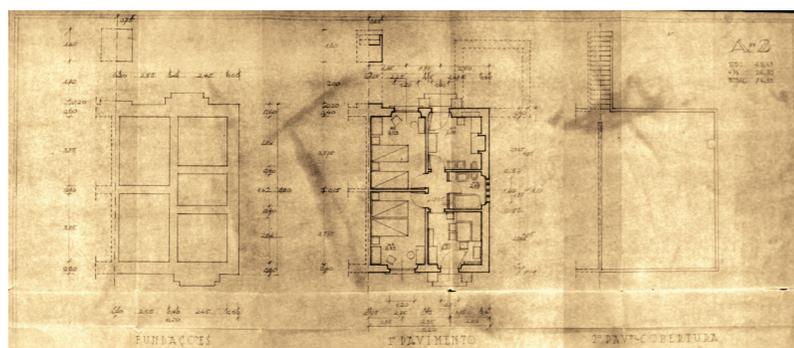
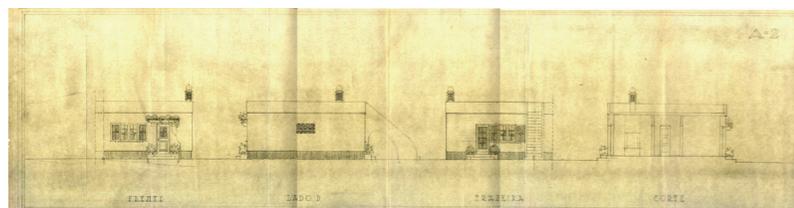
Sugestão: Podendo pintar-se as fachadas de cores diferentes do branco, seria de privilegiar o uso de tons claros, permitindo a manutenção dos jogos de luz/sombra.



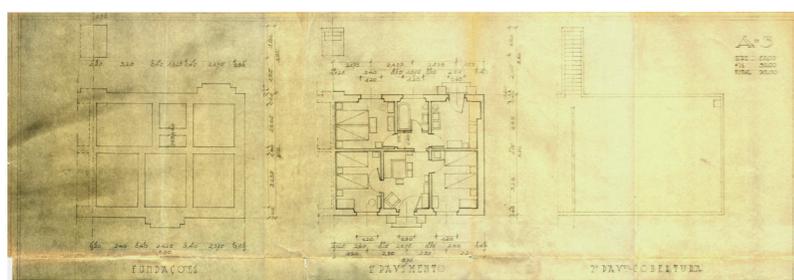
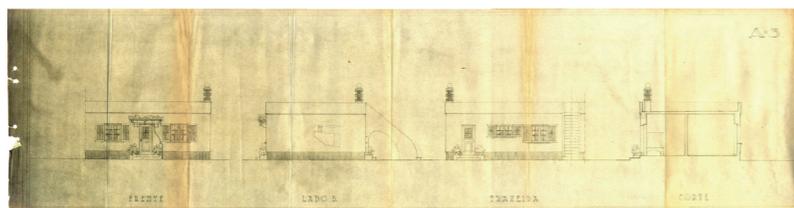
**Figuras 127 e 128** - Bairro do Bom João, Faro. (fotografia do autor F.P.)



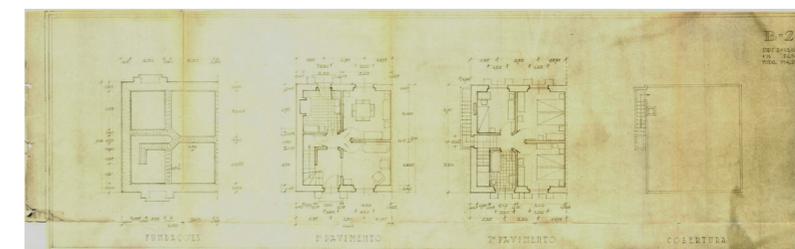
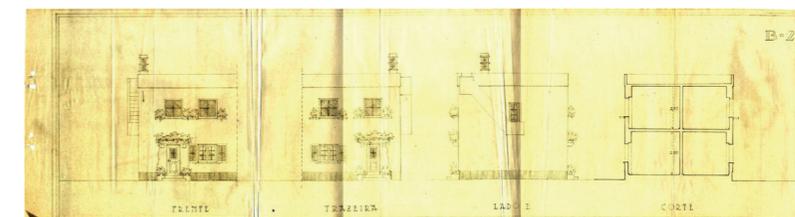




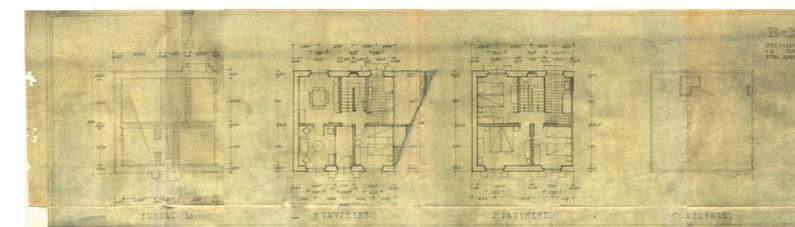
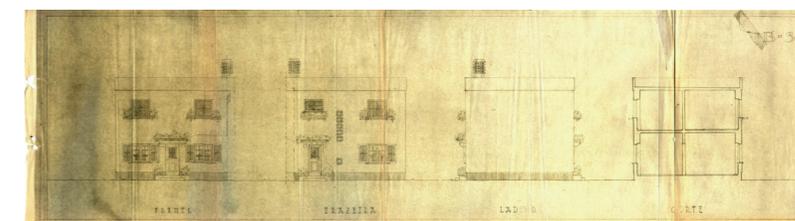
Tipologia A2 do Bairro do Bom João, Faro 1948. Plantas, alçados e cortes de conjunto escala 1:100, original do Arquivo Distrital de Faro



Tipologia A3 do Bairro do Bom João, Faro 1948. Plantas, alçados e cortes de conjunto e Escala 1:100, original do Arquivo Distrital de Faro



Tipologia B2 do Bairro do Bom João, Faro 1948. Plantas, alçados e cortes de conjunto escala 1:100, original do Arquivo Distrital de Faro



Tipologia B3 do Bairro do Bom João, Faro 1948. Plantas, alçados e cortes de conjunto escala 1:100, original do Arquivo Distrital de Faro

## Referências

### Monografia/ Livro:

Antunes, A.M., Gomes, A.A., Menéres, A., Freitas, A.P., Araújo, A., Martins, A.P. ..., & Pimentel, R. (1961/1988). *Arquitetura Popular em Portugal (3ª Ed.)*, Vol. 3. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.

Baptista, L. V. (1999). *Cidade e Habitação Social: o Estado Novo e o Programa das Casas Económicas em Lisboa*. Oeiras: Celta Editora.

Fernandes, J. M. & Janeiro, A. (2008). *A Casa Popular do Algarve, espaço rural e urbano, evolução e actualidade*. Faro: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.

Ferreira, C. A. (1991). *Elogio histórico do arquitecto Eugénio Corrêa: Proferido pelo académico efectivo Professor Catedrático Carlos Antero Ferreira em sessão ordinária da Academia Nacional de Belas-Artes no dia 6 de Junho de 1989*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.

Marques, M. G. M. (1999). *O Algarve da Antiguidade aos Nossos Dias*. Lisboa: Colibri.

Milheiro, A.V. (2009). Prefacio. In A. V. Milheiro (Coord.) *Habitar em Colectivo: arquitectura portuguesa antes do SAAL. Catálogo da*

exposição "Habitar em Colectivo", 4º ano do Mestrado Integrado em Arquitectura do ISCTE (pp. 08-015). Lisboa: CIAAM, ISCTE-IUL.

Paula, F. (1999). A arquitectura e o urbanismo no Estado Novo: os casos de Lagos e Faro. In M. G. M. Marques (Coord). *O Algarve da Antiguidade aos Nossos Dias* (pp. 571-574. Lisboa: Colibri.

Paula, R. M & Paula, F. (1993). *Faro, Evolução Urbana e Património*. Faro: Câmara Municipal de Faro.

Perna, A. F. & Vicente, C. (2009). Eugénio Correia: Bairro Eng.º Duarte Pacheco. In A. V. Milheiro (Coord.) *Habitar em Colectivo: arquitectura portuguesa antes do SAAL. Catálogo da exposição "Habitar em Colectivo", 4º ano do Mestrado Integrado em Arquitectura do ISCTE* (pp. 022-026). Lisboa: CIAAM, ISCTE-IUL.

Vedes, L. (2010). *FARO – retratos "à la minuta"*. Loulé: Gráfica Comercial.

Quitério, P. (2007). Arquitecturas ou vivências de un espaço (Algarve-Portugal). In *Arquitectura vernácula en el mundo ibérico: actas del congreso internacional sobre arquitectura vernácula* (pp. 312-319). Universidad Pablo de Olavide, de Sevilla.

#### **Artigos em Revistas:**

Agarez, R. (2013). Regional identity for the leisure of travellers: early tourism infrastructure in the Algarve (Portugal), 1940 – 1965, *The Journal of Architecture*, 18(5), 721-743.

Baptista, L. V. (1998). Casas, família ideologia: a emergência da política de 'moradias unifamiliares' em Portugal, *Revista Ler História*, 34, 137-164.

Carvalho, R. (2013). A cidade social. Impasse. Desenvolvimento.

Fragmento, *P+C: proyecto y ciudad, revista de temas de arquitectura*, 4, 21-32.

#### **Referências na Web:**

Câmara Municipal de Faro (s/d). Faro na História. Acedido em 03-07-2016 em <http://www.cm-faro.pt/menu/78/faro-na-historia.aspx>

Costa, J. (2009). Chaminés algarvias e outros elementos arquitectónicos. Acedido em 17-02-2016 em <http://algarvepontosdevista.blogspot.pt/2009/09/chamines-algarvias.html>

Cristina, A. (2009). Chaminé Algarvia. Acedido em 31-03-2016 em [Http://foto-historia-cristina.blogspot.pt/2009/05/chamine-algarvia](http://foto-historia-cristina.blogspot.pt/2009/05/chamine-algarvia)

Leal, J. (2011). Crónicas de um outro Algarve: inventariar e preservar reixas. Acedido em 15-02-2016 em <http://www.jornaldoalgarve.pt/joao-xavier-11/>

SIPA (s/d). Bairro de Casas Económicas de Faro: Bairro do Bom João. Acedido em 31-03-2016 em [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=20452](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20452)

SIPA (s/d). Bairro de Casas para Pescadores da Fuseta. Acedido em 19-10-2016 em [http://www.monumentos.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=25815](http://www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25815)

Wikipedia (s/d). Algarve. Acedido em 28-03-2016 em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Algarve#Clima>

Wikipedia (s/d). Eugénio Correia. Acedido em 15-02-2016 em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%A9nio\\_Correia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%A9nio_Correia)

## **Metodologia:**

- Investigação documental e sua análise:
- Câmara Municipal de Faro;
- Arquivo Distrital de Faro (documental da cota O/B.2);
- Arquivo do Forte de Sacavém.
- Levantamento Fotográfico atual
- Levantamento fotográfico ao longo dos anos (recurso a fotografias de particulares)

American Psychological Association (2010). Publication Manual of American Psychological Association (6ª Ed.). Washington, DC: American Psychological Association.

Campos, M.A. (1949). Projecto de Urbanização do Bairro de Moradias Económicas, em Faro. I – Pavimentação dos arruamentos. Memória descritiva e justificativa (Arquivo Distrital de Faro, Projeto não publicado). Faro: Arquivo Distrital de Faro.

Presidência do Conselho - Sub-Secretariado de Estado das Corporações e Previdência Social (1933). Decreto-Lei n.º 23:052 de 23 de Setembro. Diário do Governo n.º 217/1933, Série 1 (pp. 1664-1671). Lisboa: Casa da Moeda.

Novais, H. (1935-1938). Bairro do Consórcio Português de Conservas de Peixe [Olhão, Algarve, Portugal]. Estúdio Horácio Morais (Coleção Privada). Lisboa: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

